FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

Jacques Prévert | Eudora Welty | Saul Bellow | Jean Giono | Philip K. Dick | Fay Weldon | Harold Brodkey | Samuel Beckett

Direcção: Luísa Costa Gomes | Edição: Editorial Caminho

15

O envio de contos supõe a autorização para a sua publicação, se seleccionados pela direcção da revista, na edição em papel ou na sua versão *online* no *site www.ficcoes.net*

A primeira página dos originais enviados deverá incluir um nome e e-mail para contacto.

Os pedidos de assinatura ou de números atrasados da revista devem ser enviados, acompanhados do respectivo cheque de pagamento, para:

Editorial Caminho
Revista *Ficções*
Av. Almirante Gago Coutinho, 121
1700-029 Lisboa

Poderá também fazer o seu pedido e o respectivo pagamento por e-mail para:
ficcoes@editorial-caminho.pt

Assinaturas

PORTUGAL
2 Números (1 Ano) — 20 euros
4 Números (2 Anos) — 35 euros

EUROPA
2 Números (1 Ano) — 25 euros

RESTO DO MUNDO
2 Números (1 Ano) — 30 euros

Números atrasados (cada):

do n.º 1 ao n.º 6 — 6 euros
do n.º 7 ao n.º 8 — 8 euros
do n.º 9 ao n.º 10 — 10 euros
Números especiais (temáticos) — 3,99 euros (cada)

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS N.º 15
1.º SEMESTRE DE 2007

Direitos de autor:

Texto pedido a Jacques Prévert por Georges Ribemont-Derraigues para a revista *Bifur*, 1930 © Editions Gallimard 1949; Copyright © Russel & Volkening, Inc.; Copyright © 1951, 1957, 1967, 1968 The Estate of Saul Bellow; Copyright © Jean Giono; Copyright © texto reimpresso com autorização do autor e dos agentes literários do autor, Scovil Chichak Galen Literary Agency, Inc.; Copyright © Fay Weldon 1981; Copyright © David Godwin Associates; Copyright © John Calder Publications

Ficções
ficcoes@editorial-caminho.pt
www.ficcoes.net

Direcção
Luísa Costa Gomes

Impressão
Tipografia Lousanense, L.da

Distribuição
Editorial Caminho, SA

Tiragem
1800 exemplares

Depósito Legal
233 171/05

Edição
Editorial Caminho, SA
Av. Almirante Gago Coutinho, 121
1700-029 Lisboa
www.editorial-caminho.pt

© Ficções 2007 e Editorial Caminho 2007

Índice

5 Jacques Prévert ***Recordações de família ou o anjo da guarda prisional***

23 Eudora Welty ***Porque vivo no posto dos Correios***

45 Saul Bellow ***À procura do Sr. Green***

81 Jean Giono ***O homem que plantava árvores***

97 Philip K. Dick ***A formiga eléctrica***

129 Fay Weldon ***Fim-de-semana***

157 Harold Brodkey ***Verona: fala uma rapariga***

169 Samuel Beckett ***Imaginação morta imagina***

181 ***Ouvido no escuro I e II***

Jacques Prévert

Recordações de família ou o anjo da guarda prisional

Tradução de Graça Macedo
Revisão de José Lima e Luísa Costa Gomes

Jacques Prévert (1900-1977), poeta e argumentista, nasce em Neuilly-sur-Seine, perto de Paris, numa família pequeno-burguesa e muito devota. Aos 15 anos, com o diploma do secundário, abandona os estudos e começa a trabalhar. É mobilizado em 1918 e enviado para o Próximo Oriente onde trava conhecimento com Yves Tanguy e Marcel Duhamel, com quem começa por associar-se ao movimento surrealista em 1925; mas cedo se afasta, tomando partido contra o autoritarismo de Breton e sem nunca aderir ao Partido Comunista. Espírito irreverente e revoltado, será antimilitarista e anticlerical toda a vida. Embora comece a publicar tarde – a primeira colectânea de poemas, *Paroles,* só sai em 1946 –, o seu sucesso como poeta é imediato, devido à linguagem aparentemente simples e ao recurso abundante a jogos de palavras, uma das características inconfundíveis do seu estilo. A partir dessa data e até 1966, edita regularmente vários volumes de poemas e torna-se um poeta célebre e popular. É autor dos argumentos e diálogos de alguns dos melhores filmes do cinema francês dos anos 40 – é dele o argumento de *Les Enfants du Paradis* de 1944 –, tendo colaborado com grandes realizadores em várias dezenas de filmes. Escreve também peças de teatro, nomeadamente para a companhia Octobre. O texto que aqui divulgamos, incluído no volume *Paroles*, é de 1930.

Vivíamos numa casinha em Saintes-Maries-de-la-Mer onde o meu pai se tinha estabelecido como fabricante de ligaduras.

Era um grande sábio. Um homem muito como deve ser e de uma rectidão que impunha respeito; os mosquitos picavam-no todas as manhãs na mão esquerda e ele todas as noites picava as babas com um palito japonês e jorravam esguichinhos de água. Era bem bonito, mas fazia rir os meus irmãos mais novos, e o meu pai esbofeteava um deles ao acaso, fugia a chorar e ia fechar-se na cozinha que lhe servia de laboratório.

Aí trabalhava silenciosamente e, ao pé dele, Marie-Rose, a nossa velha criada, preparava o jantar. Tiras de toucinho e ligaduras espalhavam-se pela bancada onde bocais cheios de cerejas em aguardente conviviam com outros onde havia bichas solitárias e bebés incompletos mergulhados em álcool.

Distraída, a velha confundia às vezes a queijeira com a máquina pneumática ou então esmagava candidamente o puré de castanhas com o mata-borrão, e quando, melhor ou pior, a refeição estava pronta, o meu pai tocava a trompa e sentávamo-nos todos à mesa.

As moscas e todos os bichos rastejantes lá da terra fervilhavam sobre a toalha, as baratas saíam do pão com muitas mesuras, e todo esse povo miúdo ia à sua vidinha, escondia-se debaixo dos pratos, mergulhava na sopa e estalava-nos nos dentes.

Havia também um padre; estava ali para a Educação; comia.

O meu pai foi o inventor de uma perna artificial aperfeiçoada; o seu êxito estava relacionado com o do movimento revanchista; por isso, a todas as refeições, evocava, abanando dolorosamente a cabeça, o calvário das cegonhas francesas, cativas nos campanários de Estrasburgo.

O abade escutava com emoção e depois, levantando-se de repente, como um deus que sai da sua caixa, de boca cheia e brandindo o garfo, lançava o anátema contra a escola sem Deus, os lares sem filhos, as raparigas sem calcinhas e a capital ébria de ingratidão.

E depois voltava-se à perna, à famosa perna.

– Compreende, senhor abade – dizia o meu pai –, uma perna por assim dizer verdadeira, uma perna mais verdadeira que as naturais. Uma perna de corredor, leve e macia, uma perna peso pluma, a que se dá corda como a um despertador.

E, olhando para mim, olhando depois para os meus irmãos com uma imensa ternura, tentava adivinhar qual de nós teria, mais tarde, a sorte de trazer ao peito a cruz

dos bravos e, dentro das calças, o objecto de arte, a deliciosa mecânica, a perna paterna.

Com uma voz que se ia avinhando pouco a pouco, falava da minha pobre mãe «morta tão jovem e tão bela que até desconhecidos a choravam»; acabava por rolar para debaixo da mesa, puxando a toalha como um sudário.

Íamo-nos deitar, no dia seguinte levantávamo-nos, era assim todos os dias, os dias faziam fila uns atrás dos outros, a segunda-feira que empurra a terça, a qual empurra a quarta e assim por aí adiante as estações.

As estações, o vento, o mar, as árvores, os pássaros. Os pássaros, os que cantam, os que vão de viagem, os que matamos; os pássaros depenados, estripados, comidos cozidos nos poemas ou pregados nas portas das granjas.

A carne também, o pão, o abade, a missa, os meus irmãos, os legumes, os frutos, um doente, o médico, o abade, um morto, o abade, a missa de finados, as folhas vivas, Jesus Cristo cai pela primeira vez, o Rei-Sol, o pelicano cansado, o mínimo denominador comum, o general Dourahkine, o Petit Chose [1], o nosso anjo da guarda, Blanca de Castela [2], o pequeno tambor Bara, o Fruto das nossas entranhas, o abade, sozinho ou com um pequeno camarada, a raposa, as uvas, a retirada da Rússia, a Destranca da Bastilha, a asma do Panamá e a artrite da Rússia, as mãos sobre a mesa, J.-C. cai pela enésima vez, abre um grande bico e deixa cair o queijo para reparar anos de ultraje irreparável, o nariz de Cleópatra na bexiga de Cromwell, e assim mudou a face do mundo, assim crescíamos, íamos à missa, instruíamo-nos e às vezes brincávamos com o burro no jardim.

Um dia, o meu pai recebeu a condecoração da Rubéola da legião de honra e perdeu muitos cabelos, gaguejou também um pouco e ganhou o hábito de falar sozinho; o abade olhava para ele, abanando tristemente a cabeça.

O abade era um homem de vestido, com olhos muito húmidos e mãos compridas, lisas e macilentas; quando se agitavam, faziam pensar bastante em peixes a morrer na pedra de um lava-loiças. Lia-nos sempre a mesma história, triste e banal história de um homem de outros tempos, com uma pêra no queixo, um cordeiro aos ombros e que morreu pregado em duas tábuas de salvação, depois de muito ter chorado a sua sorte, à noite, num jardim. Era um filho de família que falava sempre do pai – o meu pai isto, o meu pai aquilo, o Reino do meu pai, e contava histórias aos infelizes que o escutavam com admiração porque falava bem e tinha instrução.

Descretinizava os cretinos e, quando as trovoadas estavam quase a acabar, estendia a mão e a tempestade abrandava.

Curava também os hidrópicos, andava-lhes em cima da barriga dizendo que caminhava sobre as águas, e a água que lhes saía da barriga transformava-a em vinho; e aos que o queriam beber, dizia que era o seu sangue.

Sentado debaixo de uma árvore, parabolava: «Bem-aventurados os pobres de espírito, os que não tentarem compreender, porque hão-de trabalhar no duro, levar pontapés no cu e fazer horas extraordinárias que lhes serão contadas mais tarde no reino do meu pai.»

Entretanto, multiplicava-lhes os pães, e os desgraçados passavam pelos talhos esfregando só o miolo na

crosta, esqueciam-se pouco a pouco do gosto da carne e do nome dos mariscos e já não se atreviam a fazer amor.

No dia da pesca milagrosa, uma epidemia de urticária abateu-se sobre a região; daqueles que se coçaram demais, disse que estavam possessos do demónio, mas curou ali mesmo um infeliz centurião que engolira uma espinha, e isso causou forte impressão.

Deixava vir a si as criancinhas: de regresso a casa, ofereciam à mão paterna, que as açoitava com força, a nádega esquerda depois da direita, contando pelos dedos, a gemer, o tempo que os separava do reino em questão.

Expulsava do Templo os vendilhões de atacadores: nada de escândalo, dizia, o que é preciso é que não haja escândalo, os que pela espada matarem, pela espada morrerão... Os carrascos profissionais morriam de velhice nos seus leitos, ninguém recebia um tostão, toda a gente apanhava bofetadas, mas ele proibia de as dar a César.

As coisas já não corriam sobre rodas quando, um dia, ei-lo que trai Judas, um dos seus acólitos. Uma história singular: afirmava ter a certeza de que Judas havia de o denunciar, apontando-o a dedo a pessoas que o conheciam muito bem e de há muito tempo e, sabendo que Judas acabaria por traí-lo, não o preveniu.

Em suma, o povo põe-se a bramar Barrabás, Barrabás, morte à bófia, abaixo a padralhada e, crucificado entre dois chulos, um dos quais bufo, exala o último suspiro, as mulheres lançam-se ao chão soltando gritos de dor, um galo canta e o trovão faz o seu ruído habitual.

Confortavelmente instalado na sua nuvem almirante, Deus pai, da casa deus pai, filho e espírito santo & cia, dá um imenso suspiro de satisfação, logo a seguir estoiram obsequiosas duas ou três nuvens subalternas e Deus pai clama: «Louvado seja eu, bendita seja a minha santa firma, o meu filho bem amado recebeu a cruz, a minha empresa está lançada!»

Faz imediatamente encomendas e as grandes manufacturas de escapulários entram em transe, nas catacumbas recusa-se a entrada de pessoas e, entre as famílias que merecem esse nome, é de muito bom tom ter pelo menos dois filhos devorados pelos leões.

– Então, então, seus saltimbancos, apanho-vos a rir da nossa santa religião. E o abade, que estivera à escuta atrás da porta, avança para nós, untuoso e ameaçador.

Mas há muito que este personagem, que falava de olhos baixos remexendo nas suas santas medalhas como o guarda de uma prisão nas suas chaves, deixara de nos impressionar, e considerávamo-lo um pouco como um dos diferentes objectos que mobilavam a casa e a que o meu pai chamava pomposamente «recordações de família»: os armários provençais, as banheiras de semicúpio, os marcos fronteiriços, os palanquins e as grandes carapaças de tartaruga.

O que nos interessava, do que nós gostávamos, era de Costal, o Índio, era de Sitting-Bull, era de todos os caçadores de escalpes; e que ideia singular a de nos dar como mestre um homem de cara pálida e meio escalpado.

– Seus desgraçados, fazem chorar o vosso anjo da guarda, não têm vergonha? – diz o abade.

Desatámos a rir todos ao mesmo tempo, e o meu irmão Edmond, aquele a quem amarravam as mãos à noite desde que tivera a estúpida candura de falar demais no confessionário, tomou a palavra.

– Já chega, abade, já chega. Fique lá com as suas estúpidas histórias de anjos da guarda prisionais que rondam à noite espiando pelos quartos, vá fazer as suas perseguições para outro lado e fique a saber que, a partir de hoje, nesta casa, não será às joaninhas mas aos percevejos que chamaremos bichinhos de Deus [3]. Tenho dito.

E rebenta a confusão, o abade levanta o braço para bater, eu baixo-me e mordo o abade na coxa, ele berra, eu corro à cozinha para lavar a boca, volto, e o meu pai chega por sua vez aos berros.

– Sois uns meninos maus, não haveis de fazer a primeira comunhão. E a vergonha apossa-se dele, fá-lo dobrar-se para a frente, dá-lhe um murro no fígado e atira-o para cima de uma poltrona, com um tufo de cabelos na mão.

Depois, levantando-se de repente, vai direito ao abade:

E você desapareça, não conseguiu, como combinado, fazer com que estas crianças tomassem o messias por lanterna; aliás, aliás, as suas brincadeiras com a Marie-Rose e... com mil diabos, suma-se da minha vista. E já!

– Não tem que mo repetir – diz o abade. A maçã de Adão põe-se a rolar-lhe no pescoço como uma bola de naftalina num velho colete de flanela, baixa os olhos e desaparece muito digno, às arrecuas.

– Sofrer é apodrecer um pouco – disse o meu pai com uma voz muito suave e, despindo as calças, dobra-as com cuidado, mete-as debaixo do braço e desce para

o jardim, cantando em altos gritos uma canção que na altura nos pareceu especialmente abominável.

Era o Credo do camponês com uma pequena mistura de *Timélu la mélu pan pan ti mela padi la melu cocondu la Baya* [4].

Assustados, estávamos no quarto quando Marie-Rose nos trouxe uma carta e se deixou cair no chão aos gritos: «O patrão foi-se embora, foi-se embora, foi-se embora!...»

Li a carta em voz alta: «Meus filhos, considerai-vos como órfãos até ao meu regresso pouco provável. Ludovic.»

Esta carta pareceu-nos tanto mais surpreendente quanto o nome do meu pai sempre fora Jean-Benoît.

– Somos nós os donos deste bordel – disse o depravado do meu irmão.

Eu tinha dez anos, era o mais velho, passava a chefe de família e, assomando à janela, senti o parapeito estalar sob o peso das minhas responsabilidades.

Vestimo-nos de luto aliviado, *robialac* preta até à cintura e polainas brancas ao domingo, e começou uma nova vida, um pouco diferente da anterior, mas sempre com lua e sol alternadamente.

Uma tarde, a criada fugiu, depois de ter asfixiado o cão; asfixiar os animais era, aliás, uma mania dela: lá na terra chamavam-lhe ogresa e dizia-se que tinha experimentado o mesmo com o burro, mas que o burro lhe dera uma dentada.

Um dos meus irmãos apanhou tétano e morreu. Aborrecíamo-nos mortalmente, todos os dias se pareciam com o domingo; na rua as pessoas caminhavam com ar sério, verticalmente, e na praia despiam-se, banhavam-

-se, afogavam-se, safavam-se, voltavam a vestir-se e congratulavam-se, com uma pontualidade desoladora; tudo se misturava, o pão no capacho da entrada, o homem do gás e os sinos pelos mortos, pelos que se casam.

Uma ou duas vezes por mês, um grande proprietário organizava corridas de touros: eram a minha única distracção.

Punham-se os touros em fila, atrás de uma corda; um homenzinho disparava um tiro de pistola, outro cortava a corda e os touros partiam a galope e davam várias voltas à igreja. O primeiro a chegar era castrado com grande pompa e tomava o título de boi.

Foi num dia de corridas que olhei de muito perto e pela primeira vez para os olhos de uma menina. Estava muito quente, muito abafado, havia pessoas que cheiravam a suor e a comida, outras que lutavam com forquilhas e que chamavam os touros pelos nomes.

Um grande imbecil tinha metido a manápula no corpete de uma mulher para, dizia ele, procurar um trevo de quatro folhas; toda a vizinhança ria, a mulher consentia, a mão subia e descia de novo até às nádegas, os touros passavam e voltavam a passar a galope, e a mulher dava uns gritinhos, e remexia as costas e o rabo. Toda a gente gritava, berrava, e todos os gritos iam pelos campos, envoltos em mosquitos e poeira.

Ao pé de mim, uma menina, com os dentes ferrados na balaustrada, via os touros correr.

De repente, belisca-me o braço até quase fazer sangue e diz-me: «Olha Hector, ele caiu.»

Um jovem touro está estendido no chão, calmo, parecendo sonhar, enquanto os homens que apostaram nele lançam pedras e beatas ao animal impassível.

– É o touro da minha casa – diz a menina, rindo –, deixou-se cair de propósito, é manhoso, não quer ser castrado e tem toda a razão. Sabes, as pessoas castradas, é horrível, têm os olhos apagados, têm a morte na cara. Olha para os meus olhos, estão vivos, dançam como os de Hector, e os teus também, até falam! Vi-te uma vez na missa com outros rapazinhos, mas tu não gostas daquilo, pois não? Eu também não, e quando eles tocam a campainha e toda a gente se põe de gatas, eu fico sempre de pé, ninguém me vê, sou eu que domino. Há um padre que vive em tua casa, parece um boi! É horrível, sabes que há mulheres que são padres, andam com grandes pássaros brancos na cabeça e têm um nariz muito afilado, muito afilado, deviam vesti-las com roupas de homem, era mais apropriado.

Escuto-a – antes disso, nunca tinha escutado ninguém – escuto-a e gostava de lhe dizer que fosse lá a casa, que todos se foram embora e que sou eu o chefe, mas a corrida terminou e a multidão separa-nos.

Os homens e as mulheres atropelam-se, alguns babam-se, eu deito sangue pelo nariz, puxam por mim, metem-me na cama.

Quarenta de febre e o abade, alto como uma torre, a pregar o meu pai no armário de espelho, o espelho quebra-se e, ao fundo de um buraco, uma menina deitada no meio da erva segura, entre os dentes, um saquinho de alfazema.

Depois de curado, soube o nome dela: chamava-se Étiennette, era filha do magarefe de Aigues-Mortes; eu chamava-lhe Concha porque me tinha beliscado no meio de uma multidão que se parecia com o mar.

Pensava nela todos os dias, mas Aigues-Mortes era para mim uma cidade muito distante, e o próprio nome da cidade me fazia um medo atroz.

Em casa, a liberdade começava a incomodar-nos, esperávamos qualquer coisa de novo, o regresso do meu pai, por exemplo.

Um dia, fui buscar o burro ao jardim e, com a ajuda dos meus irmãos, levei-o para o celeiro, depois de lhe ter posto na cabeça um boné inglês, com dois buracos para as orelhas.

Todas as manhãs íamos ter com o animal e, segundo uma ordem rigorosamente estabelecida, perguntávamos tristemente ao pobre bicho que olhava pela janela:

– Irmão burro [5], irmão burro, não vedes d'além vir alguém?

Por muito estúpida, por muito néscia que possa parecer tal artimanha a um cavalheiro correcto e instruído, a verdade é que uma manhã, muito cedo, o burro põe-se a zurrar agitando o boné, acorda a cidade inteira e, saltando pela janela, galopa em direcção a uma nuvem de poeira que logo traz de volta sobre o dorso.

Tudo isto em cinquenta e sete segundos, cronometrados pelo meu irmão Ernest, o desportista.

Quanto à nuvem de poeira, era o nosso pobre pai vestindo um velho traje de passeio e com um *sombrero* mexicano na cabeça.

Olha-nos silenciosamente e conta-nos. Dando pela falta de um, esmaga furtivamente uma lágrima na face, como um percevejo numa parede e, metendo o mais pequeno debaixo do braço, açoita-o metodicamente.

O miúdo berra e o meu pai grita:

– Há três semanas que não como, o almoço está pronto? Ah, o acaso. A nossa velha criada Marie-Rose, que no que toca a coincidências não fica a dever nada a ninguém, está ali, fiel no seu posto, um cão novinho em folha nos braços para substituir o outro.

– O senhor está servido – murmura com uma simplicidade comovente.

– Não gosto de cão – responde o meu pai – comi cão na China – e acho mau.

Ah, sublime quroquipi, delicioso quiproquó familiar, este velho pai pródigo, esta velha criada, este velho burro, nesta velha casa com as velhas árvores deste velho jardim!

Como antigamente, o pai toca a trompa e todos nos dirigimos para a sala de jantar em passo de marcha.

Mas, mal começado o almoço, acabada de servir a sopa de tartaruga, o pai levanta-se com um lampejo estranho nos olhos, sobe para o aparador e pisa raivosamente os *hors-d'œuvres*, dizendo umas coisas bastante desconexas.

– Tartaruga isto, estão a brincar comigo! Sirvam-me a tartaruga na sua carapaça de origem, ou isto deixa de ser um almoço de família. Sirvam-me o espelho no seu armário, e o armário na sua árvore, ou dêem-me simplesmente uma perna de galinha, mas não me provoquem, ficam avisados, não me provoquem, já vi muitas árvores, árvores como as daqui, calvas no Inverno, frisadas no Verão, maiores ou mais pequenas, mas de uma madeira que nos faz perder o gosto pelas mesas de pé-de-galo, e os crocodilos também, aliás, já não posso suportá-los, percebem, miúdos, estou a falar dos crodilos grandes, dos maiores, dos que choram de ver-

gonha ao ver uma malinha de senhora, e de todos os grandes animais prejudiciais à agricultura que vão procurar trabalho nas fábricas de manufactura. E no dia de Natal, regressava eu de piroga, já não sabíamos que fazer, se rir ao ar livre, comer homem, beber a urina dos mortos, ou cantar a canção. Completamente nu, com as pernas iguais, adormeço na areia e eis que a vossa falecida mãe me vem comer à mão e pastar-me no pêlo. Berro, acordo e vejo-os a todos à minha volta, os grandes paneleiros de água doce, os cães de fila do comissário de polícia, os missionários de cauda preênsil. Bifaram-me a massa, o meu bilhete de cais e deixaram-me como morto em pleno deserto com um camelo na garganta. Percebem, pequenos, vejam como eles actuam, põem um botão de colarinho na areia, o botão brilha e o negro aproxima-se. O negro baixa-se e eles pregam-lhe com um crucifixo ou uma bandeira tricolor nas costas. Este que vos fala estava sozinho como um banhista numa amassadeira mecânica, sozinho com as avestruzes. É fácil, diziam eles, saber as horas: soprai-lhe para os olhos. Com uma patada partem-vos uma perna, e quando se consegue agarrar uma, é uma avestruz que se adianta ou se atrasa, vi uma que engolia despertadores, tocavam, metia medo. No entanto, quando era novo, era difícil dominarem-me: mergulhei um sargento-ajudante na selha da lavadura e, soluço a soluço, prestei-lhe todas as honras militares. Fizeram-me de fel e vinagre, espetaram-me com dez anos!, mas que belos parceiros lá tive, lavavam-me a roupa, mastigavam-me a carne. Ao regressar, conheci a vossa mãe, estava armado em Poleão nas esplanadas dos cafés, com um velho chapéu mole, que ficou logo teso por ela, defendi-

-me ao calhas, à rasca. E depois retirámo-nos, metemo--nos a pão bento, e possuí-vos, canalha miúda, fiz-vos o truque dos esguichos de água com um elevador de pratos. Hoje, canalha pequena, estou farto, estou à deriva, enrugado, lixado. Lixado, estou lixado, a sério, devorado pela legião de honra...

Mas cai do aparador, hirto, tão hirto que parece que é o móvel que se parte e ele uma tábua a cair.

A porta abre-se de repente e aparece o abade, de barba, jovial, irreconhecível, com um boné de polícia todo arrogante sobre a tonsura e as grevas a aparecerem por baixo da sotaina.

– Cá estamos, diz, cá estamos, ah, meus meninos, meus queridos meninos! Ser paciente e ser imbecil são duas coisas diferentes, não podia durar muito, finalmente a filha mais velha da Igreja acorda, é uma verdadeira cruzada! Ladrões, Hunos! Em 70 roubaram-nos os pêndulos para não se ouvir soar a hora da vingança, roubaram o plano da mulher-torpedo e o do embrulho quadrado. Selvagens! Pilharam e queimaram Joana d'Arc e, se não os impedíssemos, ainda tosquiavam o Leão de Belfort [6] como um caniche. Mas felizmente vamos estando por cá e aquele (apontando para o lustre) que está lá no Alto também vai estando um pouco por cá. Não é verdade, meninos? Mas o que se passa?

E, debruçando-se sobre o nosso pai, tenta reanimá--lo e fala-lhe da perna, da famosa perna com que o país está a contar.

Mas não basta a história de uma perna artificial e sem dúvida imaginária para acordar um morto. O abade levanta-se e, com o dedo mindinho na costura da sotaina, recita a oração dos moribundos.

Pela porta entreaberta aparece a cabeça de uma mulher, um seio fora do corpete, que interpela o abade.

– Anda cá, mostrengo, que te faço o número da irmãzinha de caridade com as pernas em tesoura!

O abade interrompe a oração e olha para a mulher rindo.

É a guerra, os sinos tocam a rebate. Toda a gente corre, toda a gente se abraça, bebe-se, dão-se beliscões nos rabos, fazem-se jovens já para a próxima.

É a guerra; à noite, dois pastores, dois idiotas da aldeia, fechados num celeiro, cortam a garganta para lá não irem.

Não serão enterrados na igreja nem, mais tarde, debaixo do arco do triunfo: isso já ninguém lhes tira.

[1] Romance juvenil de Alphonse Daudet.

[2] Blanche de Castille (1188-1252), rainha de França, casada com Louis VIII.

[3] Em francês, as joaninhas (*coccinelle*) são também chamadas *bêtes à bon Dieu*.

[4] Letra de canção popular de Patachou, com adaptações ortográficas à fonética portuguesa.

[5] Trocadilho com a Sœur Anne do conto *La Barbe bleue* de Perrault.

[6] Escultura monumental de Frédéric Bartholdi, situada em Belfort, França, e que simboliza a resistência desta cidade durante os 103 dias que durou o cerco prussiano (1870-1871).

Eudora Welty

Porque vivo no posto dos Correios

Tradução de Paula Elyseu Mesquita

Eudora Welty (1909-2001) nasceu em Jackson, Mississípi, onde viveu a maior parte da sua vida e viria a morrer. Estudou na Universidade do Wisconsin e na Universidade de Columbia. Começou a publicar em 1936 e desde cedo estabeleceu uma sólida reputação como autora. Ao longo da segunda metade do século XX manteve-se como um dos mais estimados ícones literários do público americano. O seu percurso de escrita foi tão longo como prolífero, incluindo colecções de contos, romances, memórias e ensaios críticos. Expôs e publicou ainda uma interessante obra fotográfica sobre o Sul rural. Entre os seus muitos títulos destacam-se *A Curtain of Green, and Other Stories* (1941), *Delta Wedding* (1946), *The Golden Apples* (1949), *The Ponder Heart* (1954), *The Optimist's Daughter* (1972) e *One Writer's Beginnings* (1984). Foi escritora residente nas Universidades de Oxford e Cambridge, entre outras. Os seus contos obtiveram seis O. Henry Awards for Short Stories. Foi também galardoada com a National Medal for Literature, o American Book Award, a Medalha da Legião de Honra e o Prémio Pulitzer em 1969. Muitos consideram a sua obra desditosamente negligenciada pela comissão do Prémio Nobel. Nas suas próprias palavras, as relações humanas são o objecto central da sua ficção, e partilha com Mark Twain, William Faulkner e Flannery O'Connor um sublime sentido de humor de matiz sulista. Eram públicas e recíprocas a admiração e a estima de Eudora por Faulkner, com quem disse ter aprendido a escrever a fala do Mississípi. Outras relações interessantes no âmbito literário incluem as suas amizades com Katharine Anne Porter e Elisabeth Bowen e uma acesa rivalidade com Carson McCullers. É consensualmente considerada uma das mais relevantes figuras da literatura norte-americana do século XX, e mestre do género do conto. «Why I Live at the PO» foi originalmente publicado na colectânea *A Curtain of Green and Other Stories*, 1941. *Porque vivo no posto dos Correios* tornou-se um clássico da literatura americana e do conto universal.

Tudo ia lindamente comigo, com a Mãe, o Avô e o tio Rondo até a minha irmã Stella-Rondo resolver separar-se do marido e voltar outra vez para casa. Mr. Whitaker! Claro que fui eu quem namorou Mr. Whitaker primeiro, quando ele apareceu aqui em China Grove, a tirar retratos «Em Pose» e a Stella-Rondo nos separou. Ela disse-lhe que eu não era igual dos dois lados. Que era maior de um lado do que do outro, o que é uma falsidade propositada e premeditada; sou igual. A Stella-Rondo é exactamente doze meses mais nova do que eu e é por isso que é mimada.

Teve sempre absolutamente tudo o que queria e depois deitava fora. O Avô deu-lhe um fio para pôr as pérolas lindo quando ela fez oito anos e ela atirou-o fora a jogar *baseball* aos nove, ainda só com duas pérolas.

Então, assim que se casou e saiu de casa a primeira coisa que fez foi separar-se! De Mr. Whitaker! O tal

fotógrafo dos olhos de boga em quem ela dizia que confiava. Voltou para casa vinda de uma dessas vilórias lá para o Illinois e para nossa completa surpresa trouxe com ela uma criança de dois anos.

A Mãe disse que lhe apetecia esganá-la só por um segundo. «Então tinhas aqui esta criança loira, maravilhosa e nem sequer escreveste à tua mãe uma única palavra sobre o assunto», disse a Mãe. «Envergonhas--me.» Mas claro que não envergonhava nada.

A Stella-Rondo nas calmas simplesmente tira o *chapéu*, haviam de o ver. Diz ela: «Mas, Mãe, a Shirley-T. é adoptada, posso provar.»

«Como?», diz a Mãe, mas eu só disse «H'm!» Ali estava eu, ao calor do fogão, a tentar fazer esticar dois frangos para cinco pessoas e ainda mais uma criança completamente inesperada para a confusão, sem o mais mínimo aviso nem nada.

«O que é que queres dizer com "H'm!"?», diz a Stella-Rondo, e diz a Mãe: «Olha que eu ouvi, Mana.»

Eu disse oh, não queria dizer nada, só que fosse lá quem fosse a Shirley-T., era a carinha chapada do Avô se ele cortasse a barba, coisa que, claro, ele nunca faria na vida. O Avô é o pai da Mãe e é de amuos.

A Stella-Rondo ficou fula! Disse: «Mana, não preciso de te dizer que tens muito descaramento e sempre tiveste e agradeço que de futuro nunca mais te refiras à minha filha adoptada.»

«Muito bem», disse eu. «Muito bem, muito bem. Claro que reparei logo que ela também sai ao lado de Mr. Whitaker. Aquele franzir do sobrolho. Parece uma mistura de Mr. Whitaker com Avô.»

«Bem, a única coisa que posso dizer é que não é.»

«Para mim é igualzinha à Shirley Temple», diz a Mãe, mas a Shirley-T. fugiu-lhe.

Então a primeira coisa que a Stella-Rondo fez à mesa foi virar o Avô contra mim.

«Avô», diz ela. O Avô estava a tentar cortar a carne no prato. «Avô!» Apanhou-me completamente de surpresa. O Avô tem para aí um milhão de anos e tem assim uma barba comprida, comprida. «Avô, a Mana não consegue perceber por que é que o Avô não corta a barba.»

Então o Avô p-o-u-s-a a faca e o garfo! Ele é rico como tudo. A Mãe diz que ele é, ele diz que não. Então vai ele: «Será que ouvi bem? Não percebes porque é que eu não corto a barba?»

«Ora», digo eu, «Avô, claro que percebo, eu não disse nada disso, que ideia!»

Diz ele, «Serigaita!»

Eu digo, «Avô, sabe perfeitamente que eu seria a última pessoa a querer que o avô cortasse a barba. Era coisa que nunca me passaria pela cabeça! A Stella-Rondo estava para ali sentada e inventou isso, a comer peito de frango.»

Mas diz ele, «Com que então a chefe do posto dos Correios não consegue perceber por que é que eu não corto a barba. Emprego o qual eu te arranjei através da minha influência com o governo. "Ninho", é assim que lhe chamas, é?»

Não que não seja o segundo posto dos Correios mais pequeno de todo o estado do Mississípi.

Digo eu, «Oh, Avô, eu não disse nada disso, nem em sonhos pensei que fosse um ninho, sempre fui gra-

ta, apesar de este ser o segundo posto mais pequeno no estado do Mississípi, e não gosto cá de ser chamada de serigaita pelo meu próprio avô.»

Mas diz a Stella-Rondo, «Ai disseste, disseste. Era só ter ouvidos para se te ouvir.»

«Pára já por aí», diz a Mãe, a olhar para mim.

Então meti outra vez o guardanapo no anel e saí da mesa.

Assim que saí da sala diz a Mãe, «Chama-a para a mesa, senão morre à fome», mas diz o Avô, «Esta barba comecei a deixá-la crescer na Costa quando tinha quinze anos.» E ficava nisso até à noite se a Shirley-T. não tivesse vomitado o *Milky Way* que tinha comido em Cairo.

Então diz o Avô, «Vou lá para fora deitar-me na rede e vocês fiquem para aí sentados e lembrem-se do que vos digo: eu nunca hei-de cortar a minha barba enquanto for vivo, nem dois centímetros, e não me agrada mesmo nada essa vossa conversa.» Passou por mim de raspão à entrada e foi direito lá para fora e enfiou-se na rede.

Ia ser feriado. Nem passado cinco minutos apareceu de repente na entrada o Tio Rondo num dos quimonos cor de pele da Stella-Rondo, com o corte todo em viés, mesmo o género de coisa que Mr. Whitaker provavelmente achava linda de morrer.

«Tio Rondo!», digo eu. «Não estava a ver quem era! Onde vai?»

«Mana», diz ele, «sai-me do caminho, estou envenenado.»

«Se está envenenado fique longe do Avô», digo eu. «Não vá para a rede. O Avô de certeza que lhe dá na cabeça se se chegar a um raio de sessenta quilómetros

dele. Pensa que eu disse de propósito que ele devia cortar a barba depois de ele me ter arranjado o posto dos Correios, e eu já lhe disse e mais que redisse, e ele simplesmente continua como se não me estivesse a ouvir. O Avô deve ter ficado surdo de todo.»

«Então escolheu um belo dia para ficar surdo», disse o Tio Rondo, e enquanto o diabo esfrega um olho disparou para o jardim.

Pois o que ele tinha feito foi beber outra garrafa daquela receita da farmácia. Faz sempre isso no 4 de Julho, isso é certinho, e fica horrivelmente caro. Depois cai na rede e ressona. Então insistiu em ir aos ziguezagues até à rede, que parecia um tolinho.

O Avô acordou com um grito horrível e ali mesmo, sem se mexer do lugar, tentou virar o Tio Rondo contra mim. Ouvi tudinho o que ele disse. Oh, disse ao Tio Rondo que eu só tinha aprendido a ler aos oito anos e que não sabia como é que eu conseguia ter o correio em ordem no posto dos Correios, quanto mais ainda lê-lo todo, e disse que se o Tio Rondo ao menos fizesse uma ideia de tudo o que ele tinha tido de fazer para me arranjar aquele emprego! E disse que por outro lado achava que a Stella-Rondo tinha uma mente brilhante e merecia respeito por ter saído da vila. Durante todo esse tempo estava deitadinho na rede, a baloiçar-se todo contente e encaracolar a barba e o desgraçado do Tio Rondo a *pedir-lhe por tudo* que andasse mais devagar com a rede, que estava a ficar mais tonto que eu sei lá o quê a olhar para ela. Mas é disso mesmo que o Avô gosta numa rede. Por isso, por enquanto o Tio Rondo estava demasiado tonto para se pôr contra mim. É o único irmão da Mãe e quando se lhe enfia uma

coisa na cabeça não há quem lha tire. Perguntem a quem quiserem. Um farmacêutico diplomado.

Nesse momento ouvi a Stella-Rondo a levantar a janela do andar de cima. Quando estava casada meteu-se-lhe na cabeça a ideia peregrina de que fica mais fresco com as janelas fechadas e trancadas. Então tem de levantar a janela para que uma alma a consiga ouvir lá fora.

Então levanta a janela e diz, «Oh!» Até parecia que estava ferida de morte.

O Avô e o Tio Rondo nem sequer olharam para cima, continuaram como estavam. Tive de me rir.

Voei pela escada acima e abri a porta de rompante, «Mas afinal o que é que se passa, Stella-Rondo? Estás ferida de morte?»

«Não», diz ela, «não estou ferida de morte, mas agradecia que me fizesses o favor de olhares pela janela e me dizeres o que vês.»

Então ponho a mão em pala sobre olhos e olho pela janela.

«Vejo a parte da frente do jardim», digo eu.

«Não vês nenhuns seres humanos?», diz ela.

«Vejo o Tio Rondo a tentar correr com o Avô da rede», digo eu. «Mais nada. Claro, está um calor tão sufocante nesta casa, com todas as janelas fechadas e trancadas, que qualquer pessoa que queira manter o seu perfeito juízo tem de ir lá para fora e deitar-se na rede antes que acabe o 4 de Julho.»

«Não notas nada de diferente no Tio Rondo?», pergunta a Stella-Rondo.

«Por acaso não, a não ser que tem vestida uma esquisitice com um aspecto horrível, cor de pele, que eu nem morta vestia, não vejo mais nada», digo eu.

«Não te preocupes, que nem morta a hás-de vestir, porque por acaso pertence ao meu enxoval e Mr. Whitaker tirou várias dúzias de fotografias minhas com ele vestido», diz a Stella-Rondo. «Mas afinal *qual é a ideia* do Tio Rondo de andar em plena luz do dia vestido com uma peça do meu enxoval e nem água vai, *sabendo* que eu acabei de chegar a casa esta manhã depois da minha separação e pendurei o meu *négligé* na porta da casa de banho, mais nervosa que sei lá o quê?»

«Sei lá eu, e o que queres tu que eu faça?», digo eu. «Que me atire da janela?»

«Não, não quero nada disso. Só acho que o Tio Rondo fica mesmo idiota com aquilo, mais nada», diz ela. «Dá-me volta ao estômago.»

«Então, fica o melhor que pode», digo eu. «O melhor que qualquer pessoa podia ficar, em boa verdade.»Eu defendi o Tio Rondo, por favor lembrem-se. E disse à Stella-Rondo, «Eu cá acho que o melhor era não criticar tanto, se fosse a ti e voltasse para casa com uma criança de dois anos da qual nunca tinha dito uma única palavra, e sem nenhuma explicação para a minha separação.»

«Eu pedi-te mal entrei nesta casa para não te referires mais nenhuma vez à minha filha adoptada e tu deste-me a tua palavra de honra que não», era a única coisa que a Stella-Rondo dizia, e pôs-se a arrancar os pelinhos todos das sobrancelhas com uma daquelas pinças baratas da *Kress*.

Então limitei-me a bater com a porta e fui lá para baixo e fiz *pickle* de tomate verde. Alguém tinha que o fazer. Claro que a Mãe tinha deixado sair os dois pre-

tos; estava sempre a dizer que assim como assim não havia força na terra que os conseguisse segurar no 4 de Julho, portanto ela já nem sequer tentava. Conclusão: o Jaypan caiu ao lago e esteve mesmo para se afogar.

Nisto entra a Mãe, toda lampeira. Levanta a tampa e diz, «H'm! Deixa-me dizer que não é lá muito bom para o teu Tio Rondo no estado debilitado dele. Nem para a pobrezinha da adoptada da Shirley-T. Devias ter vergonha!»

Essa cansou-me. Digo eu, «Bom, a Stella-Rondo bem pode dar graças a Deus por ter sido ela e não eu a entrar toda contente com aquela criança de ar esquisito. É que se tivesse sido eu a vir a trote do Illinois e a trazer uma criança de dois anos com ar esquisito, até tremo de pensar na recepção que havia de ter, quanto mais tomar conta da alimentação de uma família inteira.»

«Mas é bom que te lembres, Mana, para começar, nunca foste casada com Mr. Whitaker nem foste viver para o Illinois», diz a Mãe, a agitar uma colher na minha cara. «Se tivesse sido o caso, eu havia de ficar tão radiante por te ver a ti e à tua filhinha adoptada como fiquei por ver a Stella-Rondo, quando acabasses por te separar e voltasses aqui para casa.»

«Não havia nada», digo eu.

«Não me desdigas, havia, sim senhora», diz a Mãe.

Mas eu disse-lhe que ela não me convencia até ela se pôr roxa. Aí eu disse, «Além disso, sabe tão bem como eu que aquela criança não é adoptada.»

«É adoptada, sim senhora», diz a Mãe, hirta como um atiçador.

Digo eu, «Oh, Mãe, a Stella-Rondo deu à luz aquela

criança mais certo do que tudo neste mundo, e tem o nariz demasiado empinado para o admitir.»

«Sinceramente, Mana», disse a Mãe. «Eu para aqui a pensar que íamos ter um 4 de Julho agradável e tu começas logo por não acreditar numa palavra do que te diz a tua irmã mais nova!»

«Tal e qual a Prima Annie Flo. Foi para a cova a negar os factos da vida», lembro eu à Mãe.

«Eu disse-te que se mais alguma vez falasses no nome da Annie Flo te dava na cara», diz a Mãe, e dá-me na cara.

«Tudo bem, então havemos de ver», digo eu.

«Eu», diz a Mãe, «*eu* prefiro acreditar na palavra das minhas filhas seja qual for o assunto, desde que seja humanamente possível.» Haviam de ver a Mãe, pesa noventa quilos e tem uns pezitos minúsculos.

Nessa altura passou-me pela cabeça uma coisa perfeitamente horrível.

«Mãe», digo eu, «aquela criança fala?» Tive mesmo de bichanar! «Mãe, estou cá a pensar se aquela criança às tantas não tem – a Mãe sabe – qualquer coisa? A Mãe já reparou», digo eu «que ela ainda não disse uma única palavra fosse a quem fosse até agorinha? Ela tem a cara assim», digo eu, e pus uma cara assim.

Bom, a Mãe e eu ficámos para ali a olhar uma para a outra. Foi horrível!

«Lembro-me bem de que o Joe Whitaker muitas vezes bebia como uma esponja», diz a Mãe. «Fiquei completamente convencida de que bebia *químicos*.» E sem mais palavra marcha até ao fundo das escadas e chama a Stella-Rondo.

«Stella-Rondo? U-u-u-u! Stella-Rondo!»

«Quê?», diz a Stella-Rondo lá de cima. «Nem ao menos a decência de se levantar da cama.»

«A tua filha fala?», pergunta a Mãe.

Diz a Stella-Rondo, «A minha filha quê?»

«Fala! Fala!», diz a Mãe. «Bârdibârdibârdibârdi!»

Então grita de volta a Stella-Rondo, «Quem é que disse que ela não fala?»

«A Mana diz que não», diz a Mãe.

«Até escusava de me dizer, eu sei para quem é que nesta casa a palavra de honra não vale nada», diz a Stella-Rondo.

E num minuto a voz do Norte mais estridente que já ouvi em toda a minha vida grita, «Soou Pop-Eye o Mari-nhe-ei-ro!» e alguém se põe aos pulos no *hall* do piso de baixo. Mais um segundo e vinha a casa abaixo.

«Não só fala como faz sapateado!», grita a Stella-Rondo. «Que é mais do que algumas pessoas de quem eu nem vou dizer o nome sabem fazer.»

«Ai, mas que coisinha mais adorável e querida!», diz a Mãe, muito espantada. «Mais esperta não podia ser!» Põe-se ali mesmo a falar à bebé. A seguir vira-se contra mim, «Mana, devias ter muita vergonha! Vai já lá acima a correr e pede desculpa à Stella-Rondo e à Shirley-T.»

«Desculpa porquê? Só me interroguei se a criança era normal, mais nada. Agora que já provou que é, pronto, não tenho mais nada a dizer.»

Mas a Mãe simplesmente virou as costas e saiu disparada, de fúria. Subiu as escadas a correr e abraçou a bebé. Acreditava que ela tinha sido adoptada. A Stella-Rondo mais não fez do que pô-la contra mim lá em

cima, e eu para ali ao fogão sem nenhuma ajuda. E com isso a Mãe, o Avô e a bebé ficaram todos do lado da Stella-Rondo.

A seguir, o Tio Rondo.

Devo dizer que no passado o Tio Rondo foi maravilhoso comigo em várias ocasiões e eu não estava minimamente a contar que me pusesse tão fora de mim, como veio a acontecer. Um dia a Stella-Rondo fez-lhe uma coisa perfeitamente horrível – quebrou uma carta em cadeia que vinha do Campo da Flandres [1] – e ele tirou-lhe o rádio que lhe tinha oferecido e deu-mo a mim. A Stella-Rondo ficou fula! Durante seis meses tivemos todos de lhe chamar Stella em vez de Stella-Rondo, senão ela não respondia. Sempre achei que o Tio Rondo tinha cabeça pela família toda. Outra vez mandou-me a Mammoth Cave [2], com todas as despesas pagas.

Mas hoje era o dia em que andava a beber a tal receita, o 4 de Julho.

Então ao jantar a Stella-Rondo resolve dizer que acha que o Tio Rondo devia tentar comer qualquer coisa. Então o Tio Rondo lá disse que ia tentar comer um bocadito de bolacha com *ketchup*, mas mais nada. Então *ela* trouxe-lhe o *ketchup*.

«O Tio acha bem estar a brincar com *ketchup* vestido com o quimono cor de pele da Stella-Rondo?», digo eu. A tentar ser atenciosa! Se a Stella-Rondo não conseguia tomar conta do enxoval, alguém tinha de tomar.

«Algum problema?», pergunta o Tio Rondo, mesmo à beirinha de entornar o *ketchup* todo.

«Não ligue ao que ela diz, Tio Rondo», diz a Stella-Rondo. «A Mana esteve toda a santa tarde a espreitar

a maneira como o Tio está vestido pela janela do meu quarto.»

«Como é que é?», diz o Tio Rondo. O Tio Rondo tem as piores fúrias do mundo. Qualquer coisa pode levá-lo a deitar a casa abaixo, se calha ser na altura errada.

Então vai a Stella-Rondo, «A Mana diz "O Tio Rondo parece mesmo idiota com aquele quimono cor-de-rosa!"»

Lembram-se de quem é que foi que realmente disse isso?

O Tio Rondo entorna o *ketchup* todo e salta da cadeira e arranca o quimono e atira-o para o chão sujo e põe-lhe o pé em cima. Teve de ser mandado para Jackson, à lavandaria, para ser outra vez plissado.

«Com que então é isso que tu pensas do teu Tio Rondo, é?», diz ele. «Pareço idiota, pareço? Bem, essa é a última gota. Um dia inteiro nesta casa sem nada para fazer, e ainda ouvir-te saíres-te com um comentário desses nas minhas costas!»

«Eu não disse nada disso, Tio Rondo», digo eu «e também não vou dizer quem é que disse. Então, até acho que o Tio fica bem assim. Tente é ter cuidado consigo e não fale e coma ao mesmo tempo. Acho que o melhor era ir deitar-se.»

«Deitar-me uma ova», diz o Tio Rondo. Logo aí eu devia ter visto que ele se preparava para fazer uma coisa perfeitamente horrível.

Portanto não fez nada nessa noite no estado debilitado em que estava – só jogou ao Casino com a Mãe e a Stella-Rondo e a Shirley-T., e deu à Shirley-T. uma moeda de cinco cêntimos com cara dos dois lados. Ela

quase morria a rir e chamou-lhe Papá. Mas às 6:30 da manhã seguinte atirou com toda a força para dentro do meu quarto um pacote inteiro de estalinhos de cinco cêntimos que não tinha sido vendido na loja, e rebentaram todos. Nem um único na fita que não estivesse bom. Com qualquer outra pessoa, havia de haver um que não rebentasse.

Bem, eu sou terrivelmente sensível a qualquer tipo de barulho, o médico sempre me disse que eu era a pessoa mais sensível ao barulho que ele tinha visto em toda a vida, e fiquei simplesmente prostrada. Não conseguia comer! Houve gente que me disse que se ouviu até no cemitério e a velha tia Jep Patterson, que se andava a aguentar tão bem, pensou que era o Dia do Juízo Final e que se ia encontrar com a família toda. Isto aqui normalmente é tão sossegado.

E digo-vos que não me levou mais do que um minuto a decidir o que fazer. Ali estava eu com toda a casa do lado da Stella-Rondo e virada contra mim. Se há uma coisa que eu tenho é orgulho.

Portanto decidi simplesmente que ia direitinha para o posto dos Correios. Há mais do que espaço lá atrás, digo cá para os meus botões.

Bem! Estive cá a ralar-me que a família se apercebesse do que eu estava a preparar. Não tentei esconder.

Mal deram conta, rompi por ali dentro, estavam eles a jogar à Dama de Espadas e puxei a ventoinha eléctrica oscilante da tomada, e ficou mesmo quente. A seguir, arranquei do sofá atrás do Avô a almofada em que eu tinha feito ponto cruz. E ele: «Âgh!» Consegui chegar ao cimo das escadas antes da Stella-Rondo e final-

mente encontrei a minha pulseira da sorte na gaveta da escrivaninha dela, debaixo de uma fotografia do Nelson Eddy.

«Com que então é assim que vai ser», diz o Tio Rondo. Lá estava ele, a juntar os pedaços do pernil. «Olha, Mana, terei todo o gosto em doar a minha cama de campanha se tiveres algum sítio onde a montar, desde que te vás embora agora mesmo e me deixes ter um pouco de paz.» O Tio Rondo esteve em França.

«Muito obrigada pela cama e "paz" não é propriamente a palavra que eu escolheria se tivesse de recorrer a estalinhos às 6:30 da manhã no quarto de uma rapariga», respondo-lhe eu. «E quanto ao sítio para onde tenciono ir, parece que se esqueceu do meu cargo como chefe dos Correios de China Grove, Mississípi», digo eu. «Resta-me sempre o posto dos Correios.»

Bem, esta fê-los todos endireitarem-se e prestarem atenção.

Fui lá fora à parte da frente e comecei a desenterrar umas buganvílias para plantar à volta do posto dos Correios.

«Ah-ah-ah!», diz a Mãe, levantando a janela. «Por acaso essas são as minhas buganvílias. Tudo o que está plantado nessa estrela é meu. Que eu saiba nunca plantaste nada em toda a tua vida.»

«Tudo bem», digo eu. «Mas levo a avenca. Nem a Mãe se pode pôr para aí a negar que fui eu quem regou a avenca. E por acaso até sei para onde é que posso enviar uma tampa de embalagem e receber um pacote com mil sementes todas misturadas, nem duas do mesmo tipo, grátis.»

«Oh, onde?», quer a Mãe saber.

Mas digo eu, «Tarde demais. A Mãe tome conta da sua casa, que eu tomo conta da minha. Essas coisas ouvem-se a toda a hora se se souber estar atento à rádio. Ofertas perfeitamente maravilhosas. Tudo o que uma pessoa quiser grátis.»

Sempre vos digo que marchei por ali dentro e peguei no rádio, e ficaram todos a ranger os dentes, especialmente a Stella-Rondo, a quem o rádio tinha pertencido, e ela sabia que não podia reavê-lo, que eu na hora lhe punha um processo. E com toda a educação levei o motor da máquina de costura que fui eu quem mais ajudou a pagar para dar à Mãe no Natal de 1929, e um grande calendário com os remédios de primeiros socorros. O termómetro e o *ukulele* do Havai mais que eram meus por direito, e subi ao escadote e tirei todas as minhas conservas de melancia com casca e de todas as frutas e legumes que lá tinha guardado, os frascos todinhos. Depois comecei a arrancar as tachas dos vasos de parede com os melros no arco que dá para a sala de estar.

«Quem lhe disse que podia ficar com esses, ó madame?», diz a Mãe, a abanar o leque com toda a força que tinha.

«Fui eu que os comprei e não os hei-de perder de vista», digo eu. «Vou pendurar um de cada lado da janela do posto dos Correios, e vê-os quando me vier perguntar pelo seu correio, já que está tão mortinha por vê-los.»

«Nanja eu! Nunca mais hei-de pôr o pé na soleira daquele posto dos Correios, nem que chegue aos cem anos», diz a Mãe. «Filha ingrata! Depois de todo o dinheiro que gastámos contigo na Escola Normal.»

«Nem eu», diz a Stella-Rondo. «Por mim podes para lá deixar o meu correio a apodrecer, que fico muito ralada. Nunca te hei-de ir lá aliviar de uma única coisa que seja.»

«Olha a minha cara de preocupada», digo eu. «E quem é que achas que se vai sentar a escrever-te postais e aquelas cartas gordas, já agora? Mr. Whitaker? Lá porque foi o único homem que algum dia aterrou em China Grove e ficaste com ele – injustamente – será que ele se vai sentar a escrever-te longas cartas depois de teres vindo para casa sem dar qualquer razão para a tua separação nem explicação para a presença daquela criança? Eu posso não ter uma mente brilhante, mas não estou bem a ver como.»

Então diz a Mãe, «Mana, já te disse mil vezes que a Stella-Rondo ficou com saudades de casa, mais nada, e esta criança é grande de mais para ser dela», e diz, «Então, por que é que não se sentam todos e jogam ao Casino?»

Nisto a Shirley-T. deita-me a língua de fora de uma maneira perfeitamente horrível. Não tem mesmo maneiras nenhumas. Eu disse-lhe que se continuasse a entortar os olhos daquela maneira um dia ficavam tortos de vez.

«É tarde demais para me impedirem», digo eu. «Deviam ter tentado ontem. Vou para o posto dos Correios e a única maneira que têm de me ver é irem-me lá visitar.»

Então diz o Avô, «Nunca me hás-de ver pôr o pé naquele posto dos Correios, mesmo que se me meta na cabeça a ideia de escrever uma carta para algum lado», diz ele, «Não estou para que deites o braço cá para fora

da janelinha com um par de tesouras e me cortes a barba. Sou esperto demais para ti!»

«Somos todos», diz a Stella-Rondo.

Mas aí eu digo, «Já que és tão esperta, onde está Mr. Whitaker?»

Então diz o Tio Rondo, «Agradecia-te que a partir de agora parasses de ler todas as encomendas que eu recebo em postais e de dizer a toda a gente em China Grove o que é que achas que as pessoas têm», mas eu digo, «Eu cá tiro as minhas conclusões e continuarei a tirá-las no futuro.» Digo, «Se as pessoas gostam de escrever os seus segredos mais íntimos em postais de um cêntimo, não há nada neste mundo que as possa impedir, Tio Rondo.»

«E se pensas que algum dia nós voltamos a escrever um postal estás redondamente enganada», diz a Mãe.

«Ai deitam fora o bebé com a água do banho», digo eu. «Mas já que estão todos decididos a cortar com os Correios dos Estados Unidos, pensem nisto: O que é que a Stella-Rondo agora há-de fazer se quiser escrever a Mr. Whitaker a pedir-lhe que venha atrás dela?»

«Uah!», diz a Stella-Rondo. Já sabia que ela ia chorar. Deu-lhe um fanico ali mesmo na cozinha.

«Há-de ser interessante ver quanto tempo ela se aguenta», digo eu. «E agora, estou de partida.

«Adeus», diz o Tio Rondo.

«Sinceramente», diz a Mãe, «pensar que a minha família havia de discutir no 4 de Julho, ou no dia a seguir, por a Stella-Rondo ter deixado Mr. Whitaker e ter a criancinha adoptada mais querida do mundo! Havíamos de estar todos contentes!»

«Uah!», diz a Stella-Rondo, e dá-lhe outro fanico.

«*Ele* é que a deixou, escrevam o que eu digo», digo eu. «Mr. Whitaker é assim. Eu conheço Mr. Whitaker. Afinal, conheci-o primeiro. Eu disse desde o início que ele havia de deixá-la. Previ tudo aquilo que aconteceu.»

«Para onde é que ele foi?», pergunta a Mãe.

«Provavelmente para o Pólo Norte, se sabe o que é bom para ele», digo eu.

Mas a Stella-Rondo só berrava e não dizia mais nada. Correu para o quarto e bateu com a porta.

«Vê bem o que fizeste, Mana», diz a Mãe. «Vai pedir desculpa.»

«Não tenho tempo, estou de partida», digo eu.

«Então, que é que estás aí especada?», pergunta o Tio Rondo. E eu peguei no relógio de cozinha e marchei dali para fora, e nem água vai, e nem me despedi da Stella-Rondo.

Mesmo em frente ia a passar uma preta numa carroça pequena.

«Ó rapariga», digo eu, «ajuda-me a carregar estas coisas todas monte abaixo, vou viver para o posto dos Correios.»

Teve de fazer nove viagens na carroça. O Tio Rondo veio cá fora ao alpendre e atirou-lhe cinco cêntimos.

E foi a última vez que pus os olhos em toda a minha família em cinco dias e noites inteirinhos. A Stella-Rondo pode estar a contar-lhes as histórias mais horríveis do mundo sobre Mr. Whitaker, mas eu não as ouvi. Como digo a toda a gente, eu tiro as minhas próprias conclusões.

Mas oh, eu gosto disto aqui. É ideal, como já vos disse. Sabem, é que aqui tenho tudo arrumado na dia-

gonal, como eu gosto. Ouvem o rádio? Todas as notícias da guerra. Rádio, máquina de costura, suportes para livros, tábua de engomar e o candeeiro grande de piano – sossego, disso é que eu gosto. Trepadeiras de feijão-manteiga plantadas na frente toda onde estão os arames.

Claro que não há muito correio. Naturalmente a minha família é a gente mais importante de China Grove, e se eles preferem desaparecer da face da terra, apesar de todo o correio que recebem ou que escrevem, não serei eu a abrir a boca. Algumas pessoas aqui da vila estão do meu lado e outras estão contra mim. Eu sei quem é quem. Há sempre gente que é capaz de deixar de comprar selos só para cair nas boas graças do Avô.

Mas aqui estou eu, e aqui hei-de ficar. Quero que o mundo saiba que estou feliz. E se a Stella-Rondo entrasse por aí neste instante, de joelhos, e *tentasse* explicar os incidentes da sua vida com Mr. Whitaker, eu punha simplesmente os dedos em ambos os ouvidos e recusava-me a ouvir.

[1] *N. da T.*: Referência a uma carta em cadeia de grande circulação nos Estados Unidos durante a primeira metade do século XX (*The Flanders Chain of Good Luck*). A carta alegava ter sido iniciada por um soldado americano que combateu na Flandres durante a Primeira Guerra Mundial. Prometia dar sorte ao destinatário e às quatro pessoas a quem este de imediato a transmitisse, e azar a quem o não fizesse.

[2] *N. da T.*: Parque Nacional de Mammoth Cave, Kentucky.

Saul Bellow

À procura do Sr. Green

Tradução de José Lima

Saul Bellow (1915-2005), de seu nome Solomon Bellows nasceu no Quebec, Canadá, nos arredores de Montréal, filho de uma família de judeus russos emigrados; depois de um episódio de rua em que o pai foi espancado, a família mudou-se para Chicago, que virá a ser cenário de grande parte dos livros de Bellow. Estudou Antropologia e Sociologia. Um dos responsáveis do departamento de Inglês deu-lhe um conselho de amigo: esqueça a literatura. «Nenhum judeu é capaz de apreender verdadeiramente a tradição da literatura inglesa.» Pouco depois, Bellows abandonou os estudos para se dedicar à escrita. Recebeu alguns dos prémios literários mais importantes, tanto americanos (Pulitzer, National Book Award), como internacionais (International Literary Prize), culminando na atribuição do Prémio Nobel de Literatura, em 1976.

Publicou o seu primeiro romance, *Na Corda Bamba*, em 1944, seguindo-se *A Vítima* (1948) e *The Adventures of Augie March* (1953), que o tornaria famoso. Além de romances, como *Henderson, o Rei da Chuva* (1959), *Herzog* (1964), *Morrem Mais de Mágoa* (1987), escreveu também teatro (*The Last Analysis, Under the Weather*) e vários livros de contos – *Mosby's Memoirs* (1968), *Him with His Foot in His Mouth and Other Stories* (1984) *Something to Remember Me By: Three Tales* (1991) e *Collected Stories* (2001), de onde foi extraído o conto *Looking for Mr. Green*, incluído neste número da *Ficções*, publicado pela primeira vez na revista *Commentary* (Mar. 1951), editada pelo American Jewish Committee.

Tudo o que tua mão haja de fazer,
faça-o com todo o seu poder...

Trabalho duro? Não, não era assim tão duro. Não estava habituado a andar a pé e a subir escadas, mas a dificuldade física do novo emprego não era o que George Grebe sentia mais. Andava a entregar cheques da Assistência Social no bairro negro e, embora fosse de Chicago, não sabia grande coisa desta parte da cidade – foi preciso uma Crise que lha apresentasse. Não, não era literalmente um trabalho duro, pelo menos medido em libras-pé por minuto, mas mesmo assim começava a ressentir-se da canseira que lhe dava, a aperceber-se da sua dificuldade particular. Conseguia descobrir as ruas e os números, mas os destinatários não se encontravam onde se pensava que estivessem, e ele sentia-se como um caçador pouco conhecedor da camuflagem da sua caça. Era um dia pouco propício, também – de Outono, frio, escuro, ventoso. Mas, ainda assim, em vez de cartuchos de pólvora, no bolso fundo do impermeável trazia a caderneta de cheques, perfu-

rada para os espetos de arquivo, lembrando-lhe os buracos os furos dos rolos de papel das pianolas. Ele também não tinha grande ar de caçador; o seu aspecto era inteiramente citadino, apertado na gabardina de conspirador irlandês. Era esguio sem ser alto, de costas rígidas, as pernas de aspecto descuidado metidas num par de calças velhas de fazenda já puídas e esfiapadas nas bainhas. Com a sua rigidez, mantinha a cabeça para a frente, a cabeça avançava, de modo que tinha a cara corada pela inclemência do tempo; e era uma cara de homem de interior, com olhos cinzentos que persistiam num qualquer pensamento, parecendo no entanto evitar o definitivo de uma conclusão. Usava umas patilhas que surpreendiam um pouco pelo encaracolado áspero do cabelo loiro e o efeito assertivo do seu comprimento. Não era tão manso como parecia, nem tão novo; e no entanto não havia da sua parte esforço para parecer aquilo que não era. Era um homem instruído; era solteiro; era, em certos aspectos, simples; sem excesso, gostava de beber; não tinha tido sorte. Nada era deliberadamente ocultado.

Sentia que estava hoje com mais sorte do que de costume. Quando de manhã se tinha apresentado no emprego estava à espera de ser enfiado no escritório da Assistência numa tarefa burocrática, pois trabalhara como empregado de escritório no centro, e ficou contente por, pelo contrário, lhe calhar a liberdade das ruas e gostou, pelo menos a princípio, do vigor do frio e até do vento agreste que soprava. Mas, por outro lado, a distribuição dos cheques não estava a avançar. É certo que era um trabalho de cidade; ninguém estava à espera que as pessoas se esforçassem demasiado num tra-

balho de cidade. O seu supervisor, o jovem Sr. Raynor, dissera-lhe praticamente isso. Ainda assim, queria apresentar um bom trabalho. Uma das razões é que quando soubesse quanto tempo levava a despachar uma série de cheques, ficava também a saber quanto tempo podia tirar para si próprio. E depois, por outro lado, os subsidiados estavam à espera do dinheiro. Não era a consideração mais importante, mas claro que contava para ele. Não, mas queria fazer bem as coisas, simplesmente por gostar das coisas bem feitas, desempenhar decentemente uma tarefa por tão poucas vezes lhe calhar uma que exigisse este preciso tipo de energia. Esta energia especial, possuía-a ele neste momento em superabundância; uma vez que começasse a fluir, fluía com toda a força. Mas, de qualquer modo até agora, sentia-se frustrado. Não conseguia encontrar o Sr. Green.

E ali estava ele especado, na sua gabardina ampla, com um envelope enorme na mão e papéis a espreitarem do bolso, perguntando a si próprio por que razão seria assim tão difícil localizar pessoas que estavam tão fracas ou doentes que nem ao posto podiam ir levantar os próprios cheques. Mas Raynor tinha-lhe dito que elas, a princípio, não eram fáceis de encontrar e tinha-lhe dado alguns conselhos sobre como havia de fazer.

– Se vir o carteiro, é a primeira pessoa a quem deve perguntar, é a sua melhor hipótese. Se não conseguir encontrá-lo, experimente as lojas e os comerciantes da área. A seguir o encarregado do prédio e os vizinhos. Mas vai ver que quanto mais perto estiver do seu homem menos as pessoas lhe dirão. Não lhe dizem nada.

– Por eu ser um estranho?

– Por ser branco. Devíamos ter um preto a fazer isto, mas neste momento não temos e claro que você também precisa de comer e isto é um serviço público. As tarefas têm de ser cumpridas. Oh, também vale para mim. Não estou a pôr-me de fora, repare. Tenho é mais três anos de serviço do que você, é só isso. E uma formatura em Direito. Senão, podia você estar atrás da secretária e eu ter de ir para o terreno num frio destes. A massa que nos paga vem do mesmo sítio e pela mesma, exacta e idêntica razão. Que tem a ver com isto a minha formatura em Direito? Mas tem de entregar esses cheques, Sr. Grebe, e dava jeito que fosse teimoso, por isso espero que seja.

– Sou, sou bastante teimoso.

Raynor aplicou-se a fazer uns rabiscos com uma borracha de apagar no pó velho da secretária, com a mão esquerda, e disse:

– Claro, que havia você de responder a uma pergunta destas. Seja como for, o problema que vai ter é que eles não gostam de dar informações sobre ninguém. Pensam que você é um polícia à paisana, um cobrador de dívidas, um oficial de diligências ou qualquer coisa do género. Até ter andado por aqueles sítios uns quantos meses e as pessoas perceberem que você é só da Assistência.

Estava escuro, o chão gelado, um tempo de vésperas de Acção-de-Graças; o vento brincava com o fumo, atirando-o para baixo, e Grebe sentia a falta das luvas, que deixara no gabinete de Raynor. E não havia ninguém a dizer que conhecia Green. Passava das três horas e o carteiro fizera já a última entrega. O merceeiro

mais próximo, negro também, nunca ouvira o nome de Tulliver Green, ou foi o que disse. Grebe estava inclinado a acreditar que era verdade, que acabara por convencer o sujeito de que a única coisa que queria era entregar um cheque. Mas não tinha a certeza. Faltava-lhe experiência na interpretação de olhares e sinais e, mais ainda, a determinação para não se sentir rejeitado ou recusado e mesmo a força para intimidar se necessário fosse. Se o merceeiro sabia, tinha-se visto livre dele facilmente. Mas sendo a maior parte do seu negócio com pessoas que viviam da Assistência, porque haveria ele de impedir a entrega de um cheque? Talvez Green, ou a Sr.ª Green, se havia alguma Sr.ª Green, fosse cliente de outra mercearia. Mas será que havia alguma Sr.ª Green? Era um dos maiores problemas de Grebe, o ele não ter visto as fichas do caso. Raynor devia ter-lhe dito para dedicar umas horas a ler as fichas. Mas aparentemente não viu nenhuma necessidade disso, provavelmente por considerar a tarefa sem importância. Para quê uma preparação metódica para entregar uns quantos cheques?

Mas agora estava na altura de ir ter com o encarregado do prédio. Grebe observou o edifício, naquele dia ventoso e soturno de fins de Novembro – de um lado, terrenos pisados, com crostas de geada; do outro, um estaleiro de sucata de automóveis e depois a infinita extensão dos pilares das pontes do metro, de aspecto frágil, hiantes, com fogueiras de lixo; duas fiadas de alpendres descaídos, á altura de dois andares e um lanço de escadas de cimento para a cave. Descendo, entrou no corredor subterrâneo, onde bateu a várias portas até que uma se abriu e ele se viu na sala das caldeiras. Aí, alguém se endireitou para o ver e se aproximou, arras-

tando os pés no pó do carvão, curvado debaixo dos tubos revestidos de tela.

– O senhor é o encarregado do prédio?

– Que é que quer?

– Procuro um homem que deve morar aqui. Green.

– Qual Green?

– Ah, então tem cá mais do que um Green? – disse Grebe com renovada, grata, esperança. – Este chama-se Tulliver Green.

– Acho que não o posso ajudar. Não conheço nenhum Green.

– Um inválido.

O encarregado mantinha-se curvado diante dele. Seria inválido? Ah, meu Deus, e se fosse? Os olhos cinzentos de Grebe tentavam ver, com uma dificuldade expectante. Mas não, era só muito baixo e estava curvado. Uma cabeça despertada da meditação, uma barba de pêlos espessos, ombros baixos e largos. Um relento de suor e carvão subia da camisa preta e do saco de serapilheira que usava como avental.

– Inválido, como?

Grebe pensou e depois respondeu com a voz irreflectida da candura absoluta:

– Não sei. Nunca o vi – foi desastrado, mas a única alternativa seria deitar-se a adivinhar e não estava para aí virado. – Ando a entregar cheques da Assistência a pessoas acamadas. Se não fosse inválido, ia ele próprio recebê-lo. Foi por isso que disse que era inválido. Acamado ou numa cadeira... conhece alguém assim?

Este género de franqueza era um dos talentos mais antigos de Grebe, que lhe vinha da infância. Mas de nada lhe serviu neste caso.

– Ná, s'nhor. Sou encarregado de quatro prédios como este. Nem conheço todos os inquilinos, quanto mais os inquilinos dos inquilinos. Os quartos alugam-se tão depressa, todos os dias há uns a mudar-se para cá e outros a saírem. Não lhe sei dizer nada.

O encarregado abriu os lábios enfarruscados, mas Grebe não o ouviu no meio dos silvos das válvulas e da impetuosa aspiração do ar pelas chamas, no corpo da fornalha. Sabia, no entanto, o que ele tinha dito.

– Bem, de qualquer modo, obrigado. Desculpe incomodá-lo. Vou dar mais uma espreitadela lá em cima a ver se aparece alguém que o conheça.

De novo no ar frio e na escuridão prematura fez a pequena volta desde o corredor da cave até à entrada apertada entre os pilares de tijolo e começou a subir para o segundo andar. Lascas de estuque rangiam debaixo dos pés; bocados da tira de latão de onde a alcatifa fora arrancada assinalavam as antigas bordas nos lados. No corredor, o frio atingia-o mais intensamente do que na rua; chegava-lhe aos ossos. As retretes do átrio vertiam como fontes. Pensou amargamente, ao ouvir o vento ardendo à volta do prédio com um som como o da fornalha, que aquilo era uma magnífica obra de abrigo construído. Depois acendeu um fósforo no escuro e pôs-se a procurar nomes e números no meio das coisas escritas e dos rabiscos nas paredes. Viu WHOODY-DOODY VAI PRA JESUS, ziguezagues, caricaturas, garatujas sexuais e palavrões. Era também assim que estavam decoradas as câmaras seladas das pirâmides e as grutas dos alvores da humanidade.

A informação no cartão dizia: TULLIVER GREEN – APARTAMENTO 3D. Não havia nomes, no entanto, nem

números. Os ombros encolhidos, com lágrimas de frio nos olhos, com um hálito de vapor, andou todo o corredor e disse para si próprio que se tivesse a sorte de ter um temperamento desses desatava a bater numa porta a berrar «Tulliver Green!», até conseguir alguma coisa. Mas não estava na sua natureza fazer estardalhaço e continuou a acender fósforos, passando a luz pelas paredes. Nas traseiras, a um canto do átrio, descobriu uma porta que não tinha visto antes e achou melhor investigar. Parecia não estar ninguém quando bateu à porta, mas respondeu uma mulher negra, ainda nova, ainda pouco mais do que uma rapariga. Abriu apenas uma nesga, para manter o calor do interior.

– Que deseja?

– Sou do posto da Assistência da área, na Prairie Avenue. Ando à procura de um homem chamado Tulliver Green para lhe entregar um cheque. Conhece-o?

Não, não conhecia; mas ele pensou que ela não tinha percebido nada do que lhe dissera. Tinha uma cara como que envolta em sonho, cega de sonho, muito suave e negra, fechada. Vestia um casaco de homem e puxava-lhe as lapelas de encontro à garganta. Tinha o cabelo dividido por três riscas, aos lados e transversalmente, levantado na testa num tufo sem graça.

– Haverá alguém por aqui que o conheça?

– Só estou neste quarto há uma semana.

Reparou que ela tremia, mas mesmo o tremor dela era sonâmbulo e não havia nítida consciência de frio nos grandes olhos mansos da sua cara bonita.

– Está bem, menina, obrigado. Obrigado – disse ele, e seguiu para tentar noutro lado.

Aqui, deixaram-no entrar. Sentiu-se grato, pois a sala estava quente. Estava cheia de gente, que se calou quando ele entrou – dez pessoas, talvez uma dúzia, talvez mais, sentadas em bancadas como num parlamento. Não havia luz, a bem dizer, a não ser a moderada penumbra dada por uma janela, e todos lhe pareceram enormes, os homens enchumaçados em roupas de trabalho pesadas e capotes, e as mulheres também descomunais nas suas camisolas, chapéus e peliças antigas. E, além disso, a cama e cobertores, um fogão preto, um piano empilhado até ao tecto com papéis, uma mesa de jantar ao velho estilo da próspera Chicago. No meio deles, Grebe, com a sua cor rosada avivada pelo frio e a sua estatura mais baixa, fez uma entrada de rapazinho de escola. Apesar de ter sido acolhido com sorrisos e boa-vontade, percebeu, antes que uma só palavra fosse pronunciada, que todas as correntes corriam contra ele e que não iria singrar. Apesar de tudo tentou:

– Alguém aqui sabe como posso entregar um cheque ao Sr. Tulliver Green?

– Green? – foi o homem que o deixara entrar quem falou. Estava de manga curta, com uma camisa aos quadrados, e tinha uma cabeça esquisita, alongada, com um profuso emaranhado de cabelo tão alto como uma barretina militar; as veias embrenhavam-se nele profundamente desde a testa. – Nunca ouvi falar nele. Mora aqui?

– Foi este o endereço que me deram no posto. É uma pessoa doente e há-de precisar do cheque. Ninguém me sabe dizer onde o posso encontrar?

Manteve-se firme e ficou à espera de resposta, o cachecol vermelho-vivo enrolado no pescoço e penden-

do por fora da gabardina, os bolsos a abarrotar de cadernetas de cheques e de impressos. Devem ter compreendido que não era nenhum estudante empregado às tardes por algum cobrador de dívidas, tentando fazer-se passar astutamente por funcionário da Assistência, reconheceram que era um homem mais velho, que sabia por si próprio o que era a necessidade, que tivera das dificuldades da vida uma experiência acima da média. Era bem evidente para quem reparasse nos vincos que tinha debaixo dos olhos e aos cantos da boca.

– Alguém conhece este inválido?

– Ná, s'nhor – via em todos os lados cabeças a abanar e sorrisos de negação. Ninguém o conhecia. E talvez fosse verdade, considerou ele, calado ali em pé na terrena, odorosa, humana soturnidade do lugar, enquanto o murmúrio continuava. Mas nunca poderia ter realmente a certeza.

– O que tem esse tal homem? – disse o cabeça de barretina.

– Nunca o vi. A única coisa que posso dizer-lhe é que não pode ir buscar o dinheiro dele pessoalmente. Hoje é o meu primeiro dia nesta área.

– Talvez *que deram* um número errado.

– Não me parece. Mas onde mais posso perguntar por ele? – sentia que esta persistência os divertia profundamente e, de certa maneira, partilhava o divertimento deles, que os enfrentasse com tal tenacidade. Apesar de mais baixo, de fraca figura, não era pessoa para se rebaixar, não recuou em nada e devolveu-lhes o olhar, os olhos cinzentos, divertido e também com uma certa coragem. Na bancada um dos

homens disse alguma coisa numa voz abafada, as palavras impossíveis de captar, e uma mulher respondeu com uma risada incontida, esganiçada, que foi rapidamente interrompida.

– Bem, então ninguém me vai dizer nada?

– Ninguém sabe.

– Pelo menos, se ele mora aqui, paga a renda a alguém. Quem é que administra o prédio?

– A Greatham Company. Fica na Rua Trinta e Nove.

Grebe tomou nota no seu bloco. Mas, de novo na rua, com um pedaço de papel empurrado pelo vento agarrado à perna, enquanto deliberava o caminho a tomar, pareceu uma pista bem fraca a seguir. Provavelmente o tal Green não alugava apartamento nenhum, mas apenas um quarto. Às vezes chegava a haver vinte pessoas num apartamento; o administrador conhecia apenas o inquilino. E nem o administrador poderia dizer quem eram os que alugavam os quartos. Havia sítios em que as camas eram usadas à vez, guardas-nocturnos, condutores de autocarros ou cozinheiros de refeições rápidas nos bares da noite, que saem depois de passarem o dia a dormir e cedendo a cama a uma irmã, a um sobrinho ou talvez a algum desconhecido, acabado de chegar no autocarro. Havia nesta terrível parte da cidade, roída pela maldição, situada entre Cottage Grove e Ashland, um grande número de forasteiros que transitava de casa para casa e de quarto para quarto. Quando os víamos, como haveríamos de os reconhecer? Não andavam de trouxa às costas, nem tinham um ar pitoresco. Não víamos senão um homem, um negro, caminhando na rua ou viajando num eléctrico, como

qualquer outro, apertando o bilhete com o polegar. E, portanto, como se ia saber? Grebe pensou que o agente da Greatham se limitaria a rir-se da sua pergunta.

Mas como lhe teria facilitado a tarefa ser capaz de dizer se Green era velho, ou cego, ou tuberculoso. Uma hora nos arquivos tomando algumas notas, e não teria de estar numa situação tão difícil. Quando Raynor lhe entregou o bloco de cheques, Grebe perguntou: «O que preciso de saber sobre estas pessoas?» Nessa altura Raynor olhara-o como se estivesse a preparar-se para o acusar de tentar fazer a tarefa mais importante do que era. Sorriu, porque então a relação deles era boa, mas mesmo assim estava a preparar-se para dizer alguma coisa quando a confusão começou no posto por causa de Staika e dos filhos.

Grebe esperara muito tempo por este emprego. Conseguira-o graças à cunha de um antigo colega de escola, agora na sede das Empresas Municipais, de quem nunca fora amigo muito chegado, mas que subitamente se mostrara compreensivo e interessado – contente por mostrar, além do mais, como tinha subido na vida, e continuava a subir em força mesmo nestes tempos difíceis. Realmente, estava a safar-se muito bem, tão bem como a própria administração democrática. Grebe fora ter com ele à Câmara Municipal e tinham-se sentado a um balcão para almoçar ou beber umas cervejas pelo menos uma vez por mês durante um ano e finalmente tinha sido possível sacar o emprego. Não se importou que lhe dessem o grau mais baixo de funcionário, nem sequer de fazer de carteiro, embora Raynor pensasse que sim.

Este Raynor era um tipo original e Grebe simpatizou com ele imediatamente. Como é de regra no pri-

meiro dia, Grebe chegara cedo, mas teve de esperar bastante porque Raynor chegou atrasado. Até que entrou a correr para o cubículo que era o seu gabinete como quem acabara de saltar de um daqueles enormes autocarros vermelhos que passavam a toda a brida na Indian Avenue. Tinha a cara magra e áspera mordida do vento e sorria e falava sozinho, a arfar. Com o seu chapéu, pequeno, de feltro, o casaco, a gola de veludo bem ajustada no pescoço, o lenço de seda que provocava o tique nervoso do queixo, deixou-se deslizar para a cadeira giratória fazendo-a rodar, levantando os pés, de modo que se empinou um pouco ao sentar-se. Ao mesmo tempo mediu Grebe com os olhos, uns olhos de um comprimento vertical pouco comum, ligeiramente sardónicos. Então os dois homens ficaram sentados durante algum tempo, sem dizerem nada, enquanto o supervisor tirava o chapéu do cabelo mal penteado e o punha nos joelhos. As mãos, escuras do frio, não estavam limpas. Atravessando a pequena sala improvisada havia um varão de aço, ao qual em tempos se prendiam as correias das máquinas. O edifício era uma antiga fábrica.

– Sou mais novo do que você; espero que não o incomode receber ordens minhas – disse Raynor. – Mas também não sou eu quem as inventa. Quantos anos tem, mais ou menos?

– Trinta e cinco.

– E se calhar pensava que ia ficar cá dentro a tratar da papelada. Mas acontece que vou ter de o mandar para fora.

– Não faz mal.

– E os nossos fregueses nesta área são sobretudo pretos.

– Imaginava que fossem.

– Óptimo. Há-de desenrascar-se. *C'est un bon boulot*. Sabe francês?

– Alguma coisa.

– Pareceu-me que tinha andado na universidade.

– Esteve em França? – disse Grebe.

– Não, é francês da Berlitz School. Ando nisto há mais de um ano, como tenho a certeza de que outros andaram, por esse mundo fora, moços de recados em escritórios na China ou guerreiros do Tanganica. Bolas, sei bem como isso é. Tal é o poder de atracção da civilização. É sobrevalorizado, mas que quer? *Que voulez-vous?* Compro *Le Rire* e todas as revistas picantes, tal e qual como no Tanganica. Deve ser confuso, aquilo lá. A razão é que estou interessado em seguir o serviço diplomático. Tenho um primo que é correio diplomático e pela maneira como fala daquilo é terrivelmente interessante. Viaja em *wagon-lits* e lê livros. Ao passo que nós... Que fazia você antes?

– Era vendedor.

– Onde?

– Carne enlatada na Stop and Shop. Na cave.

– E antes disso?

– Estores, nos Goldblatt's.

– Emprego estável?

– Não. Quintas e sábados. Também vendi sapatos.

– Ah, também foi um ás dos sapatos. Está bem. E antes disso? Está aqui na sua pasta – abriu a ficha. – Saint Olaf's College, professor de línguas clássicas. Bolseiro, Universidade de Chicago, 1926-27. Também tive Latim. Vamos lá trocar citações... *Dum spiro spero.*

– *De dextram misero.*

– *Alea jacta est.*

– *Excelsior.*

Raynor ria-se à gargalhada e outros funcionários vieram espreitar por cima da divisória. Grebe riu-se também, sentindo-se bem-disposto e à-vontade. O luxo de uma distracção numa manhã nervosa. Quando acabaram e não havia ninguém a olhar ou a ouvir, Raynor disse num tom mais sério:

– O que o levou a estudar Latim, já agora? Queria ser padre?

– Não.

– Só porque lhe deu para aí? Pela cultura? Oh, as pessoas pensam que se conseguem safar com cada uma! – deu um tom hilariante e trágico à sua exclamação. – Fiz tudo e mais alguma coisa para estudar Direito e consegui formar-me, por isso é que recebo mais doze dólares por semana do que você, como brinde por ter visto a vida a direito e a longo prazo. Sempre lhe digo, a si que é homem de cultura, que embora nada pareça ser real, e tudo represente uma coisa diferente, e essa coisa represente outra, e essa ainda outra... não há comparação possível entre vinte e cinco e trinta e cinco dólares por semana, independentemente da realidade última. Não acha que isso era claro para os seus gregos? Eram pessoas altruístas, mas não se desfaziam dos seus escravos.

Isto era muito mais do que Grebe estava à espera numa primeira entrevista com o seu supervisor. Era demasiado tímido para mostrar todo o espanto que sentia. Riu-se um pouco, animou-se, fez um gesto a sacudir o raio de Sol que lhe cobria a cabeça com o seu pó.

– Acha o meu erro assim tão terrível?

– Ai não que não foi terrível, e você já percebeu isso, agora que sentiu nas costas o chicote da vida dura. Devia ter-se preparado para as dificuldades. Os seus pais deviam estar bem na vida para o porem na universidade. Mande-me calar, se estiver a pisar-lhe os calos. A sua mãe mimava-o? O seu pai fazia-lhe as vontades? Foi criado com ternura, autorizado a partir e ir descobrir as coisas últimas que todas as outras representavam, enquanto os demais labutavam no mundo degradado das aparências?

– Enfim, não, não foi propriamente assim! – Grebe sorriu. – *O mundo degradado das aparências!* Não faz a coisa por menos. Mas agora era a sua vez de se sair com uma surpresa. – Não éramos ricos. O meu pai foi o último mordomo inglês genuíno de Chicago...

– Está a gozar?

– Porque havia de estar?

– De libré?

– De libré. Lá para cima, na Gold Coast.

– E queria dar-lhe a educação de um cavalheiro?

– Não queria nada. Ele pôs-me no Armour Institute a estudar Engenharia Química. Mas quando morreu, eu mudei de escola.

Deteve-se e pôs-se a pensar em como Raynor o apanhara tão depressa. Num piscar de olhos, tinha-nos a mala em cima da mesa e os pertences todos à mostra. E depois, já na rua, reflectia ainda até onde poderia ter ido, e até onde poderia ter sido levado a falar, se não tivessem sido interrompidos pelo grande escarcéu da Sr.ª Staika.

Mas precisamente naquele momento uma mulher nova, uma das funcionárias de Raynor, entrou a correr no cubículo, exclamando:

– Não ouviram aquele banzé?

– Não ouvimos nada.

– Está ali a Staika a despejar o saco. Os jornalistas estão a chegar. Diz ela que telefonou para os jornais e já se sabe que telefonou mesmo.

– Mas que está ela a fazer? – disse Raynor.

– Trouxe a roupa lavada e pôs-se a engomá-la aqui, com a nossa electricidade, por a Assistência não lhe pagar a conta da luz. Montou a tábua de engomar junto à recepção e trouxe os filhos com ela, todos os seis. Nunca vão à escola mais de uma vez por semana. Anda sempre com eles atrás para defender a sua reputação.

– Não quero perder pitada disto – disse Raynor, levantando-se de um salto. Grebe, quando ele seguia com a secretária, perguntou:

– Quem é essa Staika?

– Chamam-lhe a «Mãe de Sangue de Federal Street». É dadora profissional dos hospitais. Acho que lhe pagam dez dólares por meio litro. É claro que não é brincadeira nenhuma, mas faz um grande alarido à volta disso e ela e os miúdos estão sempre a aparecer nos jornais.

Um pequeno ajuntamento, pessoal e clientes separados por uma barreira de contraplacado, concentrava-se no reduzido espaço da entrada e Staika gritava numa voz áspera e masculina, espetando o ferro contra a tábua de engomar e batendo com ele no descanso de metal.

– O meu pai e a minha mãe vieram para cá no porão de um navio e eu nasci em nossa casa, em Robey no Huron. Não sou uma dessas emigrantes sujas. Sou cidadã americana. O meu marido é um veterano

gaseado em França, com uns pulmões mais fracos do que papel, que mal pode ir sozinho à casa de banho. Aqui estes meus seis filhos, tenho de lhes comprar sapatos para os pés com o meu próprio sangue. Mesmo a porcaria de uma gravatinha branca para a Comunhão vale umas gotas de sangue; o niquinho de um véu para a minha Vadja, para ela não se sentir envergonhada na igreja ao lado das outras raparigas, pedem-me o sangue por ele nos Goldblatt. É assim que me vou aguentando. Era bonito se tivesse de estar à espera da Assistência. E há muita gente nas listas... Vigaristas! Não há nada que *eles* não possam arranjar, podiam ir para a Swift and Armour embalar toucinho fumado, é só quererem. Eles andam à procura de gente nas Yards. Trabalho não havia de lhes faltar. Só que preferem ficar na porcaria das camas deles a comer o dinheiro do Estado.

Não tinha medo, num posto predominantemente de negros, de falar deles desta maneira, aos berros.

Grebe e Raynor abriram caminho até à frente para verem a mulher mais de perto. Chispava de fúria e de satisfação consigo própria, maciça e enorme, uma mulher de cabelos dourados, de touca de algodão presa com uma fita cor-de-rosa. Tinha as pernas nuas e calçava uns sapatos de ginástica pretos, e trazia a bata da Assistência aberta e os seios enormes, mal presos numa camisola interior de homem, embaraçavam-lhe o movimento dos braços ao passar o vestido da filha na tábua de engomar. E as crianças, caladas e brancas, numa espécie de cerrada obstinação, em casacos de carneira e blusões, mantinham-se em pé atrás dela. Tinha tomado conta do posto e o prazer que isso lhe dava era enorme. No entanto as suas queixas eram queixas sérias. O que di-

zia era verdade. Mas agia como se fosse uma mentirosa. A expressão dos olhos pequenos era escusa e enquanto barafustava parecia estar também a manipular e a calcular.

– Mandam-me assistentes sociais da universidade, de calças de seda, a ver se me convencem a desistir daquilo a que tenho direito. Elas são melhores do que eu? Quem lhes disse? Despeçam-nas. Elas que se ponham a andar e se casem e já não é preciso cortar a electricidade do subsídio da gente.

O supervisor-chefe, o Sr. Ewing, não conseguia calá-la e permanecia de braços cruzados à frente do pessoal, a cabeça mais do que calva, dizendo aos subordinados, como o ex-director de escola que ele era:

– Não tarda nada cansa-se e vai-se embora.

– Não vai, não – disse Raynor a Grebe. – Vai conseguir o que quer. Sabe mais da Assistência do que o Ewing. Há anos que está nas listas e consegue sempre o que quer porque arma sempre uma cena destas. O Ewing sabe isso. Daqui a pouco cede. Isto é só para salvar a face. Se ele arranja má publicidade, o comissário chama-o à pedra, lá na sede. Ela conseguiu afundá-lo; há-de acabar por afundar toda a gente, incluindo nações e governos.

Grebe replicou com o seu sorriso característico, discordando por completo. Quem acataria as ordens de Staika e que mudanças haveria de conseguir a gritaria dela?

Não, o que Grebe via nela, o poder que fazia com que as pessoas a ouvissem, é que o grito dela exprimia a guerra da carne e do sangue, talvez um pouco louco e certamente feio, sobre este local e esta situação. E a princípio, para ele, depois de sair para a rua, o espírito

de Staika de certo modo presidia a todo o bairro, que dela recebia cor; viu a cor dela nas fogueiras irregulares nos passeios e nas fogueiras debaixo do beco rectilíneo, de soturnidade chamejante dos pilares do metro. Mais tarde, ainda, quando entrou num bar para um copo de *whisky*, o suor da cerveja, que associou às ruas polacas do West Side, fizeram-no pensar nela mais uma vez.

Limpou os cantos da boca com o cachecol, por não lhe ser fácil chegar ao lenço, e voltou a sair para continuar a entrega dos cheques. O ar mordia frio e impiedoso e à volta de Grebe formavam-se alguns flocos de neve. Um comboio passou disparado, deixando um estremecimento nas pontes e um silvo gelado arrepiante pelos carris fora.

Atravessando a rua, desceu um lanço de escadas de madeira para uma mercearia na cave, fazendo soar uma pequena sineta. Era uma loja escura e comprida que nos atingia com o cheiro intenso a carne fumada, sabão, pêssegos secos e peixe. Numa pequena salamandra, as chamas franziam-se e adejavam, e o proprietário esperava ao balcão, um italiano com uma cara comprida, cavada, com pêlos de barba renitentes. Mantinha as mãos aquecidas debaixo do avental.

Não, não conhecia Green. Conhecemos pessoas, mas não os nomes. O mesmo homem podia não ter o mesmo nome duas vezes. A polícia também não sabia e sobretudo não queria saber. Quando alguém apanhava um tiro ou uma facada, eles levavam dali o cadáver e nem procuravam o assassino. Para começar, ninguém lhes diria nada. Por isso, inventavam um nome qualquer para dizer ao médico-legista e davam o assunto por arrumado. E em segundo lugar, assim como assim,

estavam-se completamente nas tintas. Mas não conseguiam ir até ao fundo de coisa nenhuma, mesmo que quisessem. Ninguém chegaria a saber nem um décimo daquilo que se passava com esta gente. Anavalhavam e roubavam, praticavam toda a casta de crimes e abominações de que alguma vez se ouviu falar, homens com homens, mulheres com mulheres, pais com filhos, piores do que animais. Faziam as coisas à sua maneira e os crimes esvaíam-se como fumo. Nunca houve nada assim na história do mundo inteiro.

Era um discurso longo, afundando-se a cada palavra na sua fantasia e paixão e tornando-se crescentemente absurdo e terrível: um amálgama de sugestão e invenção, um imenso nó cego, entrelaçado, desesperado, uma roda humana de cabeças, pernas, barrigas, braços, girando pela sua loja.

Grebe sentiu que devia interrompê-lo. Disse, terminante:

– Que está você para aí a dizer? Só lhe perguntei se conhecia este homem!

– Isto não é nem metade. Há seis anos que aqui estou. Se calhar não quer acreditar. Mas, e se fosse verdade?

– Seja como for – disse Grebe – deve haver uma maneira de encontrar uma pessoa.

Os olhos muito juntos do italiano tinham-se mantido estranhamente concentrados, tal como os seus músculos, enquanto esteve debruçado sobre o balcão tentando convencer Grebe. Agora, desistiu do esforço e sentou-se no seu banco.

– Ah... suponho que sim. Uma vez por outra. Mas é como lhe digo, nem a polícia consegue nada.

– Andam sempre atrás de alguém. Não é a mesma coisa.

– Bem, continue a procurar se quiser. Não o posso ajudar.

Mas Grebe não continuou. Não tinha mais tempo a perder com Green. Passou o cheque de Green para o fim da caderneta. O nome seguinte na lista era FIELD, WINSTON.

Encontrou sem problema nenhum a casita de madeira numas traseiras; partilhava um terreno com outra casa, com aí um metro de permeio. Grebe conhecia estes lotes com duas barracas. Tinham sido construídas em grande número antes de se fazer o aterro dos pântanos e de as ruas terem sido levantadas, e eram todas iguais – um passadiço de tábuas ao longo da cerca, bastante abaixo do nível da rua, três ou quatro estacas com uma bola na ponta para os estendais, madeira esverdinhada, com telhas de madeira apodrecidas, e um lanço de escadas muito muito comprido para a porta das traseiras.

Um rapaz de uns doze anos deixou-o entrar para a cozinha e lá estava o velhote, sentado à mesa numa cadeira de rodas.

– Ah, é o homem do Governo – disse ele para o rapaz quando Grebe sacou dos cheques. – Vai buscar a minha caixa dos papéis – arranjou um espaço em cima da mesa.

– Oh, não se incomode – disse Grebe. Mas Field exibiu os seus papéis: cartão da Segurança Social, certificado da Assistência, cartas do hospital estadual de Manteno e uma passagem à reserva da Marinha, datada de San Diego, 1920.

– É mais do que suficiente – disse Grebe. – Só tem de assinar.

– Tem de saber quem eu sou – disse o velhote. – Você é do Governo. O cheque não é seu, é do Governo e você não tem nada que o entregar até ter prova de tudo.

Gostava daquele cerimonial e Grebe não fez mais nenhuma objecção. Field esvaziou a caixa e concluiu o círculo de cartões e cartas.

– Está aí tudo o que eu fiz e fui. Só falta a certidão de óbito e podem fechar o meu processo – disse isto com certa liberalidade e orgulho feliz. Mas continuava sem assinar; limitava-se a segurar a caneta pequena por cima da bombazina verde-dourada da coxa. Grebe não o apressou. Apercebeu-se da fome de conversa do velho.

– Tenho de arranjar um carvão melhor – disse ele. – Mando o meu netinho ao estaleiro com a requisição e eles enchem-lhe o carrinho com aparas. A salamandra não foi feita para isso. Passa tudo pelo meio da grelha. A requisição diz carvão de Franklin County do tamanho de um ovo.

– Vou participar isso e ver o que se pode fazer.

– Não se pode fazer nada, estou convencido. Você sabe que é assim e eu também. Não há pequenos remédios para melhorar as coisas, e o único remédio grande é o dinheiro. É a única luz do mundo, o dinheiro. Nada é negro onde ele brilha e o único sítio onde se vê negro é onde ele não brilha. O que nós, a gente de cor, precisamos é de ter os nossos próprios ricos. Não há outro remédio.

Grebe deixou-se ficar sentado, a testa corada coberta pela orla uniforme do cabelo curto e a cara afundada

na gola – o carvão cheio de cinza ardia com um brilho intenso dentro da grelha de ferro e mica, mas a cozinha não estava confortável – deixou-se ficar sentado a ouvir o velhote expor o seu esquema. Que consistia em criar um milionário negro todos os meses por subscrição. Um rapaz novo, esperto, de bom coração, escolhido mês a mês, assinava um contrato em que se comprometia a usar o dinheiro para lançar um negócio que empregasse negros. Isto seria divulgado por cartas em cadeia e de boca em boca e cada negro que tivesse um salário contribuía com um dólar por mês. Dentro de cinco anos haveria sessenta milionários.

– Havia de meter respeito – disse ele com uma espécie de soluço na garganta que soou como uma sílaba estrangeira – tem de se ir buscar e organizar todo o dinheiro que se atira fora nas lotarias e nas corridas de cavalos. Enquanto nos puderem tirar o dinheiro, não nos têm respeito nenhum. O dinheiro é o sol da espécie humana!

Field era um negro de sangue mestiço, talvez cherokee ou *natchez*; tinha a pele avermelhada. E pela maneira como falava de um Sol dourado nesta sala escura, parecia – com o cabelo desgrenhado e a cabeça angulosa, com o sangue misto da cara e dos lábios grossos, com a pequena caneta ainda erguida na mão – um dos reis subterrâneos da mitologia, o velho juiz Minos em pessoa.

E então aceitou o cheque e assinou. Para não sujar o recibo, segurou-o contra a mesa com os nós dos dedos. A mesa, o centro daquele sítio arqueológico pagão que era a cozinha, estremecia e rangia, coberta de pão, carne, latas e da confusão dos papéis.

– Não acha que o meu esquema havia de resultar?

– É uma coisa a pensar. Algo tem de se fazer, isso concordo.

– Resultava se as pessoas o fizessem. Mais nada. É a única coisa, é sempre assim. Quando todas o entenderem da mesma maneira, todas.

– É verdade – disse Grebe, levantando-se. O seu olhar cruzou-se com o do velho.

– Eu sei que tem de ir – disse ele. – Bem, Deus o abençoe, moço, não se armou em esperto comigo. É uma coisa que eu vejo logo.

Voltou para a rua através do pátio oculto. Alguém resguardava uma vela num barracão, onde um homem descarregava lenha de um carrinho de bebé com as rodas desengonçadas e duas vozes conversavam, estridentes. Enquanto subia o passadiço protegido ouviu o vento sacudindo com força a ramaria das árvores e embatendo nas fachadas das casas e depois, ao chegar ao passeio, viu o olho vermelho das torres de alta tensão a uma centena de metros de altura no ar gelado acima do rio e das fábricas – uns pontos intensos. Daqui, a sua visão ficava obstruída durante toda a extensão até ao braço sul do rio, as margens com madeira para construção e as gruas junto à água. Reconstruída depois do Grande Incêndio, esta parte da cidade estava, ainda nem passados cinquenta anos, novamente em ruínas, com fábricas entaipadas, edifícios abandonados ou em derrocada, entremeados de baldios. Porém, não era desolação que fazia sentir, mas antes uma intermitência da organização que libertava uma energia imensa, um poder incontido, indomado, indisciplinado, emanando da crueza daquele lugar enorme. As pessoas não

só deviam senti-lo como, pareceu a Grebe, eram compelidas a moldarem-se a ele. Nos seus próprios corpos. Ele não menos do que os demais, apercebeu-se. E dizer que em tempos os seus pais tinham sido criados de outros, mas que se esperava que ele não o fosse. Pensou que eles nunca tinham feito nenhum trabalho como este, que não lhe fora pedido por ninguém visível e que provavelmente ninguém de carne e osso poderia sequer realizar. Nem ninguém poderia mostrar a razão por que deveria ser realizado; ou ver aonde levaria a sua realização. Isto não significa que quisesse ser libertado dele, concluiu com uma expressão severamente pensativa. Pelo contrário. Tinha alguma coisa para fazer. Ser forçado a sentir esta energia sem que se tivesse uma tarefa a cumprir... isso era horrível; isso era sofrimento; sabia o que isso era. Estava na hora de largar. Seis horas. Podia ir, se quisesse, para casa, ou melhor para o quarto, lavar-se com água quente, pegar numa bebida, estender-se em cima do edredão, ler o jornal, comer bolachas com pasta de fígado antes de sair para jantar. Mas pensar nisso fê-lo sentir-se de facto ligeiramente enjoado, como se tivesse engolido ar comprimido. Restavam-lhe seis cheques e estava decidido a entregar pelo menos um deles: o do Sr. Green.

Pôs-se de novo a caminho. Tinha de passar quatro ou cinco quarteirões escusos, por terrenos vazios, casas abandonadas, alicerces antigos, escolas fechadas, igrejas de negros, monturos, e ia pensando que devia haver muita gente ainda viva que conhecera em tempos esta zona reconstruída e nova. Agora havia uma segunda camada de ruínas; séculos de história realizados através da massificação humana. Multidões tinham dado

origem ao crescimento forçado; enormes multidões tinham-no igualmente derrubado. Objectos antes novos, tão concretos que nunca poderia ter ocorrido a ninguém que representassem outras coisas, tinham-se esfarelado. Portanto, reflectia Grebe, o segredo deles tinha sido revelado. E era que se representavam a si próprios por consenso, e eram naturais e não sobrenaturais por consenso, e quando as próprias coisas ruíam o consenso tornava-se visível. A não ser assim, o que fazia com que as cidades não parecessem estranhas? Roma, que era quase permanente, não sugeria pensamentos deste género. Seria ela duradouramente real? Mas em Chicago, onde os ciclos eram tão rápidos e o que era familiar morria e voltava a erguer-se mudado, e voltava a morrer de novo daí a trinta anos, o consenso ou a aliança via-se, e era-se forçado a pensar acerca das aparências e das realidades. (Lembrou-se de Raynor e sorriu. Raynor era uma rapaz esperto.) Compreendido isto, muitíssimas coisas se tornavam inteligíveis. Por exemplo, porque haveria o Sr. Field de conceber um esquema daqueles. Claro, se as pessoas viessem a concordar em criar um milionário, passaria a existir um milionário real. E se quisermos saber o que inspirou o Sr. Field a pensar nisto, ora, ele tinha à vista da janela da sua cozinha o plano, os verdadeiros ossos de um esquema de sucesso – o metro sobre pilares com os seus *confetti* de sinais azuis e verdes. As pessoas consentiam em dar dinheiro e andar em carruagens ruidosas, portanto era um sucesso. E, no entanto, que absurdo parecia; e com tão pouca realidade, no começo. E no entanto Yerkes, o grande financeiro que o construíra, tinha percebido que conseguiria convencer as pessoas a fazê-lo. Visto em si mesmo, como

se parecia com um esquema de um esquema, tão próximo de uma aparência. Então por que ficar admirado com a ideia do Sr. Field? Ele tinha compreendido um princípio. E então Grebe lembrou-se também de que o Sr. Yerkes tinha criado o Observatório Yerkes e que o dotara com milhões. E como é que no verdadeiro museu que era o seu palácio de Nova Iorque ou no seu iate rumo ao mar Egeu lhe veio a ideia de dar dinheiro aos astrónomos? Terá ficado fascinado com o sucesso da sua bizarra empresa e, portanto, pronto a gastar dinheiro para descobrir onde é que no universo o ser e o parecer eram idênticos? Sim, queria saber o que é duradouro; e se a carne de que somos feitos é a erva de que fala a Bíblia; e ofereceu dinheiro para ser queimado na chama dos sóis. Muito bem, então, continuou Grebe a pensar, estas coisas existem porque as pessoas consentem em coexistir com elas – chegámos até aqui – e há também uma realidade que não depende de nenhum consentimento, mas no seio da qual o consentimento é um jogo. Mas então e a necessidade, a necessidade que mantém tão vastos milhares em posição? Responde-me lá a isto, meu cavalheirinho *privado*, minha alma *decente* – usava estas palavras contra si próprio, sarcástico. Por que se dá consentimento à miséria? E porquê tão dolorosamente feia? Porque há *uma coisa* que é sombria e permanentemente feia? Neste momento suspirou e desistiu, pensando que bastava, no momento presente, ter no bolso um cheque real para um Sr. Green que devia ser inquestionavelmente real. Se ao menos os vizinhos dele não pensassem que tinham de o esconder.

Desta vez deteve-se no primeiro andar. Acendeu um fósforo e descobriu uma porta. De imediato, um ho-

mem respondeu ao toque, mas Grebe tinha o cheque preparado e mostrou-o mesmo antes de começar:

– Vive aqui o Sr. Tulliver Green? Sou da Assistência.

O homem reduziu a abertura e falou para alguém atrás dele.

– Vive aqui?

– Náá. Não.

– E no prédio? É um homem doente e não pode ir buscar a massa que lhe pertence – exibiu o cheque à luz, que era fumarenta, o ar cheirava a toucinho esturrado, e o homem afastou a pala do boné para o observar de perto.

– Náá. Nunca vi esse nome.

– Não há por aqui ninguém que ande de muletas?

Pareceu estar a pensar, mas a impressão de Greber é a de que estava apenas à espera de um intervalo decente para desaparecer.

– Ná, s'nhor. Ninguém que eu já vi.

– Passei a tarde toda à procura deste homem – Grebe falou com uma energia inesperada – e vou ter de levar este cheque outra vez para o posto. Parece estranho não ser capaz de encontrar alguém para lhe *dar* uma coisa quando se anda à procura dela por uma boa razão. Se calhar se tivesse más notícias para lhe dar não demorava a encontrá-lo.

Houve um movimento de compreensão na cara do outro homem.

– É verdade, também acho.

– Quase não serve de nada termos um nome se não nos podem encontrar pelo nome. Não representa nada. É como se não tivesse nenhum – continuou, sorrindo. Era o máximo que podia conceder ao desejo de se rir.

– Bom, oiça, há aí um velhote baixinho corcovado que eu vejo de vez em quando. Pode ser que seja ele o que procura. No andar de baixo.

– Onde? Do lado direito ou esquerdo? Qual é a porta?

– Não sei. Magro de cara, baixo, corcovado, com uma bengala.

Mas ninguém respondeu a nenhuma das portas do rés-do-chão. Foi até ao fundo do corredor, procurando à luz dos fósforos, e apenas deparou com uma saída sem escadas para o pátio, um desnível de quase dois metros. Mas havia uma casita de madeira perto da passagem, velha, como a do Sr. Field. Saltar não era seguro. Deu uma corrida desde a entrada, seguindo pela passagem subterrânea, até ao pátio. Havia gente. Via-se luz através da cortina, no andar de cima. O nome no cartão por baixo da caixa do correio partida, em forma de concha, era Green! Exultante, tocou à campainha e fez força contra a porta fechada. Depois a fechadura deu um estalido imperceptível e diante dos seus olhos surgiu um comprido lanço de escadas. Alguém descia vagarosamente – uma mulher. Na luz fraca que havia, deu-lhe a impressão de que ela arranjava os cabelos ao descer, para ficar mais apresentável, pois viu-lhe os braços levantados. Mas era para se apoiar que os tinha levantados; ia apalpando o caminho para baixo, na parede, aos tropeções. A seguir pôs-se a pensar nos pés a tocarem nos degraus; parecia estar descalça. E eram umas escadas gélidas. O som da campainha tinha-a tirado da cama, talvez, e esquecera-se de se calçar. E então reparou que ela estava não só descalça mas nua; estava completamente nua, descendo os degraus a falar sozi-

nha, uma mulher pesada, nua e bêbeda. Esbarrou nele. O contacto dos seus seios, embora apenas tivessem tocado a gabardina, fê-lo recuar contra a porta com um choque instintivo. Veja-se o que ele apanhara, na sua caçada!

A mulher dizia, numa voz furiosa, afrontada:

– Com que então não sei foder, n'é? Já mostro a esse filho da puta se sei ou não sei.

Que devia ele fazer agora?, perguntou Grebe a si próprio. Bolas, ir-se embora. Devia dar meia volta e ir embora. Não podia falar com esta mulher. Não podia deixá-la ali nua ao frio. Mas quando tentou fazê-lo viu-se incapaz de dar meia volta.

– É aqui a casa do Sr. Green? – disse ele. Mas ela continuava a falar sozinha e não o ouviu.

– O Sr. Green mora aqui?

Finalmente, ela voltou para ele o seu olhar furioso e bêbedo.

– Que é que quer?

Os olhos dela vaguearam para longe dele; havia uma pinta de sangue no seu brilho raivoso. Grebe perguntava a si mesmo como é que ela não sentia o frio.

– Sou da Assistência.

– Sim, que é?

– Tenho um cheque para o senhor Tulliver Green.

Desta vez ela ouviu-o e estendeu a mão.

– Não, não; é para o *senhor* Green. Ele tem de assinar – disse ele. Como haveria de conseguir a assinatura de Green nessa noite!?

– Eu fico com isso. Ele não pode.

Grebe abanou desesperadamente a cabeça a dizer que não, pensando nas precauções do Sr. Field quanto à identificação.

– Não lho posso entregar a si. É para ele. É a senhora Green?

– Talvez que sou, e talvez que não. Quem quer saber?

– Ele está lá em cima?

– Muito bem. Dê-lho você, seu parvalhão.

Lá isso era, um parvalhão. Claro que não podia ir lá acima porque provavelmente Green estaria também bêbado e nu. E talvez não tardasse a aparecer no patamar. Olhou para cima alvoroçado. Debaixo da lâmpada via-se uma parede castanha alta e estreita. Vazio! Continuava vazio!

– Vá para o diabo, então! – ouviu-a berrar. Para entregar um cheque para carvão e roupa, tinha-a ali ao frio. Ela não o sentia, mas a cara dele ardia-lhe da geada e do sentimento de ridículo. Afastou-se dela, recuando para sair.

– Volto amanhã, diga-lhe.

– Ah, vá para o diabo. Não volte cá mais. Que anda a fazer por aqui à noite? Não volte – gritava tanto que lhe via a língua toda. De pé com as pernas afastadas, na comprida caixa do átrio, agarrava-se ao corrimão e à parede. A própria casa tinha a forma de uma caixa, uma caixa tosca, alta, apontando para o ar gelado com as suas luzes cruas e invernosas.

– Se é a senhora Green, eu dou-lhe o cheque – disse ele, mudando de ideias.

– Então dê cá – pegou no cheque, pegou na caneta que ele lhe passou ao mesmo tempo, usando a mão esquerda, e tentou assinar o recibo contra a parede. Grebe olhava em redor, como que para ver se a sua loucura estava a ser observada, e quase ia acreditando que ha-

via alguém em pé em cima de um monte de pneus usados no estaleiro de sucata da casa ao lado.

– Mas você é a senhora Green? – ocorreu-lhe agora perguntar. Mas já ela subia as escadas com o cheque, e era demasiado tarde, caso tivesse feito asneira, caso se tivesse metido nalgum sarilho, para desfazer a coisa. Mas não ia preocupar-se com isso. Embora pudesse não ser a Sr.ª Green, estava convencido de que o Sr. Green estava no andar de cima. Quem quer que fosse, aquela mulher representava Green, que ele desta vez não veria. Bem, meu idiota chapado, disse para si, com que então pensas que o encontraste? E daí? Talvez o tenhas realmente encontrado – e isso que tem? Mas era importante que houvesse um Sr. Green real a quem não pudessem impedi-lo de chegar, só por parecer vir como emissário de aparências hostis. E embora o sentimento de ridículo demorasse a desaparecer, e ainda lhe fizesse arder a cara, havia, apesar disso, também um sentimento de júbilo. «Porque afinal», disse, «ele *podia* ser encontrado!»

Jean Giono

O homem que plantava árvores

Tradução de Luísa Costa Gomes

Jean Giono (1895-1970) nasceu em Manosque, na Provença, filho de um sapateiro anarquista de ascendência italiana. Cedo começou a trabalhar, devido à falta de saúde do pai e, em 1915, foi mobilizado e enviado para a frente de batalha, em Verdun. A experiência da guerra marcou-o e transformou-o num pacifista convicto. A leitura dos clássicos, sobretudo da Bíblia, Homero e Virgílio, levou-o à escrita. O sucesso do seu primeiro romance *Colline* e a falência do banco em que trabalhava conjugaram-se para que se dedicasse inteiramente à sua arte. Militante pacifista, aceita a mobilização em 1939, mas é preso sob suspeita de ser simpatizante comunista; é libertado poucos meses depois e novamente preso em 1945, suspeito de colaboracionismo. Em 1946 cessa toda a actividade militante e política. *Viajante Imóvel*, como se designava a si próprio, Giono é um escritor do seu espaço e do seu tempo, cuja obra muitas vezes evoca longas viagens ou longas caminhadas, embora ele pouco tenha viajado a não ser pelas montanhas da Provença e do Trièves. Escreveu mais de trinta romances, de que o mais conhecido é *Le Hussard sur le toit*, de 1951. O texto que traduzimos, *L'homme qui plantait des arbres*, é uma obra de ficção que Giono escreveu em 1953: «O meu objectivo, confessa, era fazer amar as árvores ou mais exactamente fazer com que se goste de plantar árvores (que é desde sempre uma das minhas ideias mais queridas).» O texto foi logo publicado em *Trees and Life* e traduzido em treze línguas, mantendo-se pouco conhecido em França. Foi traduzido em português pela editora Vicentina – Associação para a Protecção e Desenvolvimento do Algarve Sudoeste, por Joana Quintino e Sara Monteiro, em 1998. Em epígrafe, Giono escreveu: «Para que o carácter de um ser humano revele qualidades verdadeiramente excepcionais, é preciso ter a sorte de poder observar a sua acção durante muito tempo. Se tal acção for despojada de todo o egoísmo, se a ideia que a orienta for de uma generosidade sem par, se se tem absoluta certeza de que não buscou qualquer recompensa e que, ainda por cima, deixou no mundo marcas visíveis, estamos então, sem sombra de dúvida, perante um carácter inesquecível.»

Aqui há uns quarenta anos fiz uma longa viagem a pé, pelas alturas absolutamente desconhecidas dos turistas, nessa velhíssima região dos Alpes que entra pela Provença. A região é delimitada a sueste e a sul pelo curso médio do rio Durance, entre Sistereau e Mirabeau; a norte pelo curso superior do Drôme, desde a nascente até Die; a oeste, pelas planícies do Comtat Venaissin e pelos contrafortes do Mont-Ventoux. Compreende toda a parte Norte do distrito dos Baixos Alpes, o Sul do Drôme e um pequeno enclave do Vaucluse.

Eram, na altura em que comecei a longa caminhada por aqueles desertos, extensas charnecas nuas e monótonas, a uns 1200 ou 1300 metros de altitude. Só medrava a alfazema selvagem.

Atravessava a região no sentido do comprimento e, ao fim de três dias de caminho, estava na desolação mais completa. Acampei ao lado do esqueleto de uma aldeia abandonada. A água acabara-se-me na véspera e pre-

cisava de encontrar mais. Aquelas casas todas juntas, embora em ruínas, como um antigo ninho de vespas, fizeram-me pensar que devia ter ali havido, em tempos, uma fonte ou um poço. Havia de facto uma fonte, mas seca. As cinco ou seis casas, sem telhado, roídas do vento e da chuva, a capelinha com o campanário derrocado, estavam bem alinhadas como as casas e as capelas das aldeias vivas, mas a vida desaparecera por inteiro.

Era um belo dia de Junho, com muito sol, mas nessas terras desabrigadas e altas no céu, o vento soprava com uma brutalidade insuportável. Os bramidos contra as carcaças das casas eram os de uma fera interrompida à refeição.

Tive de levantar o acampamento. Após cinco horas de marcha, ainda não tinha encontrado água e nada me dava esperança de a encontrar. Sempre a mesma secura, as mesmas ervas lenhosas. Pareceu-me vislumbrar ao longe uma pequena silhueta negra, de pé. Tomei-a pelo tronco de uma árvore solitária. Completamente ao acaso, dirigi-me para lá. Era um pastor. Umas trinta ovelhas deitadas na terra que queimava descansavam junto dele. Deu-me de beber da sua cabaça e daí a pouco levou-me ao redil, numa ondulação do planalto. Tirava a água, excelente, de um furo natural, muito profundo, sobre o qual instalara um sarilho rudimentar.

O homem falava pouco. É assim com os solitários, mas sentíamo-lo seguro de si e confiante nessa segurança. Era insólito, nesse lugar despojado de tudo. Não vivia numa cabana, mas numa casa mesmo, de pedra, onde se via muito bem como o seu trabalho pessoal tinha remendado a ruína que encontrara à chegada.

O telhado era sólido e estava bem vedado. O vento que lhe batia fazia nas telhas o ruído do mar nas praias.

A casa estava arrumada, a loiça lavada, o chão varrido, a espingarda oleada; a sopa fervia ao lume. Reparei também que ele estava bem barbeado, que tinha os botões todos solidamente pregados, que a roupa estava passajada com um cuidado tão minucioso que não se dava pelos remendos.

Deu-me a comer da sopa dele e, quando lhe ofereci da minha bolsa de tabaco, disse que não fumava. O cão, silencioso como ele, era bem-educado sem servilismo.

Ficou logo combinado que havia de passar ali a noite; a aldeia mais próxima era ainda a dia e meio de marcha. E, ainda por cima, conhecia perfeitamente o carácter das raras aldeias da região. Há umas quatro ou cinco, dispersas, longe umas das outras pelas encostas destas altitudes, nas matas de corte de carvalhos, nos extremos dos caminhos de carroças. São habitadas por lenhadores que fazem carvão de madeira. São sítios onde se vive mal. As famílias, apertadas umas contra as outras neste clima de uma dureza excessiva, tanto de Inverno como de Verão, exasperam-se num egoísmo em circuito fechado. A ambição irracional torna-se desmedida, no desejo incessante de fugirem dali.

Os homens levam o carvão à cidade nos camiões e regressam. As qualidades mais sólidas quebram debaixo daquele perpétuo duche escocês. As mulheres ruminam rancores. Há concorrência para tudo, para a venda do carvão, para o banco da igreja, para as virtudes que combatem entre si, e pela confusão geral dos vícios e das virtudes, sem descanso. E para além disso tudo, o vento igualmente incansável, irrita os nervos. Há epi-

demias de suicídios e muitos casos de loucura, quase sempre assassina.

O pastor que não fumava foi buscar um saquinho e despejou na mesa um monte de bolotas. Pôs-se a examiná-las uma a uma com muita atenção, separando as boas das más. Eu fumava o meu cachimbo. Propus-lhe ajuda. Disse-me que aquilo era com ele. E era: vendo o cuidado que ele punha no que fazia, não insisti. Foi toda a nossa conversa. Quando teve do lado das boas um monte de bolotas suficiente, contou-as em saquinhos de dez. E ao fazê-lo, ainda eliminava os frutos pequenos e os que estavam ligeiramente gretados, pois examinava-os realmente de muito perto. Quando conseguiu cem bolotas perfeitas, parou e fomos deitar-nos.

A companhia daquele homem dava paz. No dia seguinte, pedi-lhe autorização para descansar em casa dele o dia todo. Ele achou naturalíssimo, ou mais exactamente, deu-me a impressão de que nada poderia incomodá-lo. Tal repouso não me era absolutamente necessário, mas tinha ficado intrigado e queria saber mais. Foi buscar o rebanho e levou-o ao pasto. Antes de se ir embora, mergulhou num balde de água o saquinho das bolotas cuidadosamente escolhidas e contadas.

Reparei que, como se fosse um cajado, levava um varão de ferro da grossura do polegar e com aí um metro e meio de comprimento. Fiz de conta que ia a passear todo descansado e segui um caminho paralelo ao seu. O pasto das ovelhas ficava num fundo de uma comba. Deixou o pequeno rebanho à guarda do cão e subiu para onde eu estava. Receei que viesse censurar-me a indiscrição, mas nem pensar, era o caminho dele e convida-

va-me a acompanhá-lo se não tivesse mais nada que fazer. Ia a uns duzentos metros dali, a subir. Chegado aonde queria, pôs-se a espetar o varão de ferro na terra. Fazia um buraco, onde punha uma bolota, depois tapava o buraco. Plantava carvalhos. Perguntei-lhe se a terra era dele. Respondeu-me que não. Sabia a quem pertencia? Não sabia. Supunha que fosse terra comunal, ou talvez propriedade de gente a quem não interessava? Ele não tinha interesse nenhum em conhecer os proprietários. Assim plantou cem bolotas com extremo cuidado.

Depois da refeição do meio-dia, recomeçou a escolher a bolota. Devo ter insistido bastante nas perguntas, visto que ele respondeu. Há três anos que plantava árvores naquelas solidões. Plantara já cem mil. De cem mil, vinte mil tinham pegado. Dessas vinte mil, ainda contava perder metade, devido aos roedores e a tudo o que há de imprevisível nos desígnios da Providência. Sobravam dez mil carvalhos que iam crescer ali onde antes não havia nada.

Foi aí que me interessou saber a idade do homem. Tinha visivelmente mais de cinquenta anos. Cinquenta e cinco, disse ele. Chamava-se Elzéard Bouffier. Tivera uma quinta na planície. Aí realizara a sua vida. Perdera o filho único, depois a mulher. Retirara-se para a solidão, onde tinha prazer em viver devagar, com as suas ovelhas e o seu cão. Parecera-lhe que a região morria por falta de árvores. Acrescentou que, como não tinha afazeres muito importantes, decidira remediar tal estado de coisas.

Nessa altura, eu próprio, embora ainda novo, levava também uma vida solitária e sabia tocar com deli-

cadeza a alma dos solitários. No entanto, cometi um erro. A minha pouca idade, justamente, forçava-me a imaginar o futuro em função de mim mesmo e de uma certa busca da felicidade. Disse-lhe que, daí a trinta anos, os carvalhos estariam magníficos. E ele respondeu-me simplesmente que, desse-lhe Deus vida, daqui a trinta anos havia de ter plantado tantos mais que estes dez mil não passariam de uma gota de água no mar.

Aliás, estudava já a reprodução das faias e tinha perto da casa um viveiro das bolotas de faia que semeara. Os espécimes que protegera das ovelhas com uma rede de arame eram belíssimos. Também estava a pensar em bétulas para o fundo dos vales onde, disse-me, dormia certa humidade a alguns metros da superfície do solo.

Separámo-nos no dia seguinte.

***

No ano seguinte houve a Guerra de 14, onde estive cinco anos. Um soldado de Infantaria não podia propriamente pensar em árvores. Para dizer a verdade, a coisa não deixou marcas em mim; considerei aquilo uma espécie de mania, uma colecção de selos, e esqueci.

Saído da guerra, vi-me senhor de um subsídio de desmobilização ridículo, mas com o grande desejo de respirar um bocado de ar puro. Sem nenhuma ideia preconcebida, salvo essa mesma, retomei o caminho daquelas paragens desertas.

A região não mudara. No entanto, para lá da aldeia morta, vislumbrei ao longe uma espécie de nevoeiro cinzento que recobria o cume como um tapete. Desde a véspera que voltara a pensar no pastor que plantava

árvores. «Dez mil carvalhos», dizia para mim, «já ocupam bastante espaço.»

Tinha visto morrer demasiada gente durante cinco anos para não imaginar facilmente a morte de Elzéard Bouffier, e ainda mais porque, quando se tem vinte anos, se considera que um homem de cinquenta é um velho a quem só resta morrer. Não tinha morrido. Até estava bem viçoso. Mudara de ofício. Já só tinha quatro ovelhas mas, em contrapartida, uma centena de colmeias. Livrara-se das ovelhas que lhe ameaçavam as plantações de árvores. Porque, disse-me ele e eu constatei, não se tinha ralado muito com a guerra. Continuara a plantar, imperturbavelmente.

Os carvalhos de 1910 tinham na altura dez anos e estavam mais altos do que ele e do que eu. O espectáculo era impressionante. Fiquei literalmente sem palavras e como ele também não falava, passámos o dia todo em silêncio, a passear na floresta dele. Tinha, nos seus três troços, onze quilómetros de comprimento. Quando nos lembrávamos de que tudo saíra das mãos e da alma deste homem, sem meios técnicos, compreendia-se que os homens podiam ser tão eficazes como Deus também noutros domínios, para além do da destruição.

Seguira a sua ideia, e as faias que me chegavam aos ombros, estendendo-se a perder de vista, eram testemunhos disso. Os carvalhos estavam densos e já tinham passado a idade em que estavam à mercê dos roedores; quanto aos desígnios da própria Providência para destruir a obra criada, precisaria doravante de recorrer a ciclones. Mostrou-me admiráveis bosquezinhos de bétulas que datavam de há cinco anos, quer dizer, de 1915, da época em que eu combatia em Verdun. Plan-

tara-as no fundo onde suspeitara, com razão, haver humidade quase à flor da terra. Eram tenras como adolescentes e muito decididas.

A criação tinha, além disso, o ar de se ir fazendo em cadeia. Mas ele não queria saber disso; prosseguia com obstinação a tarefa, muito simples. Mas ao descer, passando pela aldeia, vi correr água em regatos que, de que houvesse memória, sempre tinham estado secos. Era a operação de reacção mais formidável que me foi dado ver. Outrora, os regatos secos tinham levado água, em tempos muito antigos.

Algumas das aldeias tristes de que falei no princípio tinham sido construídas no sítio de aldeias galo-romanas, de que ainda havia vestígios; arqueólogos fizeram aí umas escavações encontrando anzóis onde, no século vinte, se tinha de recorrer a cisternas para ter um pouco de água.

O vento, também dispersava algumas sementes. Ao reaparecer a água, reapareceram os salgueiros, os vidoeiros, os prados, os jardins, as flores e uma certa razão de viver.

Mas a transformação fazia-se tão lentamente que entrava no hábito sem provocar o espanto. Os caçadores que subiam até bastante alto perseguindo a lebre ou o javali tinham reparado na abundância de árvores pequenas, mas levavam-no à conta das malícias naturais da terra. É por isso que ninguém tocava na obra desse homem. Se alguém suspeitasse do que fazia, tinham-no contrariado. Mas ele era insuspeitável. Quem havia de imaginar, nas aldeias e na administração, uma tal obstinação na mais magnífica generosidade?

***

A partir de 1920, nunca estive mais de um ano sem visitar Elzéard Bouffier. Nunca o vi esmorecer ou duvidar. E, no entanto, sabe Deus se não é o próprio Deus que o provoca! Não lhe fiz o cálculo aos dissabores. Pode-se imaginar no entanto que, para tal proeza, tenha sido preciso vencer a adversidade; que, para garantir a vitória de uma tal paixão, tenha sido preciso lutar contra o desespero. Tinha plantado, durante um ano, mais de dez mil áceres. Morreram todos. No ano seguinte, abandonou os áceres para retomar as faias que se deram ainda melhor que os carvalhos.

Para ter uma ideia mais ou menos exacta deste carácter excepcional é preciso não esquecer que se manifestava numa solidão total; tão total que, para o final da vida, tinha perdido o hábito de falar. Ou talvez não visse qual a necessidade?

Em 1933, recebeu a visita de um guarda-florestal muito assarapantado. O funcionário intimou-o a não fazer lume fora de casa, pelo risco de pôr em perigo o crescimento daquela floresta *natural*. Era a primeira vez, disse-lhe esse homem ingénuo, que se via uma floresta crescer sozinha. Nessa época, ia ele plantar as faias a doze quilómetros de casa. Para evitar o trajecto de ida e volta, pois já tinha setenta e cinco anos, estava a pensar construir uma casota de pedra no próprio local das suas plantações. Foi o que fez no ano seguinte.

Em 1935, uma verdadeira delegação administrativa veio observar a «floresta natural». Havia uma alta personalidade das Águas e Florestas, um deputado, técnicos. Pronunciaram-se muitas palavras inúteis. Deci-

diu-se fazer qualquer coisa e, felizmente, não se fez nada, a não ser a única coisa útil: pôr a floresta sob alçada do Estado e proibir que os lenhadores cortassem árvores. Pois era impossível não se ficar subjugado pela beleza dessas árvores jovens em plena saúde. E exerceu o seu poder de sedução sobre o próprio deputado. Contava um amigo entre os capitães da guarda-florestal que vieram na delegação. Expliquei-lhe o mistério. Um dia da semana seguinte, fomos os dois à procura de Elzéard Bouffier. Encontrámo-lo em pleno trabalho, a vinte quilómetros do local que tinha sido inspeccionado. Não era por acaso que este capitão da guarda-florestal era meu amigo. Ele conhecia o valor das coisas. Soube manter-se em silêncio. Ofereci os ovos que tinha trazido. Dividimos a merenda pelos três e ali passámos umas horas na contemplação muda da paisagem. A zona de onde viéramos estava coberta de árvores de seis a sete metros de altura. Recordei o aspecto da região em 1913, o deserto...

O trabalho pacífico e regular, o ar revigorante das alturas, a frugalidade e sobretudo a serenidade da alma tinham dado ao velho uma saúde quase solene. Era um atleta de Deus. Perguntava a mim próprio quantos hectares ele cobriria ainda de árvores?

Antes de nos irmos embora, o meu amigo fez simplesmente uma breve sugestão sobre certas espécies a que o solo parecia convir. Mas não insistiu. «Pela simples razão», disse-me ele depois, «de que o homem sabe mais do que eu.» Ao fim de uma hora de marcha, depois de a ideia ter feito nele o seu caminho, acrescentou: «Sabe muito mais que todos nós. Encontrou uma bela maneira de ser feliz!.»

Foi graças a este capitão que não apenas a floresta mas a felicidade daquele homem se viram protegidas. Fez com que se nomeassem três guardas-florestais para a protecção e aterrorizou-os de tal forma que se mantiveram insensíveis a todos os subornos que os lenhadores lhes poderiam propor.

A obra não correu risco grave senão durante a Guerra de 1939. Os automóveis andavam a gasogénio e a madeira nunca era demais. Começaram a cortar os carvalhos de 1910, mas essas zonas ficavam tão longe de todas as redes de transportes que a coisa se revelou péssima do ponto de vista financeiro. Foi abandonada. O pastor não viu nada disto. Estava a trinta quilómetros, continuando calmamente a sua tarefa, ignorando a Guerra de 39 como tinha ignorado a Guerra de 14.

Vi Elzéard Bouffier pela última vez em Junho de 1945. Tinha então noventa e sete anos. Eu retomara a rota do deserto, mas agora, apesar do descalabro em que a guerra deixara o país, havia uma camioneta que fazia o serviço entre o vale do Durance e a montanha. Achei que era por o transporte ser relativamente rápido que eu reconhecia mais sítios das minhas últimas passeatas. Também me pareceu que o itinerário me fazia passar por sítios novos. Precisei do nome de uma aldeia para concluir se estava ou não naquela região outrora em ruínas e desolada. A camioneta deixou-me em Vergons.

Em 1913, esse lugarejo com dez ou doze casas tinha três habitantes. Eram selvagens, detestavam-se, viviam de caçar com armadilha, mais ou menos no estado físico e moral dos homens da pré-história. As urtigas devoravam, a toda a volta, as casas abandonadas.

A sua condição era sem esperança. Esperavam a morte: é situação que não predispõe à virtude. Mas tudo mudara. O próprio ar. Em vez das rajadas secas e brutais, corria uma brisa macia e carregada de perfumes. Vinha das alturas um ruído como de água: era o vento na floresta. Enfim, coisa espantosa, ouvi o verdadeiro ruído da água correndo num tanque. Vi que tinham feito uma fonte, que era abundante e, o que mais me comoveu, tinham plantado junto dela uma tília que tinha já os seus quatro anos, já grossa, símbolo incontestável de uma ressurreição.

Além disso, Vergons mostrava os sinais de um trabalho para o qual a esperança era necessária. A esperança voltara, portanto. Limparam as ruínas, abateram as lanços das paredes desmoronadas e reconstruíram cinco casas. O lugar contava agora com vinte e oito habitantes, incluindo quatro jovens casais. As casas novas, rebocadas de fresco, eram cercadas de hortas onde cresciam, misturados, mas bem alinhados, os legumes e as flores, as couves e as roseiras, os alhos-porros e a erva-bezerra, o aipo e as anémonas. Agora era um sítio onde se queria viver.

A partir dali, fiz o caminho a pé. A guerra de que acabávamos de sair não permitira o desenvolvimento pleno da vida, mas Lázaro está fora do sepulcro. Pelas baixas encostas da montanha, via pequenos campos de cevada e de centeio verdejantes; ao fundo dos vales estreitos, verdejavam prados. Bastaram os oito anos que nos separam dessa época para que a terra resplandesça de saúde e de bem-estar. No lugar das ruínas que eu vira em 1913, erguem-se agora quintas bem compostas, bem rebocadas, que denotam uma vida feliz e con-

fortável. As velhas nascentes, alimentadas pela chuva e as neves que as florestas retêm, voltaram a correr. Canalizaram-se as suas águas. Ao lado de cada quinta, no bosque de áceres, os tanques das fontes transbordam para os tapetes de hortelã fresca. Foram-se reconstruindo, a pouco e pouco, as aldeias. Uma população vinda da planície, onde a terra se vende caro, fixou-se na região, trazendo juventude, movimento, espírito de aventura. Encontram-se pelos caminhos homens e mulheres bem alimentados, rapazes e raparigas que sabem rir e que voltaram a tomar o gosto às festas aldeãs. Se contarmos com a população antiga, irreconhecível desde que vive sem dificuldades, mais os recém-chegados, para cima de dez mil pessoas devem a sua felicidade a Elzéard Bouffier.

Quando penso que um só homem, reduzido aos recursos mais simples, físicos e morais, bastou para fazer surgir do deserto esta terra de Canaã, acho que, apesar de tudo, a condição humana é admirável. Mas, quando faço os cálculos à constância que foi necessária à sua grandeza de alma, e à obstinação que teve na generosidade, para alcançar este resultado, sou tomado por um respeito imenso pelo velho camponês sem cultura que soube levar a cabo esta obra digna de Deus.

Elzéard Bouffier morreu pacificamente em 1947, no asilo de Banon.

Philip K. Dick

A formiga eléctrica

Tradução de Luís Rodrigues

Philip Kindred Dick (1928-1982), americano nascido a 16 de Dezembro em Chicago, no estado do Illinois, foi um dos mais importantes e influentes autores da ficção científica do século XX, reputação que hoje extravasa as próprias fronteiras do género. Admirado pela intensidade e originalidade da sua visão, mais do que por qualquer mérito estilístico, Dick dedicou a sua carreira literária à exploração da natureza da realidade, do livre-arbítrio, dos limites da percepção e do que é ser-se humano, num tom consistentemente opressivo e obsessivo, alimentado pelas alucinações paranóicas que desde cedo o afligiram (e cada vez mais com o uso de substâncias psicotrópicas e um intensificar do ambiente de incerteza gerado pela guerra-fria). Muitos destes temas fazem-se notar em *The electric ant*, um dos seus contos mais representativos, surgido em Outubro de 1969 no *Magazine of Fantasy & Science Fiction* e aqui publicado pela primeira vez em Portugal. Dos seus romances mais importantes, sobressaem *The Man in the High Castle* (1962), *The Three Stigmata of Palmer Eldritch* (1965), *Ubik* (1969), *Flow My Tears, The Policeman Said* (1974), *A Scanner Darkly* (1977) e *VALIS* (1980), sendo este o acrónimo de *Vast Active Living Intelligence System*, fruto de uma série de «revelações» psicóticas quasi-religiosas que marcaram de forma impressionante a fase final da sua carreira. Dick veio a falecer a 2 de Março de 1982 em consequência de um acidente vascular cerebral, e a escassos meses do reconhecimento por um público mais vasto através de *Blade Runner*, a adaptação cinematográfica de inspiração *noire* do seu romance *Do Androids Dream of Electric Sheep?*

Às quatro e um quarto da tarde, TSV, Garson Poole acordou numa cama de hospital, deu conta de estar numa cama de hospital num quarto com três camas e apercebeu-se de mais duas coisas: que já não tinha mão direita e que não sentia dores.

Deram-me um analgésico forte, disse para si enquanto olhava para a parede do fundo, com a sua janela com vista para a baixa de Nova Iorque. As teias por onde se precipitavam e circulavam veículos e peões cintilavam ao sol do fim de tarde, e o brilho da luz velha agradava-lhe. Ainda não se foi, pensou. Nem eu.

Havia um fone na mesinha-de-cabeceira; hesitou primeiro, ao que pegou no auscultador e marcou uma linha externa. Momentos depois, estava diante de Louis Danceman, responsável pelas actividades da Tri-Plan quando ele, Garson Poole, estava fora.

– Graças a Deus que está vivo – disse Danceman ao vê-lo; a cara grande e carnuda, com a sua superfície

lunar de crateras, encheu-se de alívio. – Falei com toda a gente...

– Só que, falta-me a mão direita – disse Poole.

– Mas vai ficar bem. Quer dizer, podem enxertar-lhe outra.

– Há quanto tempo estou aqui? – disse Poole. Perguntou-se onde andariam os médicos e os enfermeiros; por que não faziam uma cena por estar a fonar?

– Quatro dias – respondeu Danceman. – Aqui na fábrica vai tudo esplantástico. Para dizer a verdade, esplantámos encomendas de três sistemas policiais diferentes, todos aqui na Terra. Dois no Ohio, um no Wyoming. Encomendas das boas, com um terço pago à cabeça e a opção normal de aluguer por três anos.

– Tire-me daqui – disse Poole.

– Não o posso tirar daí antes de a mão nova...

– Trato disso mais tarde – queria desesperadamente regressar ao seu ambiente familiar; a recordação do *squib* mercante agigantando-se, grotesco, no ecrã-piloto virou-se de querena no pensamento; se fechasse os olhos, sentir-se-ia de novo na embarcação destroçada enquanto se precipitava de um veículo para outro, acumulando estragos imensos pelo caminho. As sensações cinéticas... estremeceu, recordando-as. Creio que tive sorte, disse para si.

– A Sarah Benton está aí consigo? – perguntou Danceman.

– Não.

Claro; a sua secretária particular – que mais não fosse por deferência ao trabalho – andaria de roda dele, a mimá-lo à sua maneira enfadonha e infantil. As mulheres corpulentas gostam todas de se armar em mães,

pensou ele. E são perigosas; se te caem em cima, ainda te matam.

– Se calhar foi o que me aconteceu – disse em voz alta. – Se calhar foi a Sarah que me caiu em cima do *squib*.

– Não, não; foi um tirante do leme do *squib* que se partiu no meio do trânsito em hora de ponta e o senhor...

– Eu lembro-me – voltou-se na cama quando a porta da enfermaria se abriu; surgiram então um médico de branco e duas enfermeiras de azul, que se aproximaram da cama. – Já falamos – disse Poole, e desligou o fone. Respirou fundo, ansioso.

– Não devia estar já a fonar – disse o médico enquanto lhe consultava a ficha. – Mr. Garson Poole, proprietário da Tri-Plan Electronics. Fabricante de dardos identificadores aleatórios que perseguem as suas vítimas num raio circular de mil e quinhentos quilómetros, reagindo a padrões únicos nas ondas encefálicas. É um homem de sucesso, Mr. Poole. Mas, Mr. Poole, você não é nenhum homem. Você é uma formiga eléctrica.

– Meu Deus – disse Poole, aturdido.

– Por isso não o podemos tratar aqui, agora que descobrimos. Soubemos, claro, assim que examinámos o ferimento na mão direita; vimos os componentes electrónicos e fizemos logo uma radiografia ao tronco, o que, claro, corroborou a nossa hipótese.

– O que é – perguntou Poole. – uma «formiga eléctrica»? – mas ele sabia; podia decifrar o termo.

Respondeu uma enfermeira:

– Um robô orgânico.

– Estou a ver – disse Poole. Suores gélidos afloraram-lhe à pele por todo o corpo.

– Não sabia – disse o médico.

– Não – Poole abanou a cabeça.

Disse o médico:

– Aparece-nos uma formiga eléctrica todas as semanas, mais coisa menos coisa. Ou trazem-no por causa de um acidente de *squib* – como você – ou então procura hospitalização voluntária... alguém – algo – ao qual, como você, nunca nada foi dito, que sempre funcionou com seres humanos, julgando-se humano. Quanto à mão... – deteve-se.

– Esqueça lá a mão – disse Poole selvaticamente.

– Tenha calma – o médico debruçou-se para examinar a cara de Poole com intensidade. – Vamos mandar um barco do hospital levá-lo a uma estação de serviço onde lhe possam reparar, ou substituir, a mão a preços razoáveis, ou para si, se for dono de si mesmo, ou para os seus proprietários, se é que existem. Em qualquer dos casos, estará à secretária da Tri-Plan a trabalhar como dantes.

– Tirando o facto – disse Poole – de que agora sei.

Perguntou-se se Danceman ou Sarah ou mais alguém do escritório saberia. Tê-lo-iam comprado? Desenhado? «Um fantoche», disse para si, «nunca passei disso. Nunca devo ter dirigido realmente a companhia; foi uma ilusão que me implantaram quando fui feito... juntamente com a ilusão de que sou humano e estou vivo.»

– Antes de ir para a estação de serviço – disse o médico – queira ter a gentileza de pagar a conta na recepção?

Respondeu Poole, mordaz:

– Como pode haver conta se aqui não tratam formigas?

– É pelos nossos serviços – disse a enfermeira – até à altura em que nos apercebemos.

– Mandem-me a conta – barafustou Poole numa fúria impotente. – Mandem-na para a empresa.

Com imenso esforço, lá se conseguiu levantar; com a cabeça a andar à roda, saltou, hesitante, da cama para o chão.

– Vai ser um alívio sair daqui – disse ao pôr-se de pé. – E obrigado por me tratarem com tanta humanidade.

– Nós é que agradecemos, Mr. Poole – disse o médico. – Ou talvez devesse dizer só Poole.

***

Na estação de serviço, substituíram-lhe a mão perdida.

Revelou-se fascinante, a mão; examinou-a longamente antes de deixar os técnicos instalá-la. À superfície, parecia orgânica – na verdade, era-o à superfície. Pele natural cobria carne natural, e sangue verdadeiro preenchia as veias e os capilares. Contudo, por baixo de tudo isto, cintilavam fios e circuitos, componentes miniaturizados... observando atentamente o pulso, viu portas de sobrecarga, motores, válvulas multinível, tudo muito pequeno. Complicado. E mais – a mão custava quarenta sapos. O ordenado de uma semana, presumindo que o iria deduzir do salário da companhia.

– Isto tem garantia? – perguntou aos técnicos enquanto lhe fundiam a secção «óssea» da mão ao resto do corpo.

– Noventa dias, peças e mão-de-obra – disse um dos técnicos. – A menos que sujeita a estragos inusitados ou intencionais.

– Fico com a impressão de que me está a dar ideias – disse Poole.

O técnico, que era humano – eram todos humanos – disse, com olhar penetrante:

– Tem-se feito passar por algo que não é?

– Sem intenção.

– E agora, já é com intenção?

Respondeu Poole:

– Exactamente.

– Sabe por que nunca desconfiou? Deve ter tido indícios... cliques e zunidos do interior do corpo, de vez em quando. Nunca desconfiou porque foi programado para não reparar. Vai ter a mesma dificuldade em descobrir por que foi construído e para quem tem estado a trabalhar.

– Um escravo – disse Poole. – Um escravo mecânico.

– Sempre se divertiu.

– Aproveitei bem a vida – admitiu Poole. – Trabalhei arduamente.

Pagou os quarenta sapos à estação, flectiu os dedos novos, experimentou-os pegando em objectos variados, como moedas, e saiu. Dez minutos depois estava a bordo de um transporte público, a caminho de casa. Tinha sido um dia e tanto.

Chegado a casa, ao seu apartamento de uma assoalhada, serviu-se de um copo de *Jack Daniel's Purple Label* – sessenta anos – e sentou-se a bebê-lo devagar, enquanto contemplava o edifício do outro lado da rua pela única janela que tinha. «Vou ao escritório ou não?» perguntou-se. «Se vou, porquê? Se não, porquê? Escolhe. Meu Deus», pensou, «saber isto dá cabo de mim.

Sou uma aberração», compreendeu. «Um objecto inanimado a imitar um animado.» Mas, sentia-se vivo. E, no entanto, ... sentia-se diferente, agora. Em relação a si. E por isso em relação a todos, em especial Danceman e Sarah, toda gente na Tri-Plan.

«Acho que me vou matar», disse para si. «Mas se calhar estou programado para não o fazer; seria uma grande perda que o meu dono teria de absorver. E não ia querer.»

«Programado. Algures aqui dentro», pensou, «há uma matriz instalada, uma grelha que filtra certas ideias, certos actos. E que me obriga a outros. Não sou livre. Nunca o fui, mas agora sei; e isso muda tudo.»

Escurecendo a janela, acendeu a luz do tecto, começou a tirar cuidadosamente a roupa, peça a peça. Observara atentamente os técnicos da estação de serviço a ligarem-lhe a mão nova: tinha agora uma ideia mais ou menos precisa de como o corpo tinha sido montado. Dois painéis principais, um em cada coxa; os técnicos tinham-nos retirado para verificar os circuitos complexos que escondiam. «Se fui programado», concluiu, «talvez a matriz se encontre aí.»

O labirinto de circuitos confundiu-o. «Preciso de ajuda», disse para si. «Vamos lá ver... qual é o código de fone do computador classe BBB que alugamos no escritório?»

Pegou no fone e ligou para o computador na sua localização permanente em Boise, no Idaho.

– A utilização deste computador tem um custo base de cinco sapos por minuto – anunciou uma voz mecânica pelo fone. – Por favor, segure o seu cartão de crédito universal diante do ecrã.

Ele obedeceu.

– Ao sinal sonoro, estará ligado ao computador – continuou a voz. – Por favor faça o seu pedido o mais rapidamente possível, tendo em conta que a resposta será dada em termos de um microssegundo, enquanto a pergunta... – Poole baixou então o som. Mas depressa voltou a aumentá-lo quando a entrada áudio vazia do computador surgiu no ecrã. Naquele momento, o computador tinha-se tornado um ouvido gigante para o escutar – e escutar cinquenta mil outros utilizadores espalhados pela Terra.

– Faz-me um exame visual – ordenou ao computador. – E diz-me onde encontrar o mecanismo de programação que controla o meu raciocínio e comportamento.

Ficou à espera. No ecrã do fone, um enorme olho activo, multilenticulado, observou-o; e ele expôs-se diante do computador, ali no seu apartamento de uma assoalhada.

Disse o computador:

– Retire o painel torácico. Faça pressão sobre o esterno, e solte-o.

Ele obedeceu. Saiu-lhe uma parte do peito; estonteado, pousou-a no chão.

– Estou a detectar módulos de controlo – disse o computador –, mas não sei qual... – deteve-se enquanto o olho vagueou pelo ecrã do fone. – Detecto um rolo de fita perfurada instalado por cima do mecanismo cardíaco. Está a vê-lo? – Poole esticou o pescoço, espreitou. Também o via. – Vou ter de desligar – informou o computador. – Assim que examinar os dados disponíveis, contactá-lo-ei para lhe dar a resposta. Bom dia.

A luz do ecrã esmoreceu.

«Vou arrancar a fita», disse Poole para si. «É minúscula... não é maior do que dois carrinhos de linhas, com um leitor instalado entre a bobina debitadora e a receptora.» Não via sinais de movimento; as bobinas pareciam inertes. «Devem servir de contra-ordem», reflectiu, «sempre que ocorram situações específicas. Para se sobreporem aos meus processos encefálicos. E têm-no feito toda a minha vida.»

Baixou a mão, tacteando a bobina debitadora. «Basta-me arrancar isto», pensou, «e...»

O ecrã do fone reacendeu-se.

– Cartão de crédito universal número 3-BNX-882--HQR446-T – veio a voz do computador. – Fala BBB--307DR, a recontactá-lo em resposta à pergunta de há dezasseis segundos, 4 de Novembro de 1992. O rolo de fita perfurada por cima do mecanismo cardíaco não é uma bobina de programação, mas um construto fornecedor de realidade. Todos os estímulos sensoriais recebidos pelo seu sistema neurológico central emanam dessa unidade, e interferir com ela seria arriscado, se não mesmo terminal – acrescentou: – Não dispõe, ao que parece, de circuito de programação. Pergunta respondida. Bom dia – desligou-se.

Poole, nu diante do ecrã do fone, voltou a tactear o cilindro de fita com enorme e calculada cautela. «Vejo», pensou desnorteado. «Ou não vejo? Esta unidade...»

«Se corto a fita», teve consciência, «o meu mundo desaparece. A realidade continuará para os outros, mas não para mim. Porque a minha realidade, o meu universo, vem desta unidade minúscula. Fornecida ao lei-

tor, e depois ao sistema nervoso central, enquanto vai desbobinando a passo de caracol.»

«Já desbobina há anos», concluiu.

Apanhando a roupa, voltou a vestir-se, sentou-se no cadeirão – um luxo importado da sede da Tri-Plan para casa – e acendeu um cigarro de tabaco. As mãos tremiam-lhe quando pousou o seu isqueiro monogramado; recostando-se, soprou uma baforada de fumo, criando um nimbo de cinzento.

«Tenho de ir com calma», disse para si. «Que estou eu a tentar fazer? Ignorar a minha programação? Mas o computador não encontrou nenhum circuito de programação. Será que quero interferir com a fita de realidade? E se sim, *porquê?*

«Porque» pensou «se a controlar, controlo a realidade. Pelo menos tanto quanto me diz respeito. A minha realidade subjectiva... mas é tudo o que existe. A realidade objectiva é um construto sintético, que lida com uma universalização hipotética de múltiplas realidades subjectivas.

«Tenho o meu universo na ponta dos dedos», compreendeu. «Se conseguir perceber como esta porcaria funciona. Tudo o que me propus a fazer de início foi procurar e situar o meu circuito de programação para assim atingir verdadeiro funcionamento homeostático: controlo de mim mesmo. Mas com isto.» Com isto não se limitaria a conseguir controlo de si mesmo; conseguiria o controlo de tudo.

«E isto separa-me de todos os seres humanos que já viveram e morreram», pensou, «melancólico.»

Dirigindo-se para o fone, marcou o código do escritório. Assim que teve Danceman no ecrã, disse energicamente:

– Quero que me mande um conjunto completo de microferramentas e tela ampliadora ao apartamento. Tenho de trabalhar nuns microcircuitos.

Interrompeu então a ligação, não querendo discutir o assunto.

Meia hora mais tarde, batiam-lhe à porta. Quando abriu, deu de caras com um dos capatazes da fábrica, carregado com microferramentas de toda a espécie.

– O senhor não disse ao certo o que queria – disse o capataz, entrando no apartamento. – Por isso Mr. Danceman mandou-me trazer tudo.

– E o sistema de lentes ampliadoras?

– Está no camião, no telhado.

«Se calhar o que eu quero», pensou Poole «é morrer.» Acendeu um cigarro e pôs-se à espera a fumar enquanto o capataz da fábrica arrastava a pesada tela ampliadora, com a sua fonte de alimentação e painel de controlo, para dentro de casa. «É suicídio, isto que estou a fazer.» Estremeceu.

– Passa-se alguma coisa, Mr. Poole? – perguntou o capataz ao levantar-se, aliviado do peso do sistema de lentes ampliadoras. – Ainda deve estar fraco das canetas por causa do acidente.

– É – respondeu Poole em voz baixa. Esperou, tenso, que o capataz se fosse embora. Através do sistema de lentes ampliadoras, a fita de plástico adquiria um aspecto novo: uma faixa larga, ao longo da qual se dispunham centenas de milhar de furos. «Bem me parecia», pensou Poole. «Não é um registo de cargas numa camada de óxido ferroso, mas apenas furos.»

Ao olhar da lente, a fita arrastava-se visivelmente.

Muito devagar, mas avançava, a uma velocidade uniforme, em direcção ao leitor.

«Pelos meus cálculos», pensou ele, «os furos são portas ligadas. Funciona como uma pianola; sólido é um não, furo é um sim. Como experimentá-lo?»

Fazendo, obviamente, uma série de furos.

Mediu a quantidade de fita que restava na bobina debitadora, calculou – a custo – a velocidade de andamento da fita, e obteve um valor. Se alterasse a fita visível na extremidade de entrada do leitor, teria de esperar entre cinco e sete horas para que essa altura específica chegasse. Estaria efectivamente a pintar os estímulos de dali a algumas horas.

Com um micropincel cobriu uma porção grande – relativamente grande – de fita com verniz opaco... obtido do estojo de acessórios que acompanhava as microferramentas. «Apaguei cerca de meia hora de estímulos», ponderou. «Tapei, no mínimo, uns mil furos.»

Seria interessante ver que mudanças, se é que as ia haver, tomariam conta do seu meio, dali a seis horas.

Cinco horas e meia depois, estava no Krackter's, um soberbo bar de Manhattan, a tomar uns copos com Danceman.

– O senhor parece mal – comentou Danceman.

– Eu estou mal – disse Poole. Acabou a bebida, um *Scotch sour*, e pediu outro.

– Do acidente?

– De certa maneira, sim.

Disse Danceman:

– Foi alguma coisa que descobriu acerca de si?

Levantando a cabeça, Poole mirou-o à luz fosca do bar.

– Então sabe.

– Sei – respondeu Danceman – que devia chamar-lhe «Poole» em vez de «Mr. Poole». Mas prefiro o último, e assim continuará a ser.

– Há quanto tempo sabe? – perguntou Poole.

– Desde que tomou conta da empresa. Disseram-me que os verdadeiros donos da Tri-Plan, instalados no Sistema de Próxima, queriam a Tri-Plan gerida por uma formiga eléctrica que pudessem controlar. Queriam uma formiga brilhante e enérgica...

– Os verdadeiros donos? – era a primeira vez que ouvia falar deles. – Temos dois mil accionistas. Espalhados por todo o lado.

– Marvis Bey e o marido Ernan, de Próx 4, controlam cinquenta e um por cento das acções com direito de voto. Tem sido assim desde o princípio.

– Por que não sabia eu disto?

– Disseram-me para não lhe contar. Era preciso que pensasse que a política da empresa era toda sua. Com a minha ajuda. Na verdade, transmitia-lhe o que os Beys me transmitiam a mim.

– Sou um fantoche – disse Poole.

– De certa forma – Danceman anuiu. – Mas para mim, será sempre «Mr. Poole».

Parte da parede do fundo desvaneceu-se. E com ela, várias pessoas nas mesas próximas.

Através da grande montra lateral do bar, o horizonte nova-iorquino apagou-se da existência.

Perguntou Danceman, ao reparar na sua cara:

– O que foi?

Disse Poole, em voz rouca:

– Olhe em volta. Vê alguma coisa diferente?

Depois de olhar em volta da divisão, Danceman respondeu:

– Não. Diferente, como?

– Ainda vê o horizonte?

– Claro. Apesar do fumo. As luzes piscam.

– Já percebi – disse Poole. Tinha razão; cada furo tapado significava o desaparecimento de um objecto no seu mundo real. Pondo-se de pé, disse: – Até logo, Danceman. Tenho de voltar ao apartamento; ando a trabalhar numa coisa. Boa noite – saindo do bar com grandes passadas, pôs-se à procura de um táxi.

Não havia.

«Também esses», pensou. «Que mais terei tapado? Prostitutas? Flores? Prisões?»

Ali, no parque de estacionamento do bar, estava o *squib* de Danceman. «Levo aquele», decidiu. «Ainda há táxis no mundo do Danceman; ele que apanhe um mais tarde. Seja como for, o carro é da empresa, e eu tenho uma cópia da chave.»

Estava agora no ar, dando meia volta em direcção ao apartamento.

Nova Iorque ainda não tinha regressado. À esquerda e à direita, veículos e edifícios, ruas, passadeiras, sinais... e no centro, nada. «Como posso voar por ali?», perguntou-se. «Ainda desapareço.»

«Ou será que não?», voou em direcção ao nada.

Fumando cigarro atrás de cigarro, voou em círculos durante quinze minutos... e então, sem um som, Nova Iorque reapareceu. Podia concluir a viagem. Apagou o cigarro (que desperdício de algo tão valioso) e saiu disparado na direcção do apartamento.

«Se inserir uma fina faixa opaca», ponderou ao abrir a porta do apartamento, «posso...»

Pararam-lhe os pensamentos. Havia alguém sentado na sua cadeira da sala de estar, a assistir a um Capitão Kirk na televisão.

– Sarah – disse ele, irritado.

Ela levantou-se, avantajada, mas elegante.

– Não estavas no hospital, por isso vim para aqui. Ainda tenho aquela chave que me deste em Março depois daquela discussão terrível. Oh... pareces tão deprimido – aproximou-se dele e olhou-o nos olhos, ansiosa. – Dói-te assim tanto, o ferimento?

– Não é isso – tirou o casaco, a gravata, a camisa, e depois o painel torácico; ajoelhando-se, começou a enfiar as mãos nas luvas das microferramentas. Hesitando, olhou para ela e disse: – Descobri que sou uma formiga eléctrica. O que, de um dado ponto de vista, abre certas possibilidades, e que estou agora a explorar – flectiu os dedos e, na extremidade do *waldo* esquerdo, uma microchave de fendas mexeu-se, ampliada pelo sistema de lentes até se tornar visível.

– Podes assistir – informou-a. – Se quiseres.

Ela tinha começado a chorar.

– O que foi? – exigiu ele, furioso, sem tirar os olhos do trabalho.

– É... é tão triste. Tens sido tão bom patrão para todos nós na Tri-Plan. Respeitamos-te tanto. E agora mudou tudo.

A fita de plástico tinha uma margem sem furos em cima e em baixo; cortou uma tira horizontal, muito estreita, e depois, após um momento de grande concentração, cortou a própria fita a quatro horas da ca-

beça de leitura. Rodou então a tira cortada num ângulo recto em relação ao leitor, firmou-a com um micro-soldador, e voltou a ligar a fita à esquerda e à direita. Tinha efectivamente introduzido vinte minutos de tempo morto no decurso da sua realidade. Teria efeito – segundo os seus cálculos – poucos minutos depois da meia-noite.

– Estás a consertar-te? – perguntou Sarah timidamente.

Respondeu Poole:

– Estou a libertar-me – para além desta, planeava várias alterações. Mas primeiro precisava de comprovar a sua teoria; uma fita em branco, sem furos, não representava estímulos, e nesse caso a *ausência* de fita...

– Essa cara – disse Sarah. Começou a pegar na bolsa, no casaco, na revista *aud-vid* enrolada. – Vou-me embora; bem vejo como te sentes por me encontrares aqui.

– Fica – disse ele. – Eu vejo um Capitão Kirk contigo – vestiu a camisa. – Lembras-te quando há uns anos havia – o quê? – vinte ou vinte e dois canais de televisão? Antes de o Governo ter mandado fechar os independentes?

Ela acenou com a cabeça.

– Como seria – disse ele – se esta televisão projectasse todos os canais no ecrã de raios catódicos *ao mesmo tempo*? Conseguiríamos perceber alguma coisa, da confusão?

– Não me parece.

– Talvez pudéssemos aprender a fazê-lo. Aprender a ser selectivos; sermos nós a apreender o que quiséssemos e o que não quiséssemos. Imagina as possibilida-

des, se os nossos cérebros pudessem lidar com vinte imagens ao mesmo tempo; imagina o conhecimento que poderia ser armazenado num dado instante. Gostava de saber se o cérebro, o cérebro humano... – calou-se. – O cérebro humano não seria capaz – disse então, pensando com os seus botões. – Mas um cérebro quase orgânico seria, teoricamente.

– É isso que tens? – perguntou Sarah.

– É – disse Poole.

***

Viram o Capitão Kirk até ao fim, e depois foram para a cama. Mas Poole sentou-se encostado às almofadas, a fumar e a cismar. A seu lado, Sarah dava voltas, inquieta, estranhando que ele não apagasse a luz.

Onze e cinquenta. Estava para acontecer a qualquer instante.

– Sarah – disse ele. – Preciso da tua ajuda. Dentro de pouquíssimos minutos vai acontecer-me qualquer coisa estranha. Não irá demorar muito, mas quero que me observes com atenção. Vê se eu... – gesticulou. – Mostro alguma diferença. Se pareço adormecer, ou se digo disparates, ou... – quis dizer, se desapareço. Mas não disse. – Não te vou fazer mal, mas acho que seria boa ideia se tivesses uma arma. Não trouxeste a tua arma antiassaltos?

– Está na mala – estava agora completamente desperta; sentada na cama, olhava-o com um medo frenético, com a luz do quarto iluminando-lhe os amplos ombros bronzeados e cobertos de sardas.

Ele foi buscar-lhe a arma.

O quarto cristalizou numa imobilidade paralisada. As cores começaram então a esvair-se. Como fumo, os objectos diminuíram até se evolarem nas sombras. A escuridão tingiu tudo enquanto os objectos do quarto se foram desvanecendo.

«Os últimos estímulos estão a desaparecer», apercebeu-se Poole. Semicerrou os olhos, esforçando-se para ver. Divisou Sarah Benton, sentada na cama: uma figura bidimensional ali deixada, como uma boneca, a definhar e desaparecer. Rajadas de substância desmaterializada rodopiaram ao acaso, formando nuvens instáveis; os elementos juntavam-se, desagregavam-se, e voltavam a juntar-se. O calor, energia e luz restantes dissiparam-se então; o quarto fechou-se e implodiu, como que isolado da realidade. E, nesse instante, um negrume absoluto substituiu tudo, um espaço sem profundidade, que não era nocturno, mas espesso e inflexível. Além disso, não ouvia nada.

Esticando-se, tentou tocar em qualquer coisa. Mas não tinha nada para esticar. A consciência do próprio corpo tinha desaparecido com o resto do universo. Não tinha mãos, e mesmo que as tivesse, não havia nada que pudessem tactear.

«Continuo a ter razão acerca da maneira como o raio da fita funciona», disse para si, usando uma boca inexistente para comunicar uma mensagem inaudível.

«Será que isto passa em dez minutos?», perguntou-se. Terei razão acerca disso também? Esperou... mas reconheceu intuitivamente que a sua noção do tempo tinha desaparecido com o resto. «Só me resta aguardar», compreendeu. «E esperar que não demore muito.»

Para se controlar, pensou: «Vou fazer uma enciclopédia; vou tentar fazer uma lista de tudo o que comece por "a". Vejamos.» Ponderou. «Ananás, automóvel, *acksetron*, atmosfera, Atlântico, acepipes de tomate, anúncios», fartou-se de pensar, escorregando-lhe as categorias pelo espírito tomado de medo.

De súbito, acenderam-se as luzes.

Estava deitado no sofá da sala, e a luz suave do Sol jorrava da única janela. Dois homens debruçavam-se sobre ele com as mãos cheias de ferramentas. «Técnicos de manutenção», apercebeu-se ele. «Têm estado a mexer em mim.»

– Está consciente – disse um dos técnicos. Pôs-se de pé e afastou-se; Sarah Benton, tremendo de ansiedade, tomou o seu lugar.

– Graças a Deus! – disse ela, a sua respiração húmida junto ao ouvido de Poole. – Tive tanto medo; acabei por ligar para o Mr. Danceman por volta.

– Que aconteceu? – interrompeu Poole bruscamente. – Começa do princípio e, por amor de Deus, fala devagar. Para que eu possa assimilar tudo.

Sarah recompôs-se, deteve-se para esfregar o nariz, e lançou-se então com nervosismo:

– O senhor desmaiou. Ficou caído, como se estivesse morto. Esperei até às duas e meia e o senhor não se mexeu. Fonei ao Mr. Danceman, infelizmente acordando-o, e ele chamou a equipa de manutenção de formigas eléctricas... quer dizer, a equipa de manutenção de robôs orgânicos, e estes dois senhores chegaram por volta das quatro e quarenta e cinco, e têm estado a mexer em si desde então. São seis e um quarto da manhã. Estou cheia de frio e quero ir para a cama; não sou

capaz de ir trabalhar hoje; a sério que não sou capaz. Virou costas, fungando. O ruído incomodou-o.

Disse um dos técnicos de uniforme:

– Você tem andado a brincar com a fita de realidade.

– Tenho – disse Poole. Para quê negá-lo? Era óbvio que tinham descoberto a tira sólida que ele inserira. – Não devia ter ficado inconsciente tanto tempo – disse. – Só inseri uma tira de dez minutos.

– Desligou o transporte da fita – explicou o técnico. – Deixou de avançar; a sua inserção encravou-o, e ele desligou-se automaticamente para não rebentar a fita. Qual foi a ideia de andar aí a mexer? Não sabe o que podia ter feito?

– Não tenho a certeza – respondeu Poole.

– Mas faz ideia.

Disse Poole com acrimónia:

– Daí estar a fazê-lo.

– A conta – disse o técnico de manutenção – será de noventa e cinco sapos. Pagável em prestações, se assim desejar.

– Está bem – disse ele; sentou-se, estonteado, esfregou os olhos e fez um trejeito. Doía-lhe a cabeça e a barriga parecia estar completamente vazia.

– Para a próxima, apare a fita – disse-lhe o técnico principal. – Assim já não encrava. Não lhe passou pela cabeça que tinha um elemento de segurança embutido? Para parar em vez de...

– O que acontece – interrompeu Poole, em voz baixa e deliberadamente cuidadosa – se não passar a fita por baixo do leitor? Nem fita – nem nada. Com a fotocélula a irradiar sem impedância?

Os técnicos entreolharam-se. Respondeu um:

– Os neurocircuitos disparam todos e fazem curto-circuito.

– Em que sentido?

– No sentido de ser o fim do mecanismo.

Disse Poole:

– Eu examinei o circuito. Não tem voltagem suficiente para isso. Não há metal que derreta com correntes tão fracas, mesmo que os terminais estejam em contacto. Estamos a falar de um milionésimo de watt num canal de césio com, talvez, milímetro e meio de comprimento. Suponhamos que há mil milhões de combinações possíveis num dado instante, derivadas dos furos na fita. O total na saída não é cumulativo; a quantidade de corrente depende do especificado na bateria para esse módulo, e não é muito. Com todas as portas abertas e em funcionamento.

– E nós íamos mentir? – perguntou, cansado, um dos técnicos.

– Por que não? – disse Poole. – Tenho aqui uma oportunidade de experimentar tudo. Ao mesmo tempo. De conhecer o universo por inteiro, de estar, de um momento para o outro, em contacto com toda a realidade. Coisa que nenhum ser humano é capaz de fazer. Uma composição sinfónica que me entra no cérebro vinda de lá do tempo, com todas as notas, todos os instrumentos a tocar em simultâneo. E todas as sinfonias. Percebem?

– Vai desgastá-lo por completo – disseram ambos os técnicos, em uníssono.

– Não me parece – respondeu Poole.

Disse Sarah:

– Deseja uma chávena de café, Mr. Poole?

– Sim – disse ele; dobrou as pernas, comprimiu os pés frios de encontro ao chão, estremeceu. Levantou-se então. Doía-lhe o corpo. «Deixaram-me deitado no sofá a noite toda», apercebeu-se. «Bem vistas as coisas, podiam ter feito melhor.»

***

Sentado à mesa da cozinha, no canto ao fundo da divisão, Garson Poole bebia café diante de Sarah. Há muito que os técnicos se tinham ido.

– Não vais fazer mais experiências contigo, pois não? – perguntou Sarah, ansiosa.

Resmungou Poole:

– Gostava de controlar o tempo. De o inverter.

«Vou cortar um segmento de fita», pensou, «e reinseri-lo de pernas para o ar. As sequências causais vão então correr no sentido oposto. Recuarei então pelos degraus do telhado, até ao apartamento, onde empurrarei a porta fechada, e recuarei até ao lava-louça, de onde irei retirar uma pilha de pratos sujos. Vou sentar-me a esta mesa, diante da pilha, encher cada prato com comida gerada no estômago... e aí transferir a comida para o frigorífico. No dia seguinte, tiro a comida do frigorífico, meto-a em sacos, levo os sacos ao supermercado, e distribuo a comida pela loja. Por fim, ao balcão, pagam-me dinheiro por isto, da caixa registadora. A comida será embalada em grandes caixas de plástico, e levada da cidade para as fábricas hidropónicas no Atlântico, para aí serem repostas nas árvores e arbustos ou nos corpos de animais mortos, ou enfiadas bem

fundo no chão. Mas o que provaria isso tudo? Um vídeo em marcha-atrás... Não saberia mais do que sei agora, que não basta.»

«O que eu quero», percebeu, «é a derradeira e absoluta realidade, por um microssegundo que seja. Depois já não importa, porque tudo será conhecido; não restará nada para ver ou compreender.»

«Sou capaz de experimentar outra modificação», disse para si. «Antes de tentar cortar a fita. Vou perfurá-la e ver o que aparece a seguir. Vai ser interessante porque não saberei o que significam os furos criados.»

Com a ponta de uma microferramenta, abriu vários buracos, ao acaso, na fita. Tão junto ao leitor quanto conseguiu... não queria esperar.

– Gostava de saber se também as vês – disse para Sarah. Pelos vistos não, na medida em que lhe foi possível extrapolar. – Podem aparecer coisas – disse-lhe. – É só para te avisar; não quero que tenhas medo.

– Valha-me Deus – disse Sarah, num tom metálico.

Ele consultou o relógio de pulso. Passou-se um minuto, e um segundo, um terceiro.

E então...

No centro da sala surgiu um bando de patos verdes e negros. Grasnaram, excitados, levantaram do chão e esvoaçaram contra o tecto numa massa fremente de penas e asas, frenéticos com o impulso, o instinto imenso, de fugir.

– Patos – disse Poole, maravilhado. – Fiz um bando de patos bravos com um furo.

Surgia agora algo diferente. Um banco de jardim com um idoso maltrapilho nele sentado, a ler de um jornal todo rasgado e dobrado. Levantou os olhos, di-

visou Poole com dificuldade e lançou-lhe um rápido sorriso, mostrando a dentadura malfeita, ao que voltou ao seu jornal dobrado. Continuou a ler.

– Vê-lo? – perguntou Poole a Sarah. – E os patos.

Os patos e o vagabundo no parque desapareceram nesse instante. Nada restou deles. O intervalo com os seus furos tinha passado depressa.

– Não são reais – disse Sarah. – Pois não? Por isso, como é que...

– Tu não és real – disse-lhe ele. – És um coeficiente de estímulos na minha fita de realidade. Um furo que pode ser ignorado. Será que também existes noutra fita de realidade, ou numa realidade objectiva?

Não sabia; não tinha maneira de saber. Era possível que Sarah também não soubesse. Talvez existisse em mil fitas de realidade; talvez existisse em todas as fitas de realidade alguma vez produzidas.

– Se eu cortar a fita – disse – passarás a estar em todo o lado e em lado nenhum. Como o resto do universo. Pelo menos no que a mim diz respeito.

Sarah gaguejou:

– Eu sou real.

– Quero conhecer-te completamente – disse Poole. – Para isso, tenho de cortar a fita. Se não o fizer agora, será noutra altura; é inevitável que venha a fazê-lo.

«Para quê esperar, então?», perguntou-se. «E há sempre a possibilidade de Danceman ter informado o meu criador, de se prepararem para me afastar. Porque é possível estar a pôr em risco a sua propriedade: eu mesmo.»

– Dás-me vontade de ter ido trabalhar – disse Sarah, escurecendo as covinhas da cara com um trejeito.

fundo no chão. Mas o que provaria isso tudo? Um vídeo em marcha-atrás... Não saberia mais do que sei agora, que não basta.»

«O que eu quero», percebeu, «é a derradeira e absoluta realidade, por um microssegundo que seja. Depois já não importa, porque tudo será conhecido; não restará nada para ver ou compreender.»

«Sou capaz de experimentar outra modificação», disse para si. «Antes de tentar cortar a fita. Vou perfurá-la e ver o que aparece a seguir. Vai ser interessante porque não saberei o que significam os furos criados.»

Com a ponta de uma microferramenta, abriu vários buracos, ao acaso, na fita. Tão junto ao leitor quanto conseguiu... não queria esperar.

– Gostava de saber se também as vês – disse para Sarah. Pelos vistos não, na medida em que lhe foi possível extrapolar. – Podem aparecer coisas – disse-lhe. – É só para te avisar; não quero que tenhas medo.

– Valha-me Deus – disse Sarah, num tom metálico.

Ele consultou o relógio de pulso. Passou-se um minuto, e um segundo, um terceiro.

E então...

No centro da sala surgiu um bando de patos verdes e negros. Grasnaram, excitados, levantaram do chão e esvoaçaram contra o tecto numa massa fremente de penas e asas, frenéticos com o impulso, o instinto imenso, de fugir.

– Patos – disse Poole, maravilhado. – Fiz um bando de patos bravos com um furo.

Surgia agora algo diferente. Um banco de jardim com um idoso maltrapilho nele sentado, a ler de um jornal todo rasgado e dobrado. Levantou os olhos, di-

visou Poole com dificuldade e lançou-lhe um rápido sorriso, mostrando a dentadura malfeita, ao que voltou ao seu jornal dobrado. Continuou a ler.

– Vê-lo? – perguntou Poole a Sarah. – E os patos.

Os patos e o vagabundo no parque desapareceram nesse instante. Nada restou deles. O intervalo com os seus furos tinha passado depressa.

– Não são reais – disse Sarah. – Pois não? Por isso, como é que...

– Tu não és real – disse-lhe ele. – És um coeficiente de estímulos na minha fita de realidade. Um furo que pode ser ignorado. Será que também existes noutra fita de realidade, ou numa realidade objectiva?

Não sabia; não tinha maneira de saber. Era possível que Sarah também não soubesse. Talvez existisse em mil fitas de realidade; talvez existisse em todas as fitas de realidade alguma vez produzidas.

– Se eu cortar a fita – disse – passarás a estar em todo o lado e em lado nenhum. Como o resto do universo. Pelo menos no que a mim diz respeito.

Sarah gaguejou:

– Eu sou real.

– Quero conhecer-te completamente – disse Poole. – Para isso, tenho de cortar a fita. Se não o fizer agora, será noutra altura; é inevitável que venha a fazê-lo.

«Para quê esperar, então?», perguntou-se. «E há sempre a possibilidade de Danceman ter informado o meu criador, de se prepararem para me afastar. Porque é possível estar a pôr em risco a sua propriedade: eu mesmo.»

– Dás-me vontade de ter ido trabalhar – disse Sarah, escurecendo as covinhas da cara com um trejeito.

– Vai – disse-lhe Poole.

– Não te quero deixar sozinho.

– Eu fico bem – disse Poole.

– Não, não ficas nada bem. Vais-te desligar ou coisa do género, vais-te matar por teres descoberto que és apenas uma formiga eléctrica, e não um ser humano.

Respondeu ele, de imediato:

– Talvez.

Talvez fosse isso.

– E eu não te posso impedir – disse ela.

– Não.

Acenou que sim com a cabeça.

– Mas eu fico – disse Sarah. – Mesmo que não te possa impedir. Porque se me vou embora e tu te matas, passarei o resto da vida a perguntar-me o que teria acontecido se tivesse ficado. Percebes?

Ele, mais uma vez, acenou afirmativamente.

– Força – disse Sarah.

Ele levantou-se.

– Não serão dores, o que vou sentir – disse-lhe. – Embora te possa parecer. Lembra-te de que os robôs orgânicos têm circuitos de dor mínimos. Vou experimentar a mais intensa...

– Não me contes mais nada – interrompeu ela. – Faz lá o que vais fazer, ou então não o faças.

Desajeitadamente – porque estava nervoso – enfiou as mãos na unidade das microluvas, esticou-se para pegar numa ferramenta minúscula: uma lâmina afiada.

– Vou cortar uma fita instalada no meu painel torácico – disse, enquanto olhava atentamente pelo sistema de lentes ampliadoras. – Mais nada – a mão tre-

mia-lhe ao levantar a lâmina. – Faz-se num segundo, concluiu. E pronto. Além disso, terei tempo para voltar a juntar as pontas cortadas da fita – concluiu. – Meia hora no mínimo. Se me arrepender.

Cortou a fita.

Segredou Sarah, olhando-o fixamente e aninhando-se:

– Não aconteceu nada.

– Tenho trinta ou quarenta minutos – voltou a sentar-se à mesa, tendo descalçado as luvas. A voz, reparou, tremia-lhe; Sarah decerto se apercebera disso, e ele teve raiva de si mesmo, sabendo que a tinha alarmado. – Desculpa – disse, irracionalmente; queria pedir-lhe desculpas. – Se calhar é melhor saíres – sugeriu em pânico; mais uma vez, levantou-se. Ela faz o mesmo, reflexivamente, como se o imitasse; inchada e nervosa, ficou ali a palpitar. – Vai-te embora – ordenou ele, com a voz empastada. – Vai para o trabalho, que é onde devias estar. Onde devíamos estar os dois.

«Vou voltar a juntar as pontas da fita», disse para si, «não aguento a tensão.»

Deitando mão às luvas, procurou, tacteando, enfiá-las nos dedos rígidos. Espreitando pelo ecrã ampliador, viu o feixe do fotoeléctrico a cintilar, apontado directamente ao leitor; ao mesmo tempo, viu a ponta da fita desaparecer por debaixo... viu-a, e deu-se conta; «É tarde», compreendeu. «Já passou pelo leitor. Meu Deus», pensou, «ajuda-me.» Começou a desbobinar a uma velocidade maior do que tinha calculado. É *agora* que...

Viu maçãs e pedras da calçada e zebras. Sentiu calor, a textura sedosa do tecido; sentiu o oceano envolvê-lo e um grande vento, do norte, a puxá-lo como se o quisesse levar a algum lado. Sarah estava em toda a

parte, e Danceman também. Nova Iorque resplandecia na noite, e os *squibs* em redor precipitavam-se por céus nocturnos, dias, cheias e seca. A manteiga desfez-se-lhe em líquido na língua e, ao mesmo tempo, assaltaram-no cheiros e sabores hediondos: a presença acre de venenos, limões e folhas de erva estival. Afogou-se; caiu; recostou-se nos braços de uma mulher, deitado numa enorme cama branca que ao mesmo tempo lhe tinia estridente ao ouvido: o sinal de alarme de um elevador defeituoso num dos velhos hotéis arruinados da baixa. «Vivo, vivi, não viverei jamais», disse para si, e com os pensamentos chegaram-lhe todas as palavras, todos os sons; chiaram e fugiram insectos, e ele afundou-se num complexo corpo de maquinaria homeostática situada algures nos laboratórios da Tri-Plan.

Quis falar com Sarah. Abrindo a boca, tentou produzir palavras – uma sequência específica tirada da enorme massa daquelas que, brilhantes, lhe iluminavam o pensamento, queimando-o com o seu significado.

A boca ardia-lhe. Estranhou porquê.

***

Paralisada de encontro à parede, Sarah Benton abriu os olhos e viu a espiral de fumo que se elevava da boca semicerrada de Poole. O robi desfaleceu, caindo lentamente, de joelhos e cotovelos, numa pilha inútil. Percebeu, sem o examinar, que ele tinha «morrido».

«Foi Poole, com as próprias mãos», compreendeu. «E não podia sentir dor; assim dissera. Ou, pelo menos, não muita; talvez um pouco. Seja como for, acabou-se.»

«É melhor ligar a Mr. Danceman e contar-lhe o sucedido», decidiu. Ainda a tremer, atravessou a sala até ao fone; pegando no auscultador, marcou o código de memória.

«Pensava que eu era um coeficiente de estímulos na sua fita de realidade», disse para si. «Por isso pensou que eu fosse morrer quando ele "morresse".» «Que estranho», pensou. «Por que haveria ele de imaginar isso? Nunca estivera ligado ao mundo real; "vivia" no seu próprio mundo electrónico. Que coisa bizarra.»

– Mr. Danceman – disse ela quando se estabeleceu o circuito para o escritório. – O Poole foi-se. Destruiu-se mesmo à minha frente. É melhor vir cá.

– Então livrámo-nos dele, até que enfim.

– Sim, vai ser uma maravilha, não vai?

Disse Danceman:

– Eu mando já dois rapazes da fábrica – olhou para lá dela, divisando Poole caído junto à mesa da cozinha. – Vai para casa descansar – disse-lhe. – Deves estar extenuada depois disto tudo.

– Estou – disse ela. – Obrigada, Mr. Danceman.

Desligou o fone e ali ficou, sem saber o que fazer.

Foi então que reparou numa coisa.

«As minhas mãos», pensou. Levantou-as. «Porque consigo ver através delas?»

Também as paredes da sala se tinham esbatido.

Trémula, voltou para junto do robi inerte, sem saber o que fazer. Via a alcatifa através das pernas, ao que a própria alcatifa se tornou indistinta, e viu, através e para lá dela, outras camadas de matéria em desintegração.

«Talvez se voltar a juntar as pontas da fita», pensou. Mas não sabia como. E o próprio Poole começava já a tornar-se indefinido.

O vento da madrugada soprou à sua volta. Ela não o sentiu; tinha começado, agora, a deixar de sentir.

Os ventos continuaram a soprar.

Fay Weldon

Fim-de-semana

Tradução de Conceição Castel-Branco
Revisão de Luísa Costa Gomes

Fay Weldon (n. 1931) nasceu em Worcester, Inglaterra, e cresceu na Nova Zelândia. De regresso à Grã-Bretanha estudou Economia e Psicologia na Universidade de St. Andrews, na Escócia. Em Londres, antes de se tornar escritora a tempo inteiro, trabalhou nas áreas do jornalismo e da publicidade, onde iniciou uma carreira de sucesso. Tornou-se conhecida por *slogans* publicitários como *Go to work on an egg* e *Vodka gets you drunk quicker*. O seu primeiro romance, *The Fat Woman's Joke*, foi publicado em 1967, quando já era conhecida pela sua escrita. A sua obra inclui mais de vinte romances, colecções de contos, peças para palco, televisão e rádio e livros para crianças. Utilizando um tom declaradamente irónico e uma expressividade satírica forte e incisiva, as suas obras retratam personagens femininas que tentam sobreviver na sociedade contemporânea de carácter patriarcal. Fay Weldon é, em geral, apontada como uma voz da consciência feminista emergente em Inglaterra no final da década de 60, provocando reacções controversas. Mais recentemente, no entanto, o seu tom feminista e radical do início tem vindo a alterar-se, tendo sido já apelidada de «antifeminista», pela formulação de determinados pontos de vista em entrevistas e artigos.

Weekend apareceu pela primeira vez na revista *Cosmopolitan*, em 1978 e foi integrado em *Watching Me, Watching You*, de 1981; posteriormente, foi ainda incluído na antologia *Modern British Short Stories*, editada pela Viking em 1987.

Fay Weldon

Fim-de-semana

Tradução de Conceição Castel-Branco
Revisão de Luísa Costa Gomes

Fay Weldon (n. 1931) nasceu em Worcester, Inglaterra, e cresceu na Nova Zelândia. De regresso à Grã-Bretanha estudou Economia e Psicologia na Universidade de St. Andrews, na Escócia. Em Londres, antes de se tornar escritora a tempo inteiro, trabalhou nas áreas do jornalismo e da publicidade, onde iniciou uma carreira de sucesso. Tornou-se conhecida por *slogans* publicitários como *Go to work on an egg* e *Vodka gets you drunk quicker*. O seu primeiro romance, *The Fat Woman's Joke*, foi publicado em 1967, quando já era conhecida pela sua escrita. A sua obra inclui mais de vinte romances, colecções de contos, peças para palco, televisão e rádio e livros para crianças. Utilizando um tom declaradamente irónico e uma expressividade satírica forte e incisiva, as suas obras retratam personagens femininas que tentam sobreviver na sociedade contemporânea de carácter patriarcal. Fay Weldon é, em geral, apontada como uma voz da consciência feminista emergente em Inglaterra no final da década de 60, provocando reacções controversas. Mais recentemente, no entanto, o seu tom feminista e radical do início tem vindo a alterar-se, tendo sido já apelidada de «antifeminista», pela formulação de determinados pontos de vista em entrevistas e artigos.

Weekend apareceu pela primeira vez na revista *Cosmopolitan*, em 1978 e foi integrado em *Watching Me, Watching You*, de 1981; posteriormente, foi ainda incluído na antologia *Modern British Short Stories*, editada pela Viking em 1987.

Por volta das sete e meia estavam prontos para ir. Martha tinha tudo arrumado no carro e as três crianças convenientemente vestidas e sentadas no banco de trás, com os respectivos jogos educativos e bolachas integrais. Quando estava tudo a postos, Martin desligava a televisão, vinha para baixo, fechava a casa à chave, frente e traseiras, e punha-se ao volante.

Fim-de-semana! Só duas horas de carro até à casa de campo, sextas-feiras ao fim da tarde; três horas de regresso, aos domingos à noite. Pelo meio, os prazeres do verde e os convidados. Achavam que tinham sorte, tinham mesmo muita sorte!

Às sextas-feiras, Martha chegava a casa de autocarro às seis e doze e preparava chá e sanduíches para a família; depois desfazia quatro camas e punha os lençóis e capas de edredão na máquina da roupa para segunda-feira; tirava do armário a roupa de cama para a casa

de campo, mais os livros e os jogos, mais a comida do fim-de-semana, comprada aos poucos durante a semana para atenuar a carga; mais a sua própria pasta de trabalho do escritório, mais os materiais de desenho de Martin (ela fazia estudos de mercado numa agência de publicidade, ele era *designer* por conta própria), mais escovas de cabelo, calças de ganga, *t-shirts* para mudar, os antibióticos do Jolyon (ele era atreito a dores de garganta), o gravador da Jenny, o leitor de cassetes do Jasper e assim por diante – ah, o assim por diante! – e arrumava tudo, com prática e rapidez, na mala do carro. Havia muito pouco que se pudesse deixar na casa de campo durante a semana. («Um convite explícito aos ladrões»: Martin). Depois Martha dava volta à casa, arrumando e limpando o pó, fazendo isto e aquilo, indo buscar o gato a casa de um vizinho e entregando-o em casa de outro, enquanto o resto da família tomava o seu chá; e tinha orgulho em estar despachada quando eles já tinham comido até não poder mais. Martin ainda conseguia apanhar as notícias da BBC2, enquanto Martha levantava a mesa do chá e as crianças tiravam à sorte os melhores lugares no carro. «Martha», disse Martin nessa noite, «devias pôr a Sr.ª Hodder a fazer mais. Ela aproveita-se de ti.»

A senhora Hodder vinha limpar duas vezes por semana. Tinha mais de setenta anos. Levava duas libras por hora. Martha pagava-lhe do seu próprio ordenado: bem, o governo da casa era problema dela. Se Martha escolhera trabalhar fora de casa – como estava no seu perfeito direito, condescendia Martin, embora não fosse a melhor coisa para as crianças, mas isso deve ser res-

plantas, bebidas, televisão portátil e tudo o que a classe média requer para os seus fins-de-semana no campo. A carrinha, em vez de acelerar, arrastava-se pesadamente e irritava Martin. Ele raramente dizia uma palavra ríspida, mas Martha, à boa maneira das esposas, conseguia perceber o seu estado de espírito pelo que ele não dizia, mais do que pelo que ele dizia, e pela inclinação da cabeça, e pela forma como os seus olhos risonhos, com pés de galinha, pareciam ainda mais enrugados e alegres – e, claro, pelo modo como ele falava do carro dela.

«Vamos lá, ó velha sucata! Não dás mais que isto? Estás mesmo velha, o teu problema é esse. Pára de te queixar. Sempre a queixares-te. É só uma subida. Tens a anca larga. Nunca vais conseguir passar aí.»

Martha preocupava-se com a idade, a tendência para se lamentar e a largura das ancas. Achava que os comentários eram para ela. Estaria certa? As crianças não reparavam em nada: era apenas uma risota alegre e engraçada, o pai a dizer umas graças sobre o carro da mãe, multada por andar a conduzir embriagada. A mãe com as raízes da melancolia algures muito fundo debaixo do seu eu do dia-a-dia agitado e ocupado. Ocupado: ah, tão ocupado!

Martin limitava-se a rir se ela dizia alguma coisa sobre a forma como ele falava da carrinha dela e advertia-a a não ser paranóica. «Não fiques como a tua mãe, querida.» A mãe de Martha, já para o fim, pensava que as pessoas conspiravam contra ela. Tinha levado uma vida isolada e cheia de desconfiança, e tornara a infância de Martha um tempo frio e solitário. Para Martha, a vida agora, em comparação, era maravilhosa.

ponsabilidade moral de Martha – ela é que deve pagar, obviamente, a sua substituta doméstica. Uma verdade evidente, frequentemente ouvida, alto e bom som, na boca de Martin e no coração de Martha.

«És capaz de ter razão», dizia Martha. Não queria discutir. Martin tivera uma semana longa e difícil, e agora tinha de conduzir. Martha não podia. Tinham-lhe apreendido a carta de condução há quatro meses por conduzir sob o efeito de álcool. Toda a gente concordava em que a apreensão fora injusta; Martha raramente bebia em excesso, pela simples razão de que estava normalmente demasiado ocupada a servir bebidas às outras pessoas ou a lavar os copos dos outros para se servir de muito. Mas Martin levara-a a jantar fora no dia dos anos dela, como era seu hábito, e o cansaço extremo, misturado com a excitação, tornaram-na imprudente e, sem saber bem como, achou-se no banco dos réus, com um candeeiro de rua meio à banda e um capô novo para pagar, para além de seis meses sem carta.

Assim, Martin tinha agora que guiar o carro dela até à casa de campo, e estava sempre cansado às sextas-feiras, e aos domingos cheio de calor e ensonado, e Martha sentia que, de alguma forma, cada matraquear, cada chocalhar, cada ruído do motor era culpa dela.

Martin tinha um pequeno carro desportivo para andar em Londres e ir para o trabalho: podia andar facilmente a desviar-se pelo meio do trânsito; Martha tinha uma carrinha velha, com espaço para as crianças, cestos de piquenique, roupa de cama, comida, jogos,

Pessoas, crianças, casas, conversas, comida, bebida, teatros – mesmo, presentemente, uma carreira. Martin ali, entre ela e a hostilidade do mundo, o Martin com muitos amigos, sociável, engraçado, acenando ao resto do mundo.

Ah, ela estava grata: a pequenina Martha, séria e verdadeira, com os seus modos tímidos e o seu jeito para passar exames sem interesse nenhum – como a sua vida tinha desabrochado! E com três crianças – Jasper, Jenny e Jolyon – todos com testa larga e o ar comunicativo de Martha, e a confiança nascida do seu amor e cuidado, e do trabalho que investiu neles desde o despontar dos seus dias.

Martin conduz. Martha, por uma vez, dormita.

A alimentação certa, as palavras certas, a brincadeira certa. Médicos para as amígdalas, dentistas para os molares. Confiscar as armas, censurar a televisão, encorajar a criatividade. Tintas e papel à mão, livros nas prateleiras, reuniões com professores. Professores de música. Aulas de dança. Festas. Amigos para o chá. Peças da escola. Dias de escola aberta aos pais. Orquestra juvenil.

Martha acorda em sobressalto. Semáforos. Martin não gosta que Martha durma enquanto ele conduz.

Roupas. Oh, roupas! Não pode usar isto, deve vestir aquilo. Lojas de roupa. Pilhas de roupa pelos cantos, devidamente lavada mas à espera de ser engomada, à espera de ser arrumada.

Apanha os montes do chão para os cestos da roupa suja. Martin não gosta de desarrumação.

A criatividade nasce da ordem, não do caos. Cinco anos sem trabalhar fora de casa enquanto as crianças eram pequenas: de regresso ao trabalho, com os anos de serviço perdidos. O quê, pensavas que era de graça? Se tens filhos, mãe, essa é a tua recompensa. Ela não se encontra no mundo.

Levas comida suficiente? Sempre difícil de saber.

Comida. Oh, comida! Compras à hora de almoço. Carregá-las para casa. Às quartas-feiras à noite cozinhar para congelar, enquanto Martin vai à aula de manutenção de automóveis, e não está lá para reparar que te encontras agitada. Martin gosta que te sentes à noite. Fruta, carne, vegetais, farinha para pão feito em casa. Bom, o pão da loja está cheio de poluentes. A comida congelada, mesmo a nossa, perde o sabor. Martin chama muitas vezes a atenção para isso.

Condimentos. Todos gostam de *chutney* de manga. Mas a despesa!

O Aeroporto de Londres à esquerda. Olhem, olhem, meninos! O *Concorde*? Não, idiota, claro que não é o *Concorde*.

Ah, ser todas as coisas para todas as pessoas: filhos, marido, chefe, amigos! Consegue-se; consegue-se, pois: supermulher.

Bebida. Vinho feito em casa. Porque não? Bagas de sabugueiro gordas e saborosas cultivadas em Londres: e

ao menos sabe-se o que tem dentro. Guarda-o em armários altos; imenso espaço; para cima e para baixo no escadote. Cuidado! Não escorregues. Não partas nada.

Os acidentes não existem. São lapsos freudianos: coisas acintosas e do mau feitio.

Martin não suporta o mau feitio. Martin gosta de senhoras magras. Dieta. Martin gosta bastante da secretária. Dieta. Martin admira pernas magras e peito grande. Como conseguir as duas coisas? Impossível. Mas tenta, oh, tenta, ser o que deverias ser, não o que és. Por dentro e por fora.

Martin traz flores e chocolates; leva Martha de surpresa a passar fins-de-semana fora. Que maravilha! O melhor marido do mundo: olhem para os seus olhos sorridentes, alegres e afáveis; vejam lá. Mas os cantos da boca descem numa espécie de amuo. Não faz mal. Olhem para os olhos. Amor. Deve ser amor. Casaste com ele. *Tu*. E *tu* mereces o verdadeiro amor, não?

Salisbury Plain. *Stonehenge*. Olhem, meninos, olhem! Mãe, já vimos *Stonehenge* cem vezes. Vá dormir.

Cozinhar. Ah, cozinhar! As pessoas adoram vir aos jantares de Martin e Martha. Planear tudo na tua cabeça à hora de almoço. Se chegares às seis e doze, podes passar a carne por lume forte enquanto bates as claras, enquanto dás de comer ao gato, enquanto pões a mesa, enquanto arranjas o feijão verde, enquanto pões na mesa o queijo, queijo de cabra. Martin adora queijo de cabra, Martha tenta gostar – oh, cama, dormir, paz, sossego.

Sexo. Ah, sexo! Orgasmo, faz favor. Martin faz questão. Bem, tu também. E não queres que a secretária lhe proporcione uma paixão que tu descuraste. Queres? Depressa, depressa, a união cósmica. Amor. Amor de casados.

Secretária! Provavelmente uma suspeita grosseira: nada mais. Provavelmente um ataque de paranóia, *à la* mãe, agora morta e enterrada.

Em paz.

RIP.

Mãe solitária, fria, que seguia as suspeitas, até onde a levassem.

Quase lá, meninos. Quase no paraíso, quase na casa de campo. Comam outra bolacha.

Rosas verdadeiras aos lados da porta. Rosas. Podar, mondar, pulverizar, alimentar, colher. Evitar os espinhos. Uma das poucas palavras duras de Martin.

«Martha, não podes não querer rosas! Mas com que espécie de pessoa é que eu me casei? Uma personalidade anti-rosa?»

Relva verde. Oh, Deus, relva. A relva tem de ser cortada. Relvados repousantes, margaridas a brotar, rainúnculos amarelos a brilhar. Rosas e relva e livros.

Livros.

«Por favor, Martin, precisamos mesmo dos duzentos livros, quase todos primeiras edições dos anos vinte, comprados no leilão de livros da *Christie's* numa das tuas tardes livres? Os livros precisam que se lhes limpe o pó.»

Grandes gargalhadas de Martin, Jasper, Jenny e Jolyon. A mãe diz que não devíamos ter os livros: os livros precisam que se limpe o pó.

Rosas, relva verde, livros e paz.

Martha acordou sobressaltada quando chegaram à casa de campo e deu um gritinho que os fez rir a todos. Chamavam-lhe o grito de acordar da mãe.

Depois havia o carro para descarregar e as camas para fazer e a electricidade para ligar e o jantar para fazer e as teias de aranha para limpar, enquanto Martin acendia a lareira. Depois o jantar: costeletas de porco com molho agridoce («A carne de porco é tão *sensaborona* se não é feita como deve ser»: Martin), salada de alface do jardim, ou a salada de alface que os coelhos deixaram («Martha, fechaste bem a rede deles? Vá lá, diz a verdade!»: Martin) e batatas salteadas. Puré é tão indigesto e vulgar, e puré instantâneo, impensável. As crianças estudavam o céu à noite com a ajuda do seu mapa das estrelas. Crianças maravilhosas, tão gratificantes!

Depois arrumar a mesa do jantar e pôr a massa do pão a levedar; Martin já na cama, exausto de conduzir e acender a lareira. («Martha, devíamos ter os troncos bem empilhados. Põe as crianças a fazer isso, pode ser?»: Martin). Varrer e arrumar; orientar bem a antena de televisão. Subir a bainha das calças de ganga de Jasper onde ele a pisou e a desfez. («Ele não pode andar por aí *assim*, Martha. Nem mesmo o Jasper»: Martin).

Meia-noite. Boa-noite. Os convidados para o fim-de-semana a chegarem de manhã. Sete para o almoço

e para o jantar no sábado. Sete para o pequeno-almoço de domingo, nove para o almoço de domingo. («Não te enerves, querida. Ficas sempre tão preocupada»: Martin). Oh, meu Deus, esqueci-me do esmagador de alhos. São mais dez minutos com as costas de uma colher e sal. Enfim, quem é que quer o alho aos *bocadões*? Ninguém. Os convidados de Martin de certeza que não. Foi o que disse Martin. Dormir.

Colin e Katie. Colin é o mais velho amigo de Martin. Katie é a sua nova mulher, mais jovem. Janet, a outra, a anterior mulher de Colin, era amiga de Martha.

Janet era bastante como Martha, mais calada e desinteressante que o marido. Uma chata, era o que Martin pensava e dizia e, claro, ela tinha-se desleixado um bocado, nisso todos concordavam. Ninguém desculpava propriamente Colin por ter acabado, mas via-se bem a tentação.

Katie *versus* Janet.

Katie era lânguida, bonita e elegante. Arrastava as palavras quando falava. As suas mãos eram expressivas; os pés pequenos e femininos. Não tinha filhos.

Janet arrastava-se nuns pés chatos e bastante grandes. Havia neles qualquer coisa que não estava bem. Andava com os pés um pouco para fora. Tinha duas filhas. Francamente, era mesmo maçadora. Mas Martha gostava dela. Quando Janet vinha à casa de campo, até lavava a loiça. Não como a maior parte dos convidados fazia – por consideração e pondo tudo no escorredor, mas efectivamente ela secava e arrumava

também. E Janet lavava a banheira e punha as crianças todas sentadas, com cadeiras para todos mesmo para o mais pequenino, e mantinha-as calmos e contentes, de modo que os crescidos – bem, os homens – podiam continuar a sua conversa e as suas piadas e o seu gosto por fins-de-semana no campo, enquanto Janet olhava fixamente para o espaço, como se estivesse agradecida pelo descanso, bastante feliz.

Janet também fazia jardinagem. Mondava os morangueiros, enquanto os homens iam dar o seu passeio; os seus pés grandes, firmes e quadrados, pisavam uma planta ou coisa assim, mas não faz mal, oh, não faz mal. Adorável Janet, que compreendia.

Agora Janet desaparecera e havia a Katie.

Katie conversava com os homens e ia passear com eles e mexia no cinzeiro, muito impaciente, quando Martha tentava levantar os copos à volta dele.

Os pratos eram uma maçada, insinuava Katie com os seus modos, e a vida doméstica era uma maçada, e alguém que se interessasse por esse tipo de coisas era idiota. Como Martha. A cinza devia poder ficar onde estava, mesmo que fosse na manteiga, e as conversas não deviam ser nunca interrompidas.

Truz, truz. Katie e Colin chegaram à uma e um quarto da madrugada de sábado, logo depois de Martha se ter ido deitar. «Não se importam? Foi o luar. Não conseguimos resistir. Deviam ter visto *Stonehenge*! Não vos incomodámos? Mas que gente tão madrugadora!»

Martha arranjou rapidamente umas omeletas. Foram-se os ovos da noite de sábado. («Martha faz uma omeleta óptima!»: Martin. «Querida, faz uma das tuas omeletas de cogumelos. Mas faz os cogumelos à parte, não te esqueças, com limão. Se não a água dos cogumelos mistura-se com o ovo e estraga tudo.») Os cogumelos do jantar de domingo. Mas seria indelicado dizer alguma coisa.

Martin ficou maravilhosamente animado ao ver Colin e Katie. Foi buscar a garrafa de uísque. Copos. Gelo. Jarro de água. Esperar. Mais outro lava-loiça cheio para lavar, quando eles acabarem. Duas da manhã.

«Não faças isso esta noite, querida.»

«É um instantinho.»

Grande sorriso. Nem uma pontinha de pena de si própria. Ter pena de si própria pode estragar o fim-de-semana a toda a gente. Martha sabe que para o pequeno-almoço para sete ser exequível o lava-loiça tem de estar livre de pratos. Refeição complicada, o pequeno-almoço. Principalmente se o *bacon*, os ovos e os tomates têm de ser todos cozinhados em frigideiras separadas. («Frigideiras separadas quer dizer sabores separados!»: Martin.)

Ela corre de um lado para o outro em camisa de noite. Bom, se fosse a Katie – mas há qualquer coisa de tão *prático* em Martha. Reparem que até é tranquilizante; mas a camisa de noite exígua, o traseiro avantajado e os trinta e oito anos fazem um conjunto um tanto ou quanto embaraçoso. Martha consegue vê-lo nos olhos de Colin e de Katie. Nos de Martin também.

Martha gostaria de não ver tanta coisa nos olhos das outras pessoas. A sua mãe também via. Querida mãe morta. Julguei-te mal?

Este foi o segundo fim-de-semana em que Katie apareceu com o Colin mas sem a Janet. Colin era fotógrafo; Katie tinha sido sua assistente. Primeiro Colin e Janet; depois, Colin, Janet e Katie; agora Colin e Katie!

Katie mondava o jardim com luvas de borracha e arrancava por engano amores-perfeitos em vez de ervas daninhas e ria e ria com toda a gente quando lhe chamavam a atenção para isso, mas os amores-perfeitos morriam. Bom, Colin tornara-se com os anos razoavelmente rico e razoavelmente famoso, e o que é que um homem razoavelmente rico e famoso quer de uma mulher como a Janet quando tem a Katie à mão?

No primeiro dos fins-de-semana com Colin/Janet/ /Katie, Katie aparecera saída da casa de banho. «Ora bem», disse Katie, mostrando uma tolha húmida com repugnância óbvia «só consigo encontrar esta. Não se arranja por acaso uma seca?» E Martha correra a buscar uma toalha seca e assombrosamente encontrara uma, e entregara-a a Katie que lhe fez um grande sorriso e disse: «Não suporto toalhas húmidas. Tudo na vida menos toalhas húmidas», como se estivesse a falar com uma criada em tempos de falta de pessoal, e usou a água toda, de modo que não chegou para Martha se lavar.

O problema, claro, era secar o que quer que fosse na casa de campo. Não havia condições e Martin tinha horror a estendais que pudessem estragar a vista. Ele

trabalhava que nem um mouro toda a semana na cidade simplesmente para ter uma vista do campo ao fim-de-semana. Ridículo estragá-la, decorando-a com toalhas húmidas! Mas agora Martha tinha comprado mais toalhas, assim talvez ficasse toda a gente contente. Levava nove toalhas húmidas aos domingos à noite num saco de plástico e tratava delas em Londres.

Nesta manhã de sábado, logo a seguir ao pequeno-almoço, Katie foi lá fora ao carro – ela e Colin tinham um *Lamborghini* novo; difícil imaginar Katie em qualquer coisa menos interessante – e voltou acenando com uma toalha *Yves St. Laurent* nova. «Olhem! Trouxe a minha própria toalha, queridos.»

Não trouxeram mais nada. Nada de fruta, carne, vegetais, nem mesmo pão, e claro, nem uma caixa de chocolates. Tinham ido para a cama num grande entusiasmo na noite anterior, e o quarto de hóspedes arfava e abanava; bem, quem é que queria lavar a loiça quando podia fazer aquilo? Mas então e as crianças? Ficariam confusas? Primeiro Colin e Janet, agora Colin e Katie!

Martha murmurou parte destes seus pensamentos a Martin, que se mostrou bastante escandalizado. «Colin é o meu melhor amigo. Não espero que traga nada» e Martha sentiu-se mesquinha. «E por amor de Deus, não podes proteger os miúdos do sexo para sempre. Não sejas tão pudica.» De forma que Martha se sentiu também estúpida. Mesquinha, refilona e estúpida.

Janet tinha telefonado a Martha durante a semana. Tinham vendido a casa, sem lhe perguntarem nada,

e mudaram-na com as crianças para um pequeno apartamento. A Katie estava a tentar convencer o Colin a diminuir a sua pensão, disse Janet.

«Não faz bem a ninguém ser materialista», confidenciou Katie. «Eu não tenho nada. Nem casa, nem família, nem laços, nem bens. Olha para mim! Sou só eu e uma mala de roupa.» Mas Katie parecia muito contente com o seu eu, e as roupas eram fantásticas. Katie bebia bastante e ficava muito engraçada. Toda a gente se ria, incluindo Martha. Katie tinha sido casada duas vezes. Martha admirava-se, como é que alguém podia chegar aos trinta e tais sem nada de seu, nem marido, nem crianças, nem património, e não se importar.

Atenção, que a Martha via bem o poder de tal desamparo. Se Colin era tudo o que Katie tinha no mundo, como podia Colin abandoná-la? E a quê? Para onde iria ela? Como viveria? Ah, a espertalhona da Katie!

«A minha chávena de chá está suja», disse Katie, e Martha apressou-se a limpá-la, pedindo desculpa, e Martin levantou o sobrolho, a Martha, não a Katie.

«Gostava que *usasses* perfume», disse Martin a Martha, em tom de censura. Katie usava imenso. Martha, contudo, parecia nunca ter tempo para o pôr. Martin comprava-lhe frascos e mais frascos. Martha saltava da cama todas as manhãs para acudir a alguma emergência – um gato que mia, uma criança que tosse, um despertador que não toca, o carteiro a bater à porta – quando é que Martha podia pôr perfume? Isso aborrecia Martin na mesma. Ela devia fazer mais para o seduzir.

Colin estava com um ar esgotado e parecia mais bonito e mais novo que Martin, apesar de terem mais ou menos a mesma idade. «A juventude pega-se», disse Martin na cama nessa noite. «É desde que encontrou a Katie.» Encontrou, como algum tesouro. Descobriu; uma coisa emocionante e maravilhosa, no mundo cinzento da rotina dos cônjuges instalados.

No sábado de manhã Jasper pisou um bocado de madeira («Martha, por que é que ele não está calçado? Agora, olha!»: Martin) e Martha levou-o ao hospital para que lhe extraíssem uma farpa perigosa. Deixou a casa de campo às dez e voltou à uma, e eles ainda estavam sentados ao sol, a beber, garrafas vazias reluzindo no extenso relvado. A relva não tinha sido cortada. Não esqueças as garrafas. Vidro partido significa mais manhãs no hospital. Oh, não te preocupes. Diverte-te. Como as outras pessoas. Tenta.

Mas nada de batatas descascadas, nada de mesa do pequeno-almoço levantada, nada. Beatas de cigarro ainda entre restos de torradas, da gordura do *bacon* e do doce de laranja. «Podias ter arranjado as batatas», Martha explodiu. Oh, mau génio! Pecado capital. Olharam para ela, admirados e desagradados. Martin também.

«Deus meu!», disse Katie. «Vamos fazer aquela coisa toda dos almoços de domingo, ao sábado? Batatas? Há que tempos que não como batatas. Que maravilha!»

«As crianças estão a contar com isso», disse Martha.

Pois estavam. Os almoços de sábado e de domingo brilhavam nas suas vidas como faróis que lhes davam

segurança. O almoço de sábado, almoço de família: *fish and chips*. («Muito melhores feitos em casa do que comprados»: Martin.) Domingo. Geralmente rosbife, batatas, ervilhas, tarte de maçã. Ah, claro. *Yorkshire pudding*. Sempre um problema as temperaturas do forno. Enquanto a carne deve assar devagar, o pudim devia cozer depressa. Como conseguir isso? Era como o peito grande e as ancas estreitas.

«Descontrai um bocadinho», disse Martin. «Eu faço o jantar, tudo a seu tempo. As farpas acabam sempre por sair, não era preciso tê-lo levado ao hospital. Deixa a vida fluir por ti, meu amor. Deixa-te ir na onda, assim é que é.»

E Martin lançou-lhe um sorriso, distante, espiritual. A mão dele estava pousada no braço esguio e bronzeado de Katie, com as suas múltiplas pulseiras douradas.

«De qualquer maneira, fazes demais pelas crianças», disse Martin. «Não é bom para elas! Bebe qualquer coisa.»

Martha empoleirou-se muito pouco à-vontade no degrau e tomou um copo de sidra, e perguntou-se como é que, se o almoço ia ser para o tarde, conseguiria arrumar tudo e tirar a carne da marinada para o jantar um pouco mais formal dessa noite. O carneiro de marinada devia estar pelo menos quatro horas em lume brando; e o forno da casa de campo era muito pequeno, e não se podia usar com o grelhador ao mesmo tempo, e Martin gostava do seu peixe grelhado, não frito. Menos colesterol.

Mas não disse nada disto. Pormenores domésticos como este eram muito maçadores e qualquer queixa,

por mais leve, era registada por Martin como uma cena. E fazer uma cena era de uma ingratidão!

Isto é que era viver! Ou não era? Amigos interessantes em grandes carros e vida no campo e bebidas antes do almoço e rosas e música dos pássaros. «Não bebas *demais*», disse Martin, e contou-lhes da apreensão da carta de condução de Martha.

As crianças tinham fome, por isso Martha abriu uma lata de feijão e salsichas e aqueceu tudo. («Martha, eles têm que comer essa porcaria? Não podem esperar?»: Martin.)

Katie tinha fome; disse-o para se pôr do lado das crianças. Ela era muito boa com crianças – a maior parte das crianças. Não gostava lá muito das filhas de Colin e Janet. Ela assim dizia, e ele aceitava. Ele via-as agora apenas uma vez por mês, não uma vez por semana.

«Deixa-me fazer o almoço», disse Katie a Martha. «Tu fazes tanta coisa, coitadinha!»

E tirou do frigorífico tudo o que Martha tinha guardado para o piquenique do almoço do dia seguinte: queijo *Camembert* e salada e salame, e fez uma salada de tomate maravilhosa em dois minutos, e abriu o vinho branco. «Não está lá muito frio, querida. Não devia estar a gelar?», e tinha tudo na mesa em cinco minutos competentes, admiráveis. «Não precisamos de mais nada, querida!», disse Martin. «Tens uma graça com os teus sábados de *fish and chips*! O que podia ser melhor do que isto? Ou mais simples?»

Nada, a não ser que o bufete do almoço de domingo para nove pessoas desaparecera, em lugar do peixe para seis, de sábado. E o peixe esticaria? Não. Katie tinha bebido bastante. Beijocava a testa de Martin. «Marthazinha, tão engraçada!», disse ela. «Faz-me lembrar a Janet. Até gosto bastante da Janet.» O Colin não queria que lhe lembrassem Janet, e sublinhou-o. «Querido, a Janet é um facto da vida», disse Katie. «Se pensasses mais nela, talvez conseguisses pagar-lhe menos.» E bocejou e esticou o corpo esguio e sem filhos e sorriu para Colin com os olhos convidativos e marotos de menina pequena, e Martin olhava para ela com admiração.

Martha levantou-se e deixou-os e agarrou numa lata de tinta e passou uma demão de tinta branca acetinada na parede da casa de banho. A superfície branca agradava-lhe. Era boa a pintar. Conseguiu uma superfície lisa e plana. As suas pernas latejavam. Tinha medo de estar a ficar com varizes.

Lá fora no jardim as crianças jogavam *badminton*. Estavam de mau-humor, mas aliviadas por poderem olhar para cima e ver a mãe a trabalhar, como era costume; sempre a tornar melhores e mais agradáveis as suas vidas; a organizar, planear, prever, a desviar o mal, a fazer todos os preparativos, como uma mãe galinha, esgaravatando e irritando – parte do aborrecido panorama natural do mundo.

No sábado à noite Katie foi cedo para a cama: levantou-se da cadeira e espreguiçou-se e bocejou e espreitou para a cozinha onde Martha estava a lavar as panelas. Colin tinha levantado a mesa e Katie tinha

dobrado os guardanapos com uns vincos muito bem feitos, enquanto Martin atiçava o lume, para o avivar. «Boa noite», disse Katie.

Katie apareceu três minutos depois, estendendo, numa acusação, a sua toalha *Yves St. Laurent*, completamente encharcada. «Valha-me Deus», gritou Martha. «A Jenny deve ter lavado o cabelo!» E Martha viu-se obrigada a arrancar Jenny da cama para a repreender publicamente, nem que fosse só para demonstrar que sabia o que estava certo e correcto. Isso significava que Jenny ia amuar todo o fim-de-semana, o que implicava uma prendinha ou um passeio a meio da semana ou, na semana seguinte, teria um ataque de asma. «Andas muito de roda das crianças», disse Martin. «É por isso que a Jenny tem asma.» Jenny não era uma beleza de cair, mas não era feia de todo. Seria uma desilusão para o pai? Martin nunca o diria, mas Martha receava que ele o pensasse.

Um ovo e uma laranja a cada criança, todos os dias. Nada de muito grave havia de acontecer. E não acontecera. A asma era muito ligeira. Um ambiente calmo e tranquilo, disse o médico. Ah, sorri, Martha, sorri. A felicidade doméstica depende de ti. Vinte e um vezes cinquenta e duas laranjas por ano. E cada uma tem que ser comprada, transportada, descascada e depois arrumar tudo. E quanto às batatas? Doze vezes vinte e seis quilos por ano? Martin gostava das batatas cuidadosamente descascadas. Não suportava encontrar aqueles pontinhos pretos quando metia o garfo à boca. («Bem, não é agradável, pois não?»: Martin.)

Martha sonhou que estava a comer carvão, às mãos-cheias, e a gostar.

Noite de sábado. Martin teve relações com Martha três vezes. Três vezes? Que viril que ele estava, e nitidamente excitado pelos sons do quarto de hóspedes. Martin disse que a amava. Martin dizia sempre. Era um amante cortês; sabia a importância dos preliminares. Também Martha. Três vezes.

Ah, dormir. Jolyon teve um pesadelo. Jenny foi acordada por uma traça. Martin dormiu o tempo todo apesar de tudo o que se passava. Martha andou de um lado para o outro pela casa durante a noite. Havia Lua. Sentou-se à janela e olhou a noite de Verão durante cinco minutos, e ficou em paz, e depois voltou para a cama porque devia estar descansada de manhã.

Mas não estava. Dormiu até tarde. Os outros saíram para dar um passeio. Tinham deixado uma mensagem, uma mensagem atenciosa: «Não te acordei. Parecias cansada. Tomámos um pequeno-almoço frio para não fazer demasiada confusão. Deixa tudo como está até voltarmos.» Mas eram dez horas, e os convidados vinham ao meio-dia, por isso ela tratou do pão, da manteiga, das migalhas, das nódoas de gordura, da compota, das colheres, do açúcar entornado, dos cereais, do leite (agora azedo), e dos pratos sujos, e varreu o chão todo, e arrumou rapidamente, e pegou numa chávena de café, e preparou-se para fazer um prato de arroz com peixe, e uma mousse de chocolate e sentou-se entretanto para comer um bom pedaço de pão com compota. Ancas largas. Lembrou-se do trabalho do escritório

na pasta e percebeu que não ia poder fazê-lo. Martin, de qualquer forma, achava ridículo que ela trouxesse trabalho aos fins-de-semana. «É o teu dia de descanso», dizia ele. «Por que é que eles têm que forçar?» Martha adorava o seu trabalho. Não tinha que lhe sorrir. Fazia-o apenas.

Katie voltou aborrecida e a chorar. Sentou-se na cozinha enquanto Martha trabalhava e bebeu copos de gim com sumo de limão uns atrás dos outros. Katie gostava de gelo e limão no gim. Martha pagava todas as bebidas do seu ordenado. Fazia parte do acordo entre ela e Martin – o contrato pelo qual ela ia trabalhar fora de casa. Tudo o que se destinasse a animar o espírito deprimido por uma mulher trabalhadora e mãe, devia ser pago por Martha. Bebida, férias, gasolina, saídas, pudins, electricidade, aquecimento: era quase uma brincadeira entre os dois. Não fazia efectivamente diferença nenhuma: afinal era o dinheiro deles em comum. Espantoso como o ordenado dela ia aumentando quase até ao nível do de Martin. Um dia destes iria passar à frente. E depois?

Trabalhar, sinceramente, era canja.

De qualquer modo, a pobre Katie estava a chorar: descobrira que o Colin guardava uma fotografia de Janet com as meninas na carteira. «Ele não se libertou dela. Finge que sim, mas não se libertou. Ela tem-no bem amarrado. São as miúdas. Raio das miúdas. A chorona da Mary e aquela monstrinha da Joanna. É só nisso que ele pensa. Não sou ninguém.»

Mas Katie não acreditava nisso. Ela sabia bem que era alguém. Colin entrou, furioso. Tirou a fotografia e,

amargamente, deitou-lhe fogo com um fósforo. Desvaneceram-se em fumo no ar. Mary e Joanna e Janet. As cinzas caíram no chão (Martha varreu-as quando Colin e Katie saíram). «Volta para ela», disse Katie. «Volta para ela. Não me importo. Sinceramente, gostava mais de estar sozinha. És uma bela velharia. Vai-te lá embora. Vai às tuas coisas, eu vou às minhas. Quem é que se importa?» «Bolas, Katie, que cena! Ela está na fotografia apenas por acaso. Não está lá de propósito para incomodar. E sinto-me mal em relação a ela. Tem estado a passar um mau bocado.» «E tu não, Colin? Ela sabe mesmo acertar onde dói, digo-te. Não tens direitos também? Para não falar de mim. É muito, esperar um bocadinho de lealdade?»

Antes do almoço estavam reconciliados, lá em cima no quarto. Harry e Beryl Elder chegaram ao meio-dia e meia. Harry não gostava de andar à pressa aos domingos; Beryl estava toda nervosa e a pedir desculpas pelo atraso. Tinham trazido alcachofras do jardim deles. «Que maravilha!», exclamou Martin. «Frutos da terra? Vamos fazer uma sopa maravilhosa! Não te aflijas, Martha. Eu faço.»

«Não te aflijas.» Era claro que Martha não tinha estado a sorrir o suficiente. Estava em risco, Martin insinuava, de arruinar o fim-de-semana a toda a gente. Surgiu uma emergência no jardim logo a seguir – um ulmeiro que provavelmente tinha apanhado a doença do ulmeiro holandês – e Martha acabou de cozinhar as alcachofras. A tampa soltou-se do copo misturador e havia creme de alcachofra por todo o lado. «Vamos almoçar lá fora», disse Colin. «É menos trabalho para

Martha.» Martin olhou-a de sobrolho franzido: achava o ar de mártir à frente dos convidados uma afronta indesculpável.

Todos se juntaram alegremente para ajudar a levar a mobília para fora, mas a experiência de Martha é que nunca ninguém ajudava a trazê-la para dentro outra vez.

Jolyon foi picado por uma vespa. Jasper espirrava e espirrava da febre dos fenos e não conseguia encontrar os lenços de papel e não queria usar papel higiénico. («Não te esqueceste dos lenços de papel, pois não querida?»: Martin.)

Beryl Elder era simpática. «Que bom comer ao ar livre», disse, pegando nas natas para o pudim, enquanto Martha pescava uma mosca do queijo *Brie* que se derretia («Não devias ter comprado tão mole, Martha»: Martin) «ainda bem que é outra mulher a fazê-lo. Pelo menos não sou *eu*.» Beryl também trabalhava, como secretária, para poder ter os rapazes num colégio interno onde, no entanto, preferia que não estivessem. Mas o marido era de uma família bastante importante, e ela apenas uma dactilógrafa quando casaram, de modo que a sua vida era uma série de compensações. Harry decidira recentemente largar a competição feroz da compra e venda de acções e tornara-se artista, preferindo a integridade ao dinheiro, mas essa escolha era apenas sua e não podia, claro, ser aplicada aos rapazes.

Katie achou o prato de arroz com peixe bastante estranho, mexia-lhe distraidamente com o garfo, e conversava sobre os restaurantes italianos que conhecia. Martin estava deitado de barriga para o ar a apanhar

sol, exclamando: «Ah, isto é que é vida.» Fez café, solicitamente, e a tampa do moinho de café soltou-se e espalharam-se grãos de café por toda a cozinha especialmente pela fila de livros de culinária que Martin dava a Martha todos os Natais. Pelo menos não tinham que ser levados no regresso todos os fins-de-semana. («Os ladrões não terão o bom senso de roubar esses»: Martin.)

Beryl adormeceu e Katie observou-a com ar trocista. A boca de Beryl estava aberta e ela tinha imensas obturações, e os tornozelos eram grossos e a cintura estava a desaparecer, e não cuidava de si própria. «Adoro mulheres», Katie suspirou. «Ficam tão bonitas a dormir. Quem me dera ser uma mãe-da-Terra.»

Beryl acordou sobressaltada e insistiu com o marido para irem para casa, o que ele claramente não queria fazer, e por isso não fez. Beryl achava que tinha de regressar porque a mãe ia aparecer mais tarde. Disparate! Depois, Beryl tentou impedir que Harry bebesse mais vinho feito em casa, e todos se riram dela. Ele ia a guiar; Beryl não podia, e ele tinha realmente na testa uma cicatriz feia de um acidente de viação anterior. Não interessa.

«Ela é mesmo chata para ele, coitadinha», riu-se Katie, quando eles finalmente se foram embora. «Eu nunca me vou casar.» E Colin olhou para ela desejoso porque queria casar com ela mais que tudo no mundo, e Martha levantou as chávenas de café.

«Oh, não *faças* isso», disse Katie. «Senta-te lá, Martha, fazes-nos sentir mal.» E Martin lançou-lhe um olhar tal que Martha se sentou e Jenny chamou por ela

e Martha foi ao andar de cima e Jenny acabara de ter o seu primeiro período e Martha chorou e chorou e sabia que tinha que parar porque este devia ser um momento feliz para Jenny ou todo o seu futuro ficaria afectado mas, desta vez, Martha não conseguia.

A sua filha Jenny: esposa, mãe, amiga.

Harold Brodkey

Verona: fala uma rapariga

Tradução de Ana Gomes

Harold Brodkey (1930-1996). Teve uma infância conturbada: a mãe morreu quando tinha dois anos e o pai alegadamente «vendeu-o» a familiares que viviam nos subúrbios de St. Louis. Formou-se em Harvard e tornou-se professor de Inglês; em 1952 publicou o seu primeiro conto na revista *New Yorker*, com a qual colaborou ao longo de vários anos. Brodkey tornou-se conhecido sobretudo como contista, embora tenha publicado dois romances – *The Runaway Soul* (1991) e *Profane Friendship* (1994). Os seus contos foram compilados nos volumes *First Love and Other Sorrows* (1958), *Stories in an Almost Classical Mode* (1988) e *The World is the Home of Love and Death* (1997). Recebeu em 1975 e 1976 o O. Henry Award. Em 1993 anunciou nas páginas da *New Yorker* que sofria de SIDA; a doença e a aproximação da morte são pretexto para os ensaios autobiográficos publicados em *This Wild Darkness: The Story of My Death* (1996). Vários contos de Brodkey são revisitações obsessivas, poéticas, da infância e da forma como as crianças vêem o mundo. «*Verona: a young woman speaks*» foi publicado em 1978 na *Esquire* e faz parte do volume *Stories in an Almost Classical Mode*.

Eu sei muito! Conheço a felicidade! Não estou a falar do amor de Deus, sequer: quero dizer que conheço a felicidade humana com os crimes que nela há. Até a felicidade da infância.

Agora penso nela como uma felicidade cruel, de classe média. Deixem-me descrever uma vez – um dia, uma noite. Eu era bastante nova, e os meus pais e eu – éramos só nós os três – viajávamos de Roma para Salzburgo, percorrendo um quarto da Europa para estar em Salzburgo no Natal, por causa da música e da neve. Íamos de comboio porque os aviões eram irregulares, e o meu pai queria que parássemos em meia dúzia de cidades italianas e víssemos quadros e comprássemos coisas. Era absurdo, mas estávamos os três embriagados com isto; era muito estranho: acordávamos todos os dias num hotel estranho, numa cidade estranha. Eu era a primeira a acordar; e ia até à janela e via uma torre ou um palácio; e depois acordava a minha mãe e sen-

tia-me justificada na minha sensação de arrebatamento e convicção e aventura pela forma como ela agia, a sua sensação do romantismo de estar numa cidade tão estranha quanto eu a achara quando tinha olhado pela janela e tinha visto o palácio ou a torre.

Tivemos de mudar de comboio em Verona, uma cidade escurinha e pequenina no sopé dos Alpes. Quando lá chegámos, tínhamos vindo a fazer compras e mais compras pela península itálica acima; eu estava tonta de tantas compras e novas aquisições: mal sabia quem era, tinha tantas coisas novas: o meu reflexo em qualquer espelho ou montra era resplandecente de fresco e novo, chegava a ser um disfarce, reluzente, achava eu. Tinha sete ou oito anos. Quase me parecia que estávamos num filme ou nas páginas de um livro: só as palavras e imagens mais simples e mais cheias de luz podem sugerir o que eu pensava que então éramos. Andávamos ali rebrilhando; rebrilhávamos em toda a parte. *Aquelas roupas*. É fácil comprar uma criança. Eu tinha um vestido novo, de malha, azul e vermelho, caro como o raio, imagino; meias-calças, também vermelhas; um casaco vermelho de *loden* [1] com um capuz e um gorro de malha para usar por baixo do capuz; umas maravilhosas luvas forradas; umas botas forradas de pele e uma bolsa ou saco de pêlo, e uma saia de xadrez – e camisas e um cachecol, e havia ainda mais: um relógio, uma pulseira: mais e mais.

Nos comboios tínhamos compartimentos privados, e a Mamã trazia jogos na carteira e coisas para comer, e o Papá cantava-me músicas de Natal, desafinado; e às vezes eu ficava tão concentrada na minha felicidade que de repente corria o perigo real de fazer chichi pelas per-

nas abaixo; e a Mamã, que percebia essas emergências, apanhava a urgência na minha voz e via a minha cara contraída; e levava-me – era uma mulher grande, bonita – rapidamente até uma casa de banho com uma competência espantosa, e imparável, murmurando, «Aguenta só um bocadinho», e dava-me a mão enquanto eu fazia.

E assim chegámos a Verona, onde estava a nevar, e as pessoas tinham caras severas, tristes, caras bonitas que não riam. Mas se olhassem para mim, essas caras sérias desanuviavam, sorriam para mim no meu esplendor. Estranhos ofereciam-me doces, por vezes com a tristeza mais desolada, ajoelhando-se ou inclinando-se para me olharem bem de frente, para os meus olhos: e a Mamã ou o Papá avaliavam-nas, às pessoas, e diziam em italiano que estávamos atrasados, tínhamos de despachar-nos, ou paravam, e deixavam que o estranho me tocasse, falasse comigo, olhasse um bocado para a minha cara. Eu via-me nos olhos de um estranho qualquer, homem ou mulher; por vezes ficavam a olhar-me com tanta delicadeza que me apetecia tocar-lhes as pestanas, fazer festas àqueles olhos estranhos, grandes, cintilantes. Eu sabia que servia de decoração à vida. Encarava os meus deveres com grande seriedade. Um conde italiano em Siena disse que eu tinha maneiras de princesa inglesa – às vezes – e depois riu-se porque era verdade que eu conseguia ser bem terrível: corri aos gritos pela *galleria* dele, uma sala comprida, cheia de quadros, e com frescos no tecto: e sentei-me ao colo dele e não parei quieta: era uma criança endiabrada, e gostava muito de mim: e em quase toda a parte, quase todos os dias, havia uma pessoa nova para gostar de mim, brevemente, durante a viagem.

Eu percebia que era especial. Foi *nessa altura* que percebi isso.

Sabia que aquilo que estávamos a fazer, tudo o que fazíamos, implicava dinheiro. Não sabia se implicava espírito ou não, ou estilo. Mas de alguma forma sabia do dinheiro, cheques e *traveller's checks* e o tinir das moedas. O Papá era uma fonte de dinheiro: dizia que era para esbanjar; queria causar a nossa admiração; tinha poupado dinheiro – nós não éramos mesmo ricos mas, nesta viagem, sê-lo-íamos. Lembro-me de uma estufa numa grande casa à saída de Florença e de laranjeiras dentro de selhas; também aí, andei a correr. Um criado, vestido de preto, um homem muito velho, com cara de mau – não gostava de continuar a ser criado quando o tempo dos criados já tinha passado – e ralhou-me mas sorriu-me, e à minha mãe, e até mesmo uma vez ao meu pai: nós estávamos claramente tão separados das penas e canseiras e crueldades do mundo. Estávamos no recreio, estávamos nas nossas alegrias, e a Mamã estava contente, com um contentamento interior terrível e ingénuo, e confiava no Papá para que as coisas funcionassem: ah, ela também contribuía, mas não conhecia o segredo de tal – irrealidade: é isto que quero dizer? De um jogo assim, de um jogo assim tão extraordinário.

Havia um quadro em Verona que o Papá queria ver; um quadro; lembro-me do pintor porque o nome Pisanello me fez lembrar de que precisava de ir à casa de banho [2] quando estávamos no museu, que era um castelo antigo, guelfo ou gibelino, não me lembro qual; e também me lembro do quadro porque mostrava o cavalo visto de trás, e achei que isso não era nada bonito

e era um bocado cómico, mas o Papá olhava com admiração: e por isso eu não disse nada.

Pegou-me na mão e contou-me uma história para eu não me aborrecer enquanto caminhávamos de sala em sala no museu/castelo, e depois saímos para a neve lá fora, para a luz suave de quando neva, a luz que vem através da neve; e eu estava vestida de vermelho e tinha umas botas, e os meus pais eram novos e bonitos e também tinham botas; e podíamos ficar ali fora à neve se quiséssemos; e ficámos. Fomos para uma praça, uma *piazza* – a Scaligera, acho; não me recordo – e quando estávamos a chegar, o nevão começou a regougar e depois abrandou, a cair pesado e depois ténue, e depois parou: e estava muito frio e havia pombos por toda a praça, em cada cornija e telhado, e por todo o lado sobre a neve no chão, deixando pequenas pegadas ao andar, enquanto o ar tremia naquele peso e densidade e intenção determinada e cinzenta de mesmo-depois-de-nevar e mesmo-antes-de-nevar. Nunca tinha visto tantos pombos nem um sítio tão isolado e assombrado como aquela *piazza*, eu no meu casaco novo na borda mais remota do mundo, a borda de sabe-se lá que história, a borda da beleza estranha e dos jogos do Papá, o extremo, a aresta branca de uma estação.

Eu estava meio louca de prazer, de qualquer forma, e então o Papá trouxe cinco ou seis cones feitos de papel de jornal, embrulhados, torcidos; e neles havia grãos de uma coisa que parecia milho, sementes brancas e amarelas de alguma coisa; e deitou-me algumas na mão e disse-me que estendesse a mão; e depois recuou. Ao princípio não se passou nada, mas eu confiava nele e esperei; e então vieram os pombos. De asas pesadas.

Desajeitados corpos pombinos. E patas de ave vermelhas, irreais. Voaram até mim, abrandando no último instante; desceram sobre o meu braço e comeram da minha mão. Eu tinha vontade de me encolher, mas não me encolhi. Fechei os olhos e mantive o braço firme; e senti-os debicar e comer – da minha mão, essas criaturas livres, essas coisas voadoras. Gostei daquele momento. Gostei da minha felicidade. Se estava enganada quanto à vida e aos pombos e à minha própria natureza, *naquela altura* não tinha importância.

A *piazza* estava muito silenciosa, com neve; e o Papá deitava-me grãos nas duas mãos e depois nas mangas do casaco e nos ombros do casaco, e eu fiquei extasiada numa imobilidade ainda maior, com esta ideia dele. Os pombos agitavam-se pesadamente no ar pesado, havia cada vez mais e mais, e pousavam-me nos braços e nos ombros; olhei para a Mamã e depois para o meu pai e para os pássaros pousados em mim.

Oh, fico doente ao falar de tudo isto. A felicidade existe. Deixa-me sempre um pouco maldisposta. Faz-me perder o equilíbrio.

Os pássaros pesados, e os edifícios estranhos, e a Mamã ali ao pé, e o Papá também: a Mamã está satisfeita por eu estar feliz e está um pouco ciumenta; tem ciúmes de tudo o que o Papá faz; é uma mulher com uma energia imensa; a vida não é suficientemente grande para ela; está ensopada em desperdício e boniteza. Ela sabe coisas. No entanto torna-se inflexível, e tonta, por vezes, e caprichosa; mas é alguém, e consegue muitas coisas, e quando está por perto, sentimo-la, não é possível escapar-lhe, é tão marcante, ressoa tanto, o espírito dela é tão poderoso no espaço em volta.

Se não fosse refreada pelo papá, se não estivesse apaixonada por ele, não há maneira de saber o que faria: ela não sabe. Mas consegue quase ser delicada por causa dele; ele é incrivelmente vigilante e inconstante e cansa-se; fala e seduz as pessoas; então, às vezes, eu e a Mamã ficamos por perto, como Luas; brilhamos e minguamos; e passado algum tempo, ele vem ter connosco, as Luas, a grande, e a pequena, e nós acolhemo-lo, e ele fica sempre, para minha surpresa, ele fica sempre surpreendido, como se não merecesse ser amado, como se já fosse tempo de o denunciarem.

O Papá é muito alto, e a Mamã está a olhar para nós, e o Papá unge-me uma e outra vez com os grãos. Não aguento muito mais tempo. Sinto-me alegre ou divertida ou não sei como; uma coisa que me percorre toda, como uma náusea – estou a ponto de gritar e rir, aquele riso que sai cá para fora como um cuspo ou vómito ou sabe Deus o quê, mágico, embriagado, horrível e no entanto puro, que faz de mim uma criança louca de riso. Torno-me brilhante, cintilante, suave; um anjo, uma grande criança-pássaro de riso.

Estou pronta a ser isso, mas contenho-me.

Há mais e mais pássaros perto de mim. Caminham à volta dos meus pés e debicam os grãos que caem e os que já caíram. Está um na minha cabeça. Dos que estão nos braços, alguns mexem as asas, enfunam aquelas asas frágeis, carregadas de penas, esticam-nas. Não aguento, são tão frágeis, e eu sou, naquele momento, a generosidade do mundo que os alimenta na neve.

De repente, solto um jorro de riso: não consigo evitar e os pássaros voam, mas não para longe; fazem círculos à minha volta, por cima de mim; alguns rodam

lá no alto e tombam ao voltar; voltaram todos, alguns em nuvens e bandos à deriva, alguns sozinhos e zangados, às bicadas nos outros; alguns com uma cega e abrupta afectação animal. Agarravam-se ao meu casaco e alimentavam-se. Recomeçou a nevar.

Estava ali na minha generosidade, naquela *piazza*, ao alcance da minha mãe e do meu pai.

Oh, como irá o mundo continuar? O Papá percebeu de súbito que já me chegava, que estava no limite das minhas forças – céus, ele estava sempre alerta – e pegou-me ao colo, e eu fiquei toda mole, o braço à volta do pescoço dele, e a neve caía. A Mamã aproximou-se e puxou-me o capuz mais para baixo e disse-me que tinha flocos de neve nas pestanas. Ela sabia que ele tinha percebido, e não tinha a certeza de ela ter percebido; não tinha a certeza de que ele a olhasse a ela assim com tanto cuidado. Ficou um pouco infeliz, e pôs-se a andar como um rapaz desajeitado ao nosso lado, mas era tão bonita: tinha poderes, de qualquer forma.

Fomos a um restaurante, e eu portei-me muito bem, mas não consegui comer, e então fomos para o comboio e as pessoas olhavam para nós, mas eu não era capaz de sorrir; sentia-me muito digna, muito satisfeita; uma espécie de resto – de prazer, chamemos-lhe assim – tornava a minha dignidade muito profunda, não conseguia deixar de lembrar-me dos pombos, ou de que o Papá gostava de mim de uma forma de que não gostava da Mamã; e o Papá estava alerta, a vigiar a bagagem, a vigiar os estranhos por causa de tentativas de assassínio ou o que fosse; estava de serviço; e a Mamã estava bonita e sozinha e *feliz*, desafiadora dessa maneira.

E então, sabem, o que ela fez foi acordar-me a meio

da noite quando o comboio chocalhava a subir uma encosta muito íngreme; e lá fora, visíveis porque o nosso compartimento estava escuro e o céu limpo e a lua cheia, havia montanhas, uma paisagem de montanhas por toda a parte, montanhas grandes, gigantescas, impossíveis, muito íngremes e pontiagudas e brancas de neve, e absurdas, espetando-se para um céu azul-tinta e a enterrar-se em sombras azuis, azuis, milagrosamente profundas. Não sei dizer como era: nunca tinha visto nada assim: eram coisas altas: e nós estávamos lá no alto no comboio e subíamos ainda mais, e nada daquilo era verdade, mas era, percebem. Pousei as mãos na janela e fiquei a olhar aquelas maravilhas selvagens, oblíquas, improváveis, brancura e vertigem e luar e as sombras lançadas pelo luar, que não eram reais, não eram familiares, não eram pombos, mas um mundo limpo. Ficámos sentadas muito tempo, a Mamã e eu, a olhar, e então o Papá acordou e olhou também. «Que bonito», disse, mas não percebeu realmente. Só eu e a Mamã é que percebíamos. Ela disse-lhe:

– Quando era pequena, estava sempre aborrecida, amor – pensava que nunca me ia acontecer nada – e agora estas coisas estão a acontecer – e tu aconteceste.
– Acho que ele ficou estupefacto com o amor dela a meio da noite; sorriu-lhe, oh, tão prontamente que eu tive ciúmes, mas fiquei calada, e depois de um bocado, no seu silêncio e assombro perante ela, perante nós, começou a parecer diferente de nós, da Mamã e de mim; e depois voltou a adormecer; eu e a Mamã, não; ficámos sentadas à janela e a olhar durante toda a noite, ficámos a olhar as montanhas e a Lua, o mundo limpo. Ficámos juntas a olhar.

Foi a Mamã a vencedora.

Estávamos em silêncio, e em silêncio falámos de como amávamos os homens e como os homens eram perigosos e como nos roubavam tudo por mais que lhes déssemos – mas não dissemos isto em voz alta.

Ficámos a olhar as montanhas até de madrugada, e quando veio a madrugada, foi bonito demais para mim – havia cor-de-rosa e azul e dourado, no céu, e em sítios cobertos de gelo, cor-de-rosa brilhante e clarões dourados, e a neve também era às cores, e eu disse «Oh», e suspirei; e cada instante era mais bonito que o anterior; e disse,

– Gosto muito de ti, Mamã – e então adormeci nos braços dela.

Isto é que era a felicidade, então.

[1] Tecido de lã muito quente e repelente da água produzido na região do Tirol.

[2] Sugestão pela semelhança fonética entre a palavra inglesa *pee* (chichi) e Pisanello.

Samuel Beckett

Imaginação morta imagina

Tradução de M. S. Lourenço

Samuel Beckett (1906-1989) nasceu Samuel Barclay Beckett numa família abastada de Dublin. Estudou Românicas (Francês e Italiano) em Trinity College. Entre 1928 e 1930 está em Paris, onde ensina na École Normale Supérieure. Conhece James Joyce, então já o autor admirado de *A Portrait of the Artist as a Young Man* e de *Ulisses*, escritor que exercerá sobre Beckett uma influência enorme. Em 1931 está de regresso a Dublin, ensinando Francês em Trinity College, mas demitindo-se ao fim de um ano. A instituição académica será para sempre um dos seus «ódios» de estimação. Em 1936 viaja durante um ano na Alemanha e no ano seguinte estabelece-se em Paris. Em 1938, Beckett foi esfaqueado na rua por um proxeneta. No julgamento, quando Beckett lhe perguntou por que o fizera, o homem respondeu : «Je ne sais pas, Monsieur, excusez--moi.» O episódio deixou o escritor com um pulmão perfurado. No hospital conhece Suzanne Deschevaux-Dusmenil, com quem acabará por casar, repetindo a história familiar (o pai também conhecera a mãe de Beckett, enfermeira, no hospital, quando aí internado com uma pneumonia). Suzanne apoia e protege Beckett do mundo da vida comum. Em 1969, quando recebeu o primeiro telefonema a anunciar que o marido ganhou o Prémio Nobel, exclamou: «Que catástrofe!» Durante a guerra, Beckett juntou-se à Resistência, pelo que foi condecorado pelo governo francês. Referia-se a este período perigoso e turbulento da sua vida como «coisas de escuteiros». Em 1945 volta a Paris e começa a escrever em francês. *Murphy* (1938), a trilogia *Molloy, Malone Meurt* e *L'Innomable* (1947-53), *En attendant Godot* (1952), *Watt* (1953) entre muitos outros romances, peças de teatro, textos breves, argumentos e peças radiofónicas tornaram Samuel Beckett um dos grandes autores do século xx.

Os três textos breves que incluímos nesta edição são «Imaginação morta imagina» um dos textos mais marcantes de Beckett, em tradução de M. S. Lourenço, publicada em *O Tempo e o Modo*, n.^{os} 71/72, Maio-Junho 1969; e «Ouvido no escuro» I e II, inéditos em Português, tradução da Oficina Ficções de Tradução Literária. Estes pequenos contos estão incluídos em *Collected Shorter Prose 1945-1980* (John Calder, 1984).

Nenhum traço por aí de vida, dizes, umm, não é problema, imaginação não morta, sim, bom, imaginação morta imagina. Ilhas, águas, azul, verdura, fixa, um vislumbre e desapareceu, uma eternidade, cala. Até toda branca na brancura à rotunda. Nenhuma entrada, entra, mede. Diâmetro 80 centímetros, mesma distância do chão ao topo da abóbada. Dois diâmetros em ângulo recto AB CD dividem em semicírculos ACB BDA o chão branco. No chão dois corpos brancos, cada um no seu semicírculo. Brancas também a abóbada e a parede circular altura 40 centímetros sobre a qual ela se apoia. Sai, uma rotunda sem ornamento, toda branca na brancura, entra, bate, toda sólida, soa como na imaginação o som do osso. A luz que torna tudo tão branco nenhuma fonte aparente, tudo brilha com um brilho branco igual, chão, parede, abóbada, corpos, nenhuma sombra. Calor forte, superfícies quentes ao tacto, não escaldam, corpos em suor. Volta a sair, recua, ela desa-

parece, sobrevoa, ela desaparece, toda branca na brancura, desce, volta a entrar. Vazio, silêncio, calor, brancura, espera, a luz baixa, tudo sombrio ao mesmo tempo, chão, parede, abóbada, corpos, digamos vinte segundos, todos os cinzentos, a luz apaga-se, tudo desaparece. Baixa ao mesmo tempo a temperatura, para atingir o seu mínimo, digamos zero, no instante em que se atinge o negro, o que pode parecer estranho. Espera, mais ou menos tempo, luz e calor regressam, tudo se torna branco e quente ao mesmo tempo, chão, parede, abóbada, corpos, digamos vinte segundos, todos os cinzentos, atingem o seu nível inicial, donde partira a queda. Mais ou menos tempo porque podem intervir, a experiência mostra-o, entre o fim da queda e o princípio da subida pausas de dimensões variadas, indo duma fracção de segundo até ao que teria parecido, noutros tempos, noutros lugares, uma eternidade. Mesma observação para a outra pausa, entre o fim da subida e o princípio da queda. Dos extremos, enquanto duram, a estabilidade é perfeita, o que coluna calor pode parecer estranho, a princípio. Sucede também, a experiência mostra-o, que queda e subida se interrompem em qualquer nível e fazem uma pausa, mais ou menos longa, antes de retomarem ou inverterem a subida agora queda, a queda subida, estas por sua vez para serem completadas ou para pararem pouco depois e fazerem uma pausa, mais ou menos longa, antes de retomarem ou de novo inverterem, e assim sucessivamente, antes de chegar a um ou outro extremo. Com estes altos e baixos, ressubidas e redescidas a sucederem-se em ritmos sem número, não é raro que a passagem se faça do branco ao negro e do calor ao frio e

vice-versa. Só os extremos são estáveis como é acentuado pela pulsação a ser observada quando uma pausa ocorre num estado intermediário, seja qual for o seu nível e duração. Então tudo vibra, chão, parede, abóbada, corpos, cinzento branco ou fumo ou entre os dois, como calhar. Mas é raro, a experiência mostra-o, que a passagem se faça assim. E muitas vezes, quando a luz começa a baixar e com ela o calor, o movimento prossegue continuo até que, ao fim de uns vinte segundos, o negro fechado é atingido e ao mesmo tempo digamos grau zero. Mesma observação para o movimento inverso, em direcção ao calor e à brancura. Segue-se na ordem das frequências a queda ou a subida com pausas mais ou menos longas nestes cinzentos de febre, sem que em nenhum momento se inverta o movimento. Não impede que uma vez rompido o equilíbrio, o de cima como o de baixo, a passagem ao seguinte seja infinitamente variável. Mas sejam quais forem as incertezas, o regresso mais cedo ou mais tarde a uma calma temporária parece assegurado, de momento, no negro ou a grande brancura, com temperatura aferente, mundo à prova ainda da convulsão sem tréguas. Reencontrado por milagre depois que ausência nos desertos perfeitos já não é o mesmo, deste ponto de vista, mas não há outro. Exteriormente nada mudou e o pequeno edifício duma referenciação sempre aleatória igual, a sua brancura fundindo-se na brancura circundante. Mas entra e é a calma mais breve e nunca duas vezes o mesmo tumulto. Luz e calor continuam ligados como se fornecidos por uma única e mesma fonte da qual nenhum traço ainda. Ainda no chão, dobrado em três a cabeça contra a parede em B, o cu contra a parede em A, os

joelhos contra a parede entre B e C, os pés contra a parede entre C e A, isto é inscrito no semicírculo ACB, confundindo-se com o chão se não fosse o cabelo comprido de uma brancura incerta, um corpo branco finalmente de mulher. Contido analogamente no outro semicírculo, contra a parede a cabeça em A, o cu em B, os joelhos entre A e D, os pés entre D e B, branco também igual ao chão, o companheiro. Do lado direito de ambos portanto costas para as costas cabeça para o cu. Levanta um espelho até aos lábios, embacia-se. Com a mão esquerda cada um segura a perna esquerda um pouco abaixo do joelho, com a direita o braço esquerdo um pouco acima do cotovelo. Nesta luz agitada, com grande calma branca agora tão rara e breve, a inspecção não é fácil. Apesar do espelho podiam bem passar por inanimados sem que os olhos esquerdos que em intervalos incalculáveis se arregalam bruscamente e se expõem espantados muito para lá do que é humanamente possível. Azul-pálido agudo o efeito é impressionante, a princípio. Nunca os dois olhares ao mesmo tempo excepto uma vez, quando o começo de um intersectou o fim do outro, por uns dez segundos. Nem gordos nem magros nem grandes nem pequenos, os corpos parecem intactos e em bom estado, a julgar pelas superfícies expostas à vista. Também as faces, supondo as duas vertentes uniformes, não parecem precisar nada de essencial. Entre a sua absoluta imobilidade e a luz convulsiva o contraste é impressionante, a princípio, para quem ainda se lembra de ter sido sensível ao contrário. É claro, contudo, a partir de mil pequenos sinais demasiado longos para imaginar, que não estão a dormir. Faz somente ah nada mais, neste silêncio, e

no mesmo instante para o olho da presa, um estremecimento infinitesimal instantaneamente suprimido. Deixa-os aí, a suar e gelados, há melhor noutro sítio. Não, a vida acaba e não, não há nada noutro sítio e nem pensar agora em encontrar alguma vez de novo o ponto branco perdido na brancura, para ver se eles permanecem imóveis na força desta tempestade, ou de uma tempestade pior, ou no negro fechado para sempre, ou a grande brancura imutável e, caso contrário, o que fazem.

NOTAS

Esta tradução e estas notas foram começadas em 1968 perto de Estremoz, em casa de uma amiga à memória de quem são dedicadas.

I

Imaginação morta imagina foi traduzido de *Têtes Mortes* págs. 51-57 — «Imagination morte imaginez», Ed. Minuit (1967) por autorização de quem se publica a presente versão portuguesa.
Samuel Beckett ajudou o tradutor com comentários que se publicarão a seguir. Mr. Francis Warner, St. Peter's College, Oxford, esclareceu-me muitos pontos obscuros da técnica de Beckett. Prof. Breon Mitchell, Indiana University, EUA, discutiu comigo diversas passagens e ajudou a melhorar outras.
A tradução portuguesa (1110 palavras) foi feita do original francês e constantemente comparada com a versão inglesa de Beckett. A tradução portuguesa pretende estar em equilíbrio entre a imitação e a tradução literal. Beckett ajudou a que o texto português se aproximasse mais do género imitação com as sugestões que a seguir se transcrevem.

P. 171 linha 3 Ilhas, água, [céu] azul
céu – delete if possible
P. 171 linhas 6-7 [a] mesma distância do chão até ao topo da abóbada
a – delete if possible

P. 172 linhas 1-2 toda branca na brancura, desce, [entra]
entra – volta a entrar
P. 172 linha 3 espera a luz [morre]
morre – baixa, i. e.,
same word as line 16.
Cf. also pag. 424 line 8
P. 172 linha 18 [a] mesma observação para a outra pausa
a mesma – delete *a* if possible
P. 172 linha 20 «colonne chaleur»
Image suggested by the column of mercury that shows temperature. In the rotunda the synchronized light and heat columns rising & falling.
Sense simply «du côte de la chaleur», «in the case of the heat». Perhaps «o che (?) lado temperatura».
P. 172 linha 22 a experiência mostra-o, mostra-o a experiência.
Throughout one or other of these word-orders, not not now one now the other.
Cf. p. 171 l. 22 & p. 172 28-32; p. 173 1-6.
P. 173 linhas 7-8 Cf. p. 172 1-22.
P. 173 linha 11 [a mesma.] Cf. p. 171 1-6.
P. 173 linha 20 negro, preto.
One or other throughout not now one now the other.
Cf. p. 174 24-32; p. 175 1-8.
P. 174 linhas 18-19 espantados [bastante] para lá do que é possível.
Bastante Too mild. *Far.*
P. 174 linhas 25-26 «Pour peu que les 2 versants se vaillent».
Only the left side (versant) of each face is visible, the Right being against the ground. If the hidden sides are up to the standard of the exposed, then it may be said that the faces seem to want nothing.
English translation: «assuming the two sides of a piece», «of a piece» meaning «uniform, consistent with each other».
P. 174 linha 32 Don't understand what difficulty here.
«Faites seulement ah...», «faites» in the sense of «utter». Let only a tiny ah be uttered and the bodies react by a shudder.

Do ponto de vista estético merecem uma atenção pormenorizada as indicações seguintes:
P. 171 linha 3 – na primeira versão lia-se «céu azul» que era mais uma «explicação» do que uma tradução.

P. 171 linha 6, p. 172 linha 18 – o artigo é supérfluo e a expres-são resultante fica mais compacta.
P. 172 linhas 1-2, p. 173 linha 7 – o objectivo destas emendas é fazer com que a tradução fique tão consistente como o original.
P. 174 linhas 18-19 — a expressão era fraca de mais.
Compare-se com a ideia de Pound de «dizer o que é».
Para a compreensão do texto são essenciais as indicações sobre «colonne chaleur» e «pour peu que les deux versants se vaillent».

II

A interpretação do texto é extremamente difícil e eu não estou certo de o ter interpretado correctamente. O que se vai ler portanto é apenas uma tentativa da minha exclusiva responsabilidade, i.e., Beckett não tem conhecimento dela.
Nestes termos eu dividirei o texto em quatro partes (que podem sugerir talvez capítulos do romance primitivo donde surgiu IMI).

1.ª Parte:
Nenhum traço..... imagina.

2.ª Parte:
Ilhas..... tumulto.

3.ª Parte:
Reencontrado.....dormir.

4.ª Parte:
Faz.....fazem.

1.ª Parte:
Enunciação dos temas. A vida e a imaginação. A estrutura desta parte parece ser a de um diálogo, digamos entre X e Y. Na versão inglesa é fácil reconstituir o diálogo:
X – No trace of life anywhere
Y – path
X – No difficulty there
Y – Imagination not dead yet
X – yes
Y – dead
X – Good
X – Imagination dead imagine.

Y recusa-se a aceitar que a vida acabou e que a imaginação morreu e desafia X a considerar as consequências da morte da imaginação.
Do ponto de vista sintáctico encontramos apenas um único verbo «dizes». As palavras seguem-se numa espécie de enumeração; o estilo tem um efeito cortante que resulta de se ocultar a forma (primitiva?) de diálogo sob a pontuação. Repare-se que na forma de diálogo os verbos desaparecem totalmente.
A enumeração é um artifício sintáctico cujo efeito completo só é explorado na 2.ª e 3.ª Partes; o seu uso na 1.ª Parte é o de anunciar o seu aparecimento ulterior.
Os substantivos mais importantes são, obviamente, «vida» e «imaginação» que indicam o tema do livro. A seguir vem «traço» que aparecerá também mais tarde quando se discutir a origem da fonte luminosa.

2.ª Parte:

É o complemento directo de «imagina», do fim da 1.ª Parte.
As ilhas, as águas, o céu azul, etc. desaparecem como resultado da morte da imaginação. São substituídos por um novo mundo sem objectos que correspondem aos antigos objectos ilhas, céu azul, etc. e sem outras cores além do branco (e do preto). Desaparece o azul do antigo mundo.
O novo mundo tem a forma de uma rotunda com três pés de diâmetro e três pés de flecha, i.e., do chão até ao topo da abóbada.
Da abóbada origina-se uma parede circular com 18 polegadas de altura.
A rotunda não tem rugosidades nem elevações, é «plain» uma palavra que serve para indicar que é clara (cf. latim «clarus», branco) simples ou não ornamentada e plana (cf. latim «planum»); é sólida e tem a forma de um anel.
O branco provém de uma linha de que se não pode «traçar» a origem; o brilho é uniforme e igual sem permitir a transição entre a luz e a sombra.
O calor é forte e as superfícies (presumivelmente as paredes e os corpos que jazem no chão) não escaldam ao tacto mas estão quentes.
O aspecto geral da rotunda é pois o de vazio, silêncio, calor e a brancura que já conhecemos. A luz, na rotunda, transita do branco para o preto, escurece os corpos, a parede e a abóbada e depois desaparece e consigo tudo desaparece. Directamente relacionada com a luz está a temperatura, que desce quando a luz se afasta do branco e sobe quando a luz se aproxima do branco.

Os pontos «branco» e «preto» e os seus correspondentes térmicos (ponto congelação e talvez ponto de fusão) parecem ser identificáveis; o movimento é seguramente simétrico e por isso ocorre perguntar quanto tempo se passa em cada extremo. Sabe-se que existem pausas de duração

variável, mas a interpretação mais plausível é que as pausas sejam de duração *relativa,* uma vez que o texto fala de «outros tempos» e «outros lugares» sugerindo talvez outros referenciais.

Os fenómenos da rotunda são agora caracterizados com mais pormenor. Não é necessário que cada movimento seja completo. Pode suceder que existam pausas ou descontinuidades e após uma dessas pausas uma de duas direcções pode ser tomada: ou a direcção que se seguia quando o movimento foi interrompido ou a direcção inversa.

À estabilidade dos extremos está associado o fenómeno da vibração. A vibração tem lugar quando ocorre uma pausa. Vibram os corpos, a parede, a abóbada.

Estas passagens «incertas» (os movimentos incompletos e as pausas) não são vulgares. Em geral mesmo que a luz comece a enfraquecer o movimento continua sem pausas; ou então há pausas no ponto C (cinzento) sem inversão de movimento depois deste retomado. Quaisquer que sejam as incertezas a tendência no entanto deste sistema físico é para o equilíbrio ou a «calma» (repouso quente).

3.ª Parte:

Esta parte começa com uma alusão à redescoberta do mundo, i.e. a rotunda depois de uma ausência no vazio. Parece que depois desta ausência no vazio a rotunda não parece ser exactamente a mesma mas não há outra. A contingência é afirmada no período seguinte: os fenómenos já conhecidos da brancura fundindo-se na brancura circundante e a ligação entre a luz e o calor são repetidos. Não sabemos ainda qual é a origem da luz.

Os dois corpos estão no chão nas posições que são claramente descritas no texto. Repare-se no entanto que os corpos jazem no chão, de modo que só se vê metade do rosto de cada um. As posições têm uma sugestão uterina e não é de admirar que o princípio e o fim se encontrem. Sabemos finalmente que se trata de uma mulher e de um homem com algumas manifestações de vida, alguns *residua* (v.g. o espelho embacia-se). Mas a sugestão de morte é intensa em «os corpos parecem intactos e em bom estado».

4.ª Parte:

Na última parte sugere-se um regresso à forma de diálogo da 1.ª Parte (o que daria ao livro uma estrutura simétrica). A mensagem esotérica deste escrito é agora entregue. «Faz somente ah nada mais neste silêncio». Concebe-se a hipótese de abandonar a rotunda, deixá-los a suar e gelados, porque há melhor noutro sítio.

Afinal descobre-se um pouco à maneira de Leibniz que não há nada melhor noutro sítio.

Formalmente o problema principal posto pelos *Residna* (de que fazem parte este texto, «Assez» e «Bing») é o das fronteiras entre poesia e prosa. Classicamente não houve nunca dificuldade em distinguir uma espécie de outra. O fenómeno vulgarmente descrito por «prosa poética» foi sempre integrável em termos clássicos.

A primeira grande dificuldade surgiu com «Finnegans Wake» em que os traços visíveis da poesia (ritmo, rima, sintaxe, vocabulário) são usados demasiado sistematicamente para que se possa falar apenas de prosa poética. Becket em «Comment c'est» (How it is) escreve deliberadamente em grupos tipográficos que se assemelham à forma de estância e utiliza também aí todos os ingredientes habituais da poesia. *Imaginação morta imagina* está nesta linha de evolução. O leitor verificará que o ritmo, o vocabulário e a sintaxe pertencem obviamente à poesia.

Assim este novo tipo de escrita exige do leitor uma alteração de ponto de vista. Estes textos não podem ser apreciados nem pelas regras convencionais da prosa nem pelas regras convencionais da poesia. Estes textos estabelecem eles próprios as suas regras e o leitor só os poderá julgar quando tiver descoberto a ideia subjacente à nova maneira de escrever. E a ideia é, tanto quanto eu percebo, a de uma aproximação com a poesia que no limite seja a identificação entre a prosa e a poesia. É claro que nem todas as espécies de poesia nos ajudam a entrar nos escritos de Beckett. Mas no geral, a experiência poética contemporânea visa o mesmo fim. Desde Pound que se define Poesia em termos de condensação, de linguagem reduzida. (Note-se, de passagem, que contra um preconceito enraizado, a língua portuguesa mostrou mais uma vez ser tão ou mais sintética do que qualquer outra. O texto francês de Beckett tem 1196 palavras e a tradução portuguesa 1110, i.e., menos 86 do que o original.)

No limite um poema será formado por uma única palavra que, como diz Fenolossa, será como um sol, com uma coroa e uma cromosfera.

M. S. Lourenço

Samuel Beckett

Ouvido no escuro I e II

Tradução da Oficina Ficções de Tradução Literária (Filipa Vala, Ana Gomes, Susana Serrão, Luís Rodrigues, Luísa Costa Gomes). Versão final Luísa Costa Gomes/Revisão final M. S. Lourenço

Heard in the dark I

The last time you went out the snow lay on the ground. You now lying in the dark stand that morning on the sill having pulled the door gently to behind you. You lean back against the door with bowed head making ready to set out. By the time you open your eyes your feet have disappeared and the skirts of your greatcoat come to rest on the surface of the snow. The dark scene seems lit from below. You see yourself at that last outset leaning against the door with closed eyes waiting for the word from you to go. You? To be gone. Then the snowlit scene. You lie in the dark with closed eyes and see yourself there as described making ready to strike out and away across the expanse of light. You hear again the click of the door pulled gently to and the silence before the steps can start. Next thing you are on your way across the white pasture afrolic with lambs in spring and strewn with red placentae. You take the course you always take which is a beeline for the gap or ragged point in the quickset that forms the western fringe. Thither

Ouvido no escuro I

Da última vez que saíste a neve cobria o chão. Agora deitado no escuro estás nessa manhã de pé na soleira depois de puxares com cuidado a porta atrás de ti. Encostas-te à porta de cabeça baixa preparando-te para partir. Quando abres os olhos os teus pés desapareceram e as abas do sobretudo aquietam-se na superfície da neve. A cena escura parece iluminada de baixo. Vês-te nessa última partida encostado à porta de olhos fechados à espera da tua palavra para ires. Tu? Desaparecer. Depois a cena iluminada de neve. Estás deitado no escuro de olhos fechados e vês-te ali como descrito preparando-te para largar e para longe atravessando a extensão de luz. Ouves outra vez o clique da porta fechada devagar e o silêncio antes que os passos possam começar. Logo a seguir estás a caminho pelo pasto branco retoiçado de carneiros na Primavera e salpicado de placentas vermelhas. Tomas o rumo que sempre tomas que é uma abertura ou falha em serra na sebe que for-

from your entering the pasture you need normally from eighteen hundred to two thousand paces depending on your humour and the state of the ground. But on this last morning many more will be necessary. Many many more. The beeline is so familiar to your feet that if necessary they could keep to it and you sightless with error on arrival of not more than a few feet north or south. And indeed without any such necessity unless from within this what they normally do and not only here. For you advance if not with closed eyes though this as often as not at least with them fixed on the momentary ground before your feet. That is all of nature you have seen. Since you finally bowed your head. The fleeting ground before your feet. From time to time. You do not count your steps any more. For the simple reason they number each day the same. Average day in day out the same. The way being always the same. You keep count of the days and every tenth night multiply. And add. Your father's shade is not with you anymore. It fell out long ago. You do not hear your footfalls any more. Unhearing unseeing you go your way. Day after day. The same way. As if there were no other any more. For you there is no other any more. You used never to halt except to make your reckoning. So as to plod on from nought anew. This need removed as we have seen there is none in theory to halt anymore. Save perhaps a moment at the outermost point. To gather yourself together for the return. And yet you do. As never before. Not for tiredness. You are no more tired now than you always were. Not because of age. You are no older now than you always were. And yet you halt as never before. So that the same hundred yards you used to cover in a matter of three to four minutes may now take you anything from fifteen to twenty.

ma a orla ocidental. Desde a entrada no pasto levas normalmente de mil e oitocentos a dois mil passos dependendo do teu humor e do estado do terreno. Mas nesta última manhã serão precisos muitos mais. Muitos muitos mais. Os teus pés conhecem tão bem o atalho que se necessário poderiam segui-lo e tu sem vista com um erro à chegada de não mais de um metro para norte ou para sul. E de facto sem tal necessidade a não ser a partir de dentro normalmente é isso que fazem e não apenas aqui. Porque tu avanças se não de olhos fechados embora a maior parte das vezes pelo menos com eles fixos no chão momentâneo à frente dos pés. É tudo o que viste da natureza. Desde que finalmente baixaste a cabeça. O chão fugidio debaixo dos pés. De vez em quando. Já não contas os passos. Pela simples razão de que o seu número é todos os dias o mesmo. Em média dia sim dia não o mesmo. Sendo o caminho sempre o mesmo. Contas os dias e à décima noite multiplicas. E somas. A sombra do teu pai já não está contigo. Desapareceu há muito. Já não ouves o som dos teus passos. Sem ouvir sem ver segues o teu caminho. Dia após dia. O mesmo caminho. Como se já não houvesse outro. Para ti já não há outro. Nunca paravas a não ser para fazer os teus cálculos. Para te ires arrastando de novo do zero. Removida tal necessidade como vimos não há em teoria mais nenhuma que faça parar. Fora talvez um momento no ponto mais extremo. Para te reunires para o regresso. E no entanto fá-lo. Como nunca dantes. Não pelo cansaço. Não estás agora mais cansado do que dantes. Não pela idade. Não estás agora mais velho do que dantes. E no entanto paras como nunca dantes. De modo que as mesmas cem jardas que cobri-

The foot falls unbidden in midstep or next for lift cleaves to the ground bringing the body to a stand. Then a speechlessness whereof the gist, Can they go on? Or better, Shall they go on? The barest gist. Stilled when finally as always hitherto they do. You lie in the dark with closed eyes and see the scene. As you could not at the time. The dark cope of sky. The dazzling land. You at a standstill in the midst. The quarterboots sunk to the tops. The skirts of the greatcoat resting on the snow. In the old bowed head in the old block hat speechless misgiving. Halfway across the pasture on your beeline to the gap. The unerring feet fast. You look behind you as you could not then and see their trail. A great swerve. Withershins. Almost as if all at once the heart too heavy. In the end too heavy.

Heard in the dark II

Bloom of adulthood. Try a whiff of that. On your back in the dark you remember. Ah you remember. Cloudless May day. She joins you in the little summerhouse. Entirely of logs. Both larch and fir. Six feet across. Eight from floor to vertex. Area twenty-four square feet to the furthest decimal. Two small multicoloured lights vis-à-vis. Small stained diamond panes. Under each a ledge. There on summer Sundays after his midday meal your father loved to retreat with Punch and a cushion. The waist of his trousers unbuttoned he sat on the one ledge and turned the pages. You on the other your feet dangling. When he chuckled you tried to chuckle too. When his chuckle died yours too. That you should try to imitate his chuckle pleased and amused him greatly and sometimes he

as em três a quatro minutos agora te levam algo como de quinze a vinte. O pé cai sem se lhe pedir a meio passo ou o próximo a subir pega-se ao chão fazendo o corpo parar. Então uma falta de fala daí o nó da questão, Podem continuar? Ou melhor, Devem continuar? O nó mais nu. Estacado quando enfim como sempre até ali continuam. Estás deitado no escuro de olhos fechados e vês a cena. Como na altura não podias. A cúpula negra de céu. A terra deslumbrante. Tu num ponto morto no meio. As botas enterradas até cima. As abas do grande sobretudo repousando na neve. Na velha cabeça curvada no velho boné de pala sem fala duvidando. A meio caminho através do pasto no teu atalho para a abertura. Os rápidos pés não errantes. Olhas para trás como então não podias e vês-lhes o rasto. Uma grande curva. Em contrasenso. Quase como se de repente o coração pesado demais. No fim pesado demais.

Ouvido no escuro II

Flor da idade adulta. Prova um cheirinho dela. De costas no escuro recordas. Ah, recordas. Dia de Maio sem nuvens. Ela vai ter contigo à pequena casa de Verão. Toda de troncos. De pinheiro e abeto. Seis pés de comprido. Oito do chão ao vértice. Área vinte e quatro pés quadrados até à última casa decimal. Duas luzes pequenas multicolores frente a frente. Vitrais pequenos em losango. Sob cada um deles um peitoril. Ali nos dias de Verão depois da refeição do meio-dia gostava o pai de se retirar com o *Punch* e uma almofadinha. Desabotoada a cintura das calças sentava-se num peitoril e vi-

would chuckle for no other reason than to hear you try to chuckle too. Sometimes you turn your head and look out through a rose-red pane. You press your little nose against the pane and all without is rosy. The years have flown and there at the same place as then you sit in the bloom of adulthood bathed in rainbow light gazing before you. She is late. You close your eyes and try to calculate the volume. Simple sums you find a help in times of trouble. A haven. You arrive in the end at seven cubic yards approximately. Even still in the timeless dark you find figures a comfort. You assume a certain heart rate and reckon how many thumps a day. A week. A month. A year. And assuming a certain lifetime a lifetime. Till the last thump. But for the moment with hardly more than seventy American billion behind you you sit in the little summerhouse working out the volume. Seven cubic yards approximately. This strikes you for some reason as improbable and you set about your sum anew. But you have not got very far when her light step is heard. Light for a woman of her size. You open with quickening pulse your eyes and a moment later that seems an eternity her face appears at the window. Mainly blue in this position the natural pallor you so admire as indeed for it no doubt wholly blue your own. For natural pallor is a property you have in common. The violet lips do not return your smile. Now this window being flush with your eyes from where you sit and the floor as near as no matter with the outer ground you cannot but wonder if she has not sunken to her knees. Knowing from experience that the height or length you have in common is the sum of equal segments. For when bolt upright or lying at full strech you cleave front to front then your knees touch and your pubes and the hairs of your heads mingle. Does

rava as páginas. Tu no outro com os pés a baloiçar. Quando ele se ria tu tentavas rir como ele também. Quando morria o riso dele o teu também. Que tentasses imitar o riso dele agradava-lhe e divertia-o imenso e às vezes ria só para te ouvir tentar rir como ele. Às vezes viras a cabeça e olhas para fora pela vidraça rosa-vermelha. Espalmas o narizinho contra o vidro e lá fora tudo é rosado. Os anos voaram e ali no mesmo sítio de então sentas-te na flor da idade adulta banhado na luz do arco-íris a olhar em frente. Está atrasada. Fechas os olhos e tentas calcular o volume. Somas simples são uma ajuda nos momentos difíceis. Um abrigo. Enfim chegas a sete jardas-cúbicas aproximadamente. Mesmo imóvel no escuro intemporal achas consolo nos números. Supões um certo ritmo cardíaco e calculas quantas batidas por dia. Uma semana. Um mês. Um ano. E supondo um certo tempo de vida o tempo de vida. Até à última batida. Mas de momento com pouco mais de setenta biliões americanos atrás de ti sentas-te na casinha de Verão a calcular o volume. Sete jardas cúbicas aproximadamente. O que te impressiona de algum modo como improvável e recomeças a soma. Mas não chegaste muito longe quando se ouve o leve passo dela. Leve para uma mulher do tamanho dela. Abres com o pulso acelerando os olhos e passado um momento que parece uma eternidade a cara dela aparece à janela. Sobretudo azul nesta posição a palidez natural que tanto admiras como sem dúvida também a tua toda azul. Porque a palidez natural é uma propriedade que têm em comum. Os lábios roxos não devolvem o teu sorriso. Ora estando a janela ao nível dos teus olhos de onde te sentas e o chão tão ao nível do solo exterior como

it follow from this that the loss of height for the body that sits is the same as for it that kneels? At this point assuming level of seat adjustable as in the case of certain piano stools you close your eyes the better with mental measure to measure and compare the first and second segments namely from sole to kneepad and thence to pelvic girdle. How given you were both moving and at rest to the closed eyes in your waking hours! By day and by night. To that perfect dark. That shadowless light. Simply to be gone. Or for affair as now. A single leg appears. Seen from above. You separate the segments and lay them side by side. It is as if you half surmised. The upper is the longer and the sitter's loss the greater when seat at knee level. You leave the pieces lying there and open your eyes to find her sitting before you. All dead still. The ruby lips do not return your smile. Your gaze moves down to the breasts. You do not remember them so big. To the abdomen. Same impression. Dissolve to your father's straining against the unbuttoned waistband. Can it be she is with child without your having asked for as much as her hand? You go back into your mind. She too did you but know it has closed her eyes. So you sit face to face in the little summerhouse. With eyes closed and hands on knees. In the bloom of your adulthood. In that rainbow light. That dead still.

pode estar não podes deixar de pensar se ela não se terá deixado cair de joelhos. Sabendo por experiência que a altura ou comprimento que têm em comum é a soma de segmentos iguais. Que quando hirtos de pé ou deitados a todo o comprimento encaixam frente com frente então os joelhos tocam-se e os púbis e os cabelos da cabeça misturam-se. Seguir-se-á daqui que a perda de altura do corpo que se senta é a mesmo da do que ajoelha? Neste ponto assumindo nível de assento regulável como no caso de certos bancos de piano fechas os olhos para melhor com medida mental medir e comparar o primeiro e o segundo segmentos nomeadamente da sola à joelheira e daí à cintura pélvica. Como eram ambos dados tanto movendo-se como em repouso aos olhos fechados nas vossas horas de vigília! De dia e de noite. A essa escuridão perfeita. A essa luz sem sombra. Simplesmente desaparecer. Ou para um caso como agora. Aparece uma perna só. Vista de cima. Separas os segmentos e pousa-los lado a lado. É como quase adivinhaste. O de cima é o mais comprido e a perda do sentado é maior com o assento ao nível do joelho. Deixas ali os bocados e abres os olhos para a encontrares sentada à tua frente. Imobilidade de morte. Os lábios de rubi não devolvem o teu sorriso. O teu olhar desce até aos seios. Não te lembravas deles tão grandes. Ao abdómen. Mesma impressão. Funde para a teu pai a lutar com a cintura desabotoada. Estará ela de bebé sem lhe teres sequer pedido a mão? Voltas para o teu espírito. Ela também é só o que tu sabes fechou os olhos. Ficam sentados frente a frente na casinha de Verão. De olhos fechados e mãos nos joelhos. Na flor da vossa idade adulta. Na luz de arco-íris. No silêncio de morte.

FICÇÕES n.º 1 (1.º semestre de 2000)
Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekov | Italo Svevo | Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia

FICÇÕES n.º 2 (2.º semestre de 2000)
Denis Diderot | Horace Walpode | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente

FICÇÕES n.º 3 (1.º semestre de 2001)
Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzatti | Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto

FICÇÕES de férias (Julho de 2001)
Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladímir Nabókov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice Lispector | John Updike | David Lodge

FICÇÕES n.º 4 (2.º semestre de 2001)
Ambrose Bierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar

FICÇÕES n.º 5 (1.º semestre de 2002)
Heinrich von Kleist | Tommaso Landolfi | Jorge de Sena | Susan Sontag | Hans Dekkers | José Mourão | Brigitte Martinez

FICÇÕES de comer (Julho de 2002)
Marcel Schwob | O. Henry | M. Teixeira Gomes | Robert Walser | Heinrich Böll | William Maxwell | José Cardoso Pires | Dino Buzzati | Woody Allen | Graham Greene | István Örkény | Patricia Highsmith | Andre Dubus | Kazuo Ishiguro

FICÇÕES n.º 6 (2.º semestre de 2002)
Voltaire | Conde de Ficalho | Edith Wharton | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Natalia Ginzburg | Kóstas Takhtzís | Giuseppe Pontiggia | Mary Lydon

FICÇÕES de humor (Abril de 2003)
Boccaccio | Marquês de Sade | Fiódor Dostoievski | O. Henry | Jerome K. Jerome | Saki | P. G. Wodehouse | Enrique Jardiel Poncela | Ring Lardner | Dezsö Kosztolányi | James Thurber | Boris Vian | Mário Benedetti | Woody Allen | Raymond Queneau | Alexandre O'Neill

FICÇÕES n.º 7 (1.º semestre de 2003)
Guy de Maupassant | Katherine Mansfield | Robert Musil | Goerges Perec | Maria Ondina Braga | André Ricardo Aguiar

FICÇÕES de bichos (Julho de 2003)
Machado de Assis | Aquilino Ribeiro | Virginia Woolf | Graciliano Ramos | Carlos de Oliveira | Bernard Malamud | Jorge de Sena | Ingeborg Bachmann | Agustina Bessa-Luís | Panos Karnezis | Maria Velho da Costa

FICÇÕES n.º 8 (2.º semestre de 2003)
Ramalho Ortigão | Elizabeth Bishop | Ray Bradbury | Villiers de L'Isle-Adam | Doris Lessing | Augusto Abelaria | José Rodrigues Miguéis

FICÇÕES n.º 9 (1.º semestre de 2004)
Prosper Mérimée | Leopold von Sacher-Masoch | Júlio Dantas | Cesare Pavese | Hannes Pétursson | Fernando Sorrentino | Robert Coover | Óscar de Sá | Artur Manuel Pires

FICÇÕES de guerra (Julho de 2004)
Alexandre Herculano | Villiers de L'Isle-Adam | Rudyard Kipling | William Carlos Williams | Andrei Platónov | Graham Greene | José Martins Garcia | Giuseppe Pontiggia

FICÇÕES n.º 10 (2.º semestre de 2004)
Guy de Maupassant | H. G. Wells | Zhang Tianyi | Jane Bowles | E. M. Forster | John Updike | Ingo Schulze

FICÇÕES n.º 11 (1.º semestre de 2005)
André Gide | Witold Gombrowicz | Italo Calvino | Albert Camus | Ethan Coen | Gianni Celati

FICÇÕES de filmes (Julho de 2005)
Gérard de Nevral | Fedor Dostoievski | Ernest Hemingway | F. Scott Fitzgerald | Jorge Luis Borges | Ingmar Bergman | Paul Auster

FICÇÕES n.º 12 (2.º semestre de 2005)
Heinrich von Kleist | Gérard de Nerval | Heinz von Lichberg | Paul Valéry | Branquinho da Fonseca | John Cheever | A. S. Byatt

FICÇÕES n.º 13 (1.º Semestre de 2006)
George Sand | Katherine Mansfield | Elizabeth Bishop | M. John Harrison | Ursula Le Guin | A. S. Byatt | Enrique Vila-Matas

FICÇÕES n.º 14 (2.º Semestre de 2006)
Denis Diderot | Alphonse Daudet | O. Henry | Sherwood Anderson | Willa Cather | Peter Carey | Shi Tiesheng | Xosé Martínez Oca | J.M. Coetzee

A *Ficções* 15 abre com um dos pouquíssimos contos de Jacques Prévert, *Recordações de família ou o anjo da guarda prisional* (em tradução de Graça Macedo), uma verdadeira jóia do humor e da verve culta, profunda e realmente verrinosa do autor de *Paroles*. De Eudora Welty, autora americana inédita em português, inclui-se o famoso *Porque vivo no posto dos Correios,* em tradução de Paula Elyseu Mesquita; José Lima traduziu *À procura do Sr. Green*, de Saul Bellow, o grande autor de contos como *A theft* ou *The Bellarosa connection* também inéditos em português e de romances como *The Adventures of Augie March* e *Herzog*. Jean Giono escreveu em 1953 uma narrativa de intenção pedagógica, *O homem que plantava árvores*, que felizmente transborda dessa intenção, elevando-se a universal canto de amor. A tradução é de Luísa Costa Gomes. De um dos grandes autores de ficção científica e fantástico, Philip K. Dick, a *Ficções* publica *A formiga eléctrica*, em tradução de Luís Rodrigues. E de Fay Weldon, *Fim-de-semana*, o extenuante conto de uma das principais autoras britânicas, em tradução de Conceição Castel-Branco. Ana Gomes traduziu um dos contos mais extraordinários de Harold Brodkey, *Verona: fala uma rapariga,* um prodígio de sensibilidade e encantamento. Por fim, este número da *Ficções* integra três pequenos contos de Samuel Beckett, *Imaginação morta imagina,* que M. S. Lourenço traduziu do inglês para a revista *O Tempo e o Modo* em 1969, em diálogo com o autor; e *Ouvido no escuro I* e *II*, em tradução da Oficina Ficções de Tradução Literária. Estes três pequenos textos são dados em edição bilingue.

9 789722 118811

PVP: € 12,00